



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA
Escola Superior de Educação de Beja
Mestrado em Psicogerontologia Comunitária

**Participação comunitária e sentimento de comunidade em
reformados da cidade de Serpa**

Armindo Manuel Soares Mendes

**Beja
2014**

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA
Escola Superior de Educação de Beja
Mestrado em Psicogerontologia Comunitária

**Participação comunitária e sentimento de comunidade em
reformados da cidade de Serpa**

Dissertação de mestrado apresentada na Escola Superior de Educação de Beja

Elaborado por:

Armindo Manuel Soares Mendes

Orientado por:

Doutora Maria Cristina Campos de Sousa Faria

**Beja
2014**

Resumo

Tendo por base a relação da participação comunitária com o sentimento de comunidade descrita na literatura, o presente estudo pretendeu investigar o papel dos diferentes tipos de participação comunitária no sentimento de comunidade, assim como explorar o papel das variáveis sociodemográficas e dos fatores intrapessoais, interpessoais e estruturais na participação (determinantes da participação). Para tal foram adaptados à população portuguesa o Australian Community Participation Questionnaire e o Sense of Community Index 2 e construiu-se o Inventário de Determinantes da Participação Comunitária para recolha de informação individual sobre os determinantes da participação comunitária descritos na literatura, instrumentos que se revelaram adequados na avaliação destas variáveis.

Foram envolvidos neste estudo 229 residentes da cidade de Serpa, 122 em situação de não reforma e 107 reformados. A sua totalidade foi envolvida nos procedimentos de validação dos instrumentos. Nos procedimentos com vista a dar resposta às questões orientadoras do estudo foram apenas envolvidos os reformados.

Os resultados apontam para baixos níveis de contacto social com os colegas de trabalho, educação de adultos, prática religiosa, atividades organizadas da comunidade, atividades do setor do voluntariado, expressão pública de opiniões, ativismo comunitário e protesto político. Foram encontradas relações significativas entre algumas variáveis sociodemográficas e a participação comunitária, nomeadamente o sexo, o estado civil, a situação profissional, o nível profissional, as habilitações escolares, o rendimento, o tempo de residência e o agregado familiar. No que respeita à relação com o sentimento de comunidade, foram encontradas correlações significativas com o nível global de participação, com a amplitude da participação e com a maioria dos tipos de participação, à exceção do contacto com as pessoas do agregado familiar, o contacto com a família alargada, o contacto social com os colegas de trabalho e o protesto político.

Apesar de encontradas relações com todos os determinantes da participação, as suas correlações com os níveis de participação são mais significativas nos fatores intrapessoais, nomeadamente na atitude face à participação comunitária e na satisfação consigo e com as suas competências. Os resultados parecem indicar que os pressupostos do Modelo de Restrição ao Lazer podem ser aplicados à participação comunitária, uma vez que a correlação encontrada com os níveis de participação diminui dos fatores intrapessoais para os intrapessoais e destes para os estruturais.

A partir dos resultados obtidos é apresentada uma proposta de um projeto de intervenção designado de *refromATIVA* desenhada com o objetivo de melhorar os níveis de participação comunitária e de sentimento de comunidade dos reformados da cidade.

Palavras-chave: reformados, capital social, participação comunitária, sentimento de comunidade, determinantes da participação comunitária

Abstract

Based on the relationship of community participation with the sense of community described in the literature, the present study intended to investigate the role of different types of community participation in sense of community as well as to explore the role of sociodemographic variables and intrapersonal, interpersonal and structural factors on participation (determinants of participation). To do this we adapted to the Portuguese population the Australian Community Participation Questionnaire and the Sense of Community Index 2 and built the Community Participation Determinants Inventory to collect individual information about the determinants of community participation described in the literature, instruments which have shown to be adequate to evaluate these variables.

A sample of 229 residents of the town of Serpa were involved, 122 not retired and 107 retirees. The whole sample was involved in the validation procedures of instruments. Only the retirees were involved in the procedures undertaken to answer to the guiding questions of the study.

The results indicate low levels of social contact with workmates, adult learning, religious observance, organized community activities, voluntary sector activity, expressing opinions publicly, community activism and political protest. Significant relationships between sociodemographic variables and community participation, including gender, marital status, employment status, professional level, educational level, income, length of residence and the household were found. Regarding the relationship with the sense of community, significant correlations were found with the overall level of participation, with the breadth of participation and with most types of participation, except for contact with immediate household, contact with extended family, social contact with workmates and political protest.

Despite of found relations with all determinants of participation, their correlations with the levels of participation are most significant in the intrapersonal factors, including the attitude towards community participation and one's satisfaction with himself and his own skills. The results seem to indicate that the assumptions of the Leisure Constraint Model can be applied to community participation, since the correlation with the levels of participation decreases between intrapersonal to intrapersonal factors and from these to structural ones.

Based on these results it is presented a proposal for an intervention project designated *refromATIVA* designed with the aim of improving levels of community participation and sense of community of the retirees of the city.

Keywords: retirees, social capital, community participation, sense of community, community participation determinants

Agradecimentos

O presente trabalho é resultado de uma caminhada árdua mas, nem por isso, menos gratificante. Apesar de maioritariamente se tratar de um trabalho solitário, não posso deixar de agradecer a um grupo de pessoas sem as quais esta tarefa teria sido, senão impossível, bastante mais dificultada.

Agradeço em primeiro lugar à Professora Doutora Maria Cristina Faria pelos momentos de partilha e de orientação desta investigação.

Agradeço ao Professor Doutor Cesário Almeida pelo importante apoio no tratamento estatístico dos dados recolhidos.

Agradeço a todos os professores do Mestrado em Psicogerontologia Comunitária que, através dos sábios momentos de partilha, me ajudaram a desenvolver competências nesta área e a definir o âmbito deste projeto de investigação.

Agradeço a David Chavis, PhD, e a Hellen Berry, PhD, pela recetividade e pelo consentimento da utilização das escalas que desenvolveram.

Agradeço às Professoras Maria Teresa Cancelli Abreu Paiva e Pona e Ana Sofia Correia pelo magnífico e célere trabalho de tradução das escalas.

Agradeço à Câmara Municipal de Serpa, à União de Freguesias de Salvador e Santa Maria e à Rota do Guadiana pelo incentivo e pela abertura ao envolvimento dos públicos das suas respostas neste estudo.

Agradeço a todos os participantes pela sua disponibilidade, simpatia e incentivo.

Agradeço ainda a todos aqueles que, pelo seu apoio, tornaram mais fácil o processo de recolha de dados.

Agradeço à minha família, em especial aos meus pais, pelo incentivo e apoio na realização deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos, em particular àqueles que de perto me acompanharam durante este processo, e que sempre me deram uma palavra de incentivo.

A todos, muito obrigado.

Índice geral

Resumo	I
Abstract	III
Índice de quadros	IX
Lista de abreviaturas e siglas	XIII
Introdução	1
Parte I – Enquadramento teórico	5
1. Envelhecimento e envelhecimento ativo	5
1.1. Envelhecimento	5
1.2. Envelhecimento ativo	7
2. Participação comunitária, capital social e sentimento de comunidade	9
2.1. Participação comunitária	9
2.2. Determinantes da participação comunitária	13
2.3. Capital social	22
2.4. Sentimento de comunidade	23
Parte II – Estudo empírico	29
3. Metodologia	30
3.1. Participantes	30
3.2. Instrumentos	31
3.2.1. Australian Community Participation Questionnaire	31
3.2.2. Sense of Community Index 2	35
3.2.3. Inventário de Determinantes da Participação Comunitária	36
3.2.4. Variáveis sociodemográficas	37
3.3. Procedimento	38
3.4. Tratamento dos dados	39
4. Apresentação dos resultados	44
4.1. Caracterização dos participantes	44
4.2. Estudo psicométrico dos instrumentos	50
4.2.1. Adaptação do Australian Community Participation Questionnaire (ACPQ, Berry, Rodgers e Dear, 2007) para a população portuguesa	50

4.2.2. Adaptação do Sense of Community Index – 2 (SCI-2, Chavis, Lee e Acosta, 2008) para a população portuguesa.....	67
4.2.3. Inventário de Determinantes da Participação Comunitária.....	77
4.3. Participação comunitária e sentimento de comunidade	91
4.3.1. Participação comunitária.....	91
4.3.2. Sentimento de comunidade	101
4.3.3. Participação comunitária e sentimento de comunidade	104
4.3.4. Determinantes da participação comunitária	109
4.3.5. Determinantes da participação comunitária e sentimento de comunidade	120
5. Análise e discussão dos resultados	121
Parte III – Projeto de intervenção	133
6. Proposta do projeto de intervenção <i>refromATIVA</i>	133
6.1. Fundamentação do projeto de intervenção.....	133
6.2. Designação do Projeto	136
6.3. Objetivos	137
6.4. Profissionais envolvidos na dinamização e liderança do projeto.....	137
6.5. Público-alvo	138
6.6. Planificação da intervenção	138
6.7. Desenvolvimento sucinto das atividades a propor	140
6.8. Avaliação do projeto	142
6.9. Cronograma.....	143
Conclusões.....	145
Referências bibliográficas.....	153
Apêndices	157
Apêndice I – Guião de construção do IDPC.....	159
Apêndice II – Instrumento de recolha de dados	165

Índice de quadros

Quadro I – Distribuição dos participantes por situação profissional atual e por sexo	43
Quadro II – Participantes por estado civil e estado profissional	44
Quadro III – Participantes por categoria profissional e estado profissional	45
Quadro IV – Participantes por habilitações escolares e estado profissional	45
Quadro V – Participantes por total de rendimentos do agregado e estado profissional	46
Quadro VI – Participantes por zona de residência e estado profissional	48
Quadro VII – Participantes por tipo de agregado familiar e estado profissional	48
Quadro VIII – Média, desvio padrão, máximos e mínimos para idade, tempo de aposentação e tempo de residência	49
Quadro IX – Consistência interna (α) da escala total (ACPQ), de cada dimensão e subescala e valores da mediana e desvio padrão por item, dimensão e subescala	50
Quadro X – Consistência interna (α) das percepções sobre a participação comunitária e valores da mediana e desvio padrão por item e tipo de percepção	52
Quadro XI – Valores próprios e variância explicada de cada um dos 14 fatores retidos no ACPQ após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais seguida de uma rotação Varimax	54
Quadro XII – Pesos fatoriais de cada item dos 14 fatores retidos no ACPQ após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax	56
Quadro XIII – Valores próprios e variância explicada de cada um dos 3 fatores retidos como dimensões do ACPQ após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax	58
Quadro XIV – Pesos fatoriais de cada item dos 3 fatores retidos como dimensões do ACPQ após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax	59
Quadro XV – Correlação do tipo Spearman (ρ) entre cada item e a soma dos itens do ACPQ e a dimensão e subescala a que pertence, corrigidas para sobreposição	60

Quadro XVI – Correlações do tipo Spearman (ρ) entre o ACPQ e as suas dimensões e subescalas, corrigidas para sobreposição	65
Quadro XVII – Média e desvio padrão por item e consistência interna (α) da escala e por subescala	68
Quadro XVIII – Valores próprios e variância explicada de cada um dos 4 fatores retidos no SCI-2 após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax	70
Quadro XIX – Pesos fatoriais de cada item dos 4 fatores retidos no SCI-2 após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax	72
Quadro XX – Correlação do tipo ρ de Spearman (ρ) entre cada item e a soma dos itens do SCI-2 e a subescala a que pertence, corrigida para sobreposição	74
Quadro XXI – Correlação do tipo ρ de Spearman (ρ) entre o SCI-2 e as suas subescalas, corrigida para sobreposição	75
Quadro XXII – Consistência interna (α) da escala total (IDPC), dimensões e subescalas, assim como valores medianos e desvio padrão dos itens, subescalas e dimensões	77
Quadro XXIII – Valores próprios e variância explicada de cada um dos 6 fatores retidos no IDPC após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax	80
Quadro XXIV – Pesos fatoriais de cada item dos 6 fatores retidos no IDPC após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax	81
Quadro XXV – Valores próprios e variância explicada de cada um dos 3 fatores retidos como dimensões do IDPC após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax	83
Quadro XXVI – Pesos fatoriais de cada item dos 3 fatores retidos como dimensões do IDPC após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax	84
Quadro XXVII – Correlação do tipo ρ de Spearman (ρ) entre cada item e o total do IDPC e a dimensão e subescala a que pertence, corrigida para sobreposição	86

Quadro XXVIII – Correlação do tipo ρ de Spearman (ρ) entre o IDPC e as suas dimensões e subescalas, corrigida para sobreposição	87
Quadro XXIX – Quociente de associação η (η) entre as variáveis da participação comunitária e o estado profissional, com medianas das variáveis da participação desdobradas em função deste	91
Quadro XXX – Quocientes de associação η (η) e de correlação ρ de Spearman (ρ) entre as variáveis da participação comunitária e as variáveis sociodemográficas dos reformados, apresentando-se as medianas desdobradas quando estas últimas se tratam de variáveis nominais	96
Quadro XXXI – Correlações do tipo Spearman (ρ) entre as percepções sobre a participação comunitária e os correspondentes níveis de participação dos reformados	99
Quadro XXXII – Quocientes de associação η (η) entre as variáveis do sentimento de comunidade e o estado profissional, com medianas desdobradas em função deste	101
Quadro XXXIII – Quocientes de associação η (η) e de correlação ρ de Spearman (ρ) entre o sentimento de comunidade e as suas dimensões e as variáveis sociodemográficas, com medianas desdobradas nas variáveis nominais	102
Quadro XXXIV – Quocientes de associação η (η) entre o sentimento de comunidade e a percepção da importância de compartilhar um sentimento de comunidade, com desdobramento de medianas em duas categorias	103
Quadro XXXV – Quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ) entre as variáveis do sentimento de comunidade e os níveis e a amplitude da participação dos reformados	105
Quadro XXXVI – Quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ) entre as percepções sobre a participação comunitária e as variáveis do sentimento de comunidade dos reformados	106
Quadro XXXVII – Quocientes de associação η (η) entre as variáveis do sentimento de comunidade e a condição de participação dos reformados, com base na qual se apresentam as medianas desdobradas	107
Quadro XXXVIII – Quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ) entre o sentimento de comunidade e os níveis e a amplitude da participação, desdobrados em função do estado profissional	108
Quadro XXXIX – Quociente de associação η (η) entre os determinantes da participação comunitária e o estado profissional, com medianas desdobradas em função deste	109

Quadro XL – Quocientes de associação η e de correlação ρ de Spearman (ρ) entre os determinantes da participação comunitária e as variáveis sociodemográficas, apresentando-se as medianas desdobradas quando estas se tratam de variáveis nominais	112
Quadro XLI – Quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ) entre os determinantes da participação e as variáveis da participação comunitária dos reformados	116
Quadro XLII – Quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ) entre os itens do IDPC e as variáveis da participação comunitária dos reformados	118
Quadro XLIII – Quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ) entre os determinantes da participação e as variáveis do sentimento de comunidade dos reformados	120
Quadro XLIV – Plano de ação do projeto <i>reformATIVA</i>	138

Lista de abreviaturas e siglas

A – Associação (subescala do SCI-2)

AAMC – Ambiente, acessos e meios de comunicação (subescala do IDPC)

AAP – Atitude e apoio das pessoas (subescala do IDPC)

AC – Ativismo comunitário (subescala do ACPQ)

ACPQ – Australian Community Participation Questionnaire

AFE – Análise fatorial exploratória

AFPC – Atitude face à participação comunitária (subescala do IDPC)

AOC – Atividades organizadas da comunidade (subescala do ACPQ)

APC – Amplitude da participação comunitária

ASV – Atividades do setor do voluntariado (subescala do ACPQ)

CA – Contacto com amigos (subescala do ACPQ)

CEC – Conexão emocional compartilhada (subescala do SCI-2)

CFA – Contacto com a família alargada (subescala do ACPQ)

CPAF – Contacto com pessoas do agregado familiar (subescala do ACPQ)

CSCT – Contacto social com colegas de trabalho (subescala do ACPQ)

CSI – Conetividade social informal (dimensão do ACPQ)

CV – Contacto com vizinhos (subescala do ACPQ)

DDC – Doação de dinheiro para caridade (subescala do ACPQ)

EA – Educação de adultos (subescala do ACPQ)

EC – Envolvimento cívico (dimensão do ACPQ)

EPO – Expressão pública de opiniões (subescala do ACPQ)

Fla – Fatores intrapessoais (dimensão do IDPC)

Fle – Fatores interpessoais (dimensão do IDPC)

FE – Fatores estruturais (dimensão do IDPC)

GPT – Gosto de passar tempo ... (percepção acerca da participação)

I – Influência (subescala do SCI-2)

IAAA – Interesse ativo nos assuntos da atualidade (subescala do ACPQ)

IDPC – Inventário de Determinantes da Participação Comunitária

KMO – Teste Kaiser-Meyer-Olkin

PaP – Participação política (dimensão do ACPQ)

PoP – Protesto político (subescala do ACPQ)

PCG – Nível global de participação comunitária

PIPSC – Percepção da importância individual do sentimento de comunidade

PMPT – Passo muito pouco tempo (percepção acerca da participação)

PR – Prática religiosa (subescala do ACPQ)

RSAF – Rede social e apoio da família (subescala do IDPC)

SC – Sentimento de comunidade

SCI-2 – Índice de Sentimento de Comunidade 2

SCSC – Satisfação consigo e com as suas competências (subescala do IDPC)

SN – Satisfação de necessidades (subescala do SCI-2)

SOHP – Serviços, ofertas e hábitos de participação (subescala do IDPC)

Introdução

O conceito de envelhecimento ativo foi definido pela Organização Mundial de Saúde na década de 90 do século XX como pilar para a sustentabilidade da problemática que o aumento dos idosos trouxe à sociedade, sendo este um processo que consiste em otimizar as possibilidades de boa saúde (numa perspetiva de bem estar físico, mental e social), de participação e de segurança a fim de aumentar a qualidade de vida durante a velhice (Organização Mundial de Saúde, 2005).

Remetendo o conceito de ativo para uma participação e envolvimento nas várias questões sociais, culturais, económicas, civis e espirituais, e não apenas à capacidade de estar fisicamente ativo ou fazer parte da força de trabalho, esta nova forma de entender e perspetivar o envelhecimento enfatiza a importância de as pessoas perceberem o seu potencial para a promoção do seu bem-estar e, sobretudo, da sua qualidade de vida (Ribeiro e Paúl, 2011).

A conceção da participação associada ao envelhecimento ativo está em linha com o conceito de participação comunitária, central da psicologia comunitária, e que parece ter um papel crucial na saúde, na felicidade e na satisfação com a vida, conceptualizado por Putnam (1995, cit. por Olesen e Berry, 2011) como o primeiro dos dois componentes do capital social. O segundo componente deste é a coesão social (que incorpora o sentimento de pertença, a confiança social, a reciprocidade generalizada, a cooperação e a partilha de informação). Pensa-se que a participação possa estar relacionada com a coesão na medida em que uma maior participação leva a maior coesão, criando um círculo virtuoso de criação e manutenção de capital social (Berry, Rodgers e Dear, 2007).

Tal como referem Berry e Shipley (2007), a relação entre o capital social e a saúde mental parece existir pelo facto de a participação comunitária ativar e promover aspetos da coesão social, os quais, por sua vez, contribuem para a saúde mental. Desta forma, podemos assumir que a coesão social medeia a associação entre a participação comunitária e a saúde mental.

Após uma revisão extensiva da literatura Berry, Rodgers e Dear (2007), classificaram as diferentes formas de participação comunitária em três categorias: (1) conexão social informal, (2) envolvimento cívico e (3) participação política. Nessas três categorias incluem-se 14 tipos de participação comunitária, da seguinte forma: a conexão social informal inclui o contacto com as pessoas do agregado familiar, o contacto com a família alargada, o contacto com os

amigos, o contacto com os vizinhos e o contacto social com os colegas de trabalho; o envolvimento cívico inclui a educação de adultos, a prática religiosa, as atividades organizadas da comunidade, as atividades do setor do voluntariado e a doação de dinheiro para caridade; e a participação política inclui o interesse ativo nos assuntos da atualidade, a expressão pública de opiniões, o ativismo comunitário e o protesto político.

Esta perspetiva da participação comunitária é bastante lata, incluindo nas suas formas mais comuns atividades que têm vindo a ser consistentemente associadas na literatura com o bem-estar psicológico, nomeadamente durante a adultez avançada.

Na visão de Sarason (1974, cit. por Ornelas, 2008), o sentimento de comunidade pode ser um processo facilitador da participação dos cidadãos e constituir um antídoto para os sentimentos de anomia, alienação, isolamento e solidão que potenciam dinâmicas destrutivas da vida das pessoas e o empobrecimento das sociedades.

Ornelas (2008) numa revisão sobre a investigação sobre sentimento de comunidade destaca, entre outras conclusões, que o sentimento de comunidade está relacionado positivamente com níveis mais elevados de bem-estar psicológico e negativamente com os sentimentos de solidão.

Apesar do anteriormente exposto, não é clara a relação entre a participação comunitária e o sentimento de comunidade. Por conseguinte, considerou-se que seria oportuno conhecer melhor de que forma estes dois constructos se encontram articulados em indivíduos de uma comunidade envelhecida. Assim, a presente investigação pretende clarificar a relação existente entre as duas variáveis, nomeadamente entre as diferentes formas de participação comunitária e o sentimento de comunidade, numa amostra de reformados residentes na cidade de Serpa. Pretende-se ainda compreender a relação entre estas variáveis e as características sociodemográficas dos reformados assim como identificar quais os fatores que determinam (facilitam ou dificultam) a sua participação comunitária.

O trabalho encontra-se organizado em três partes. Na primeira parte, Enquadramento Teórico, é apresentada a revisão bibliográfica relativa aos conceitos centrais da investigação. Nela são apresentados os fatores explicativos já conhecidos bem como alguns dos estudos já realizados. Na segunda parte, Estudo Empírico, apresentam-se os estudos psicométricos realizados com os instrumentos e, posteriormente, o estudo empírico. Nesta parte inclui-se a explicitação dos objetivos da investigação, da metodologia (nomeadamente caracterização dos participantes, dos instrumentos e dos procedimentos) e apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos.

Na terceira parte, Projeto de Intervenção designado de *reformATIVA*, com base nos resultados obtidos, serão apresentadas um conjunto de propostas de intervenção.

Parte I – Enquadramento teórico

1. Envelhecimento e envelhecimento ativo

1.1. Envelhecimento

O envelhecimento populacional é um dos fenómenos mais evidentes nas sociedades atuais, acontecendo em resultado de um conjunto de avanços nas ciências biomédicas, tecnológicas e comportamentais, as quais se têm preocupado com o aumento do bem-estar e a qualidade de vida dos idosos (Fernandes, Vasconcelos-Raposo, Pereira, Ramalho e Oliveira, 2009).

Em Portugal, durante os últimos 60 anos, verificou-se um aumento notório do envelhecimento demográfico, definido pelo aumento da proporção das pessoas idosas na população total, em detrimento da população jovem e/ou da população em idade ativa. Este fenómeno traduziu-se num incremento de 166% da população idosa (com 65 e mais anos) no período entre 1960 e 2011, passando a constituir cerca de 19% do total da população. Na última década agravou-se o fosso entre jovens e idosos, tendo a percentagem de jovens recuado de 16% em 2001 para 15% em 2011 e a população idosa, em sentido inverso, passou de 16% em 2001 para 19% em 2011 (Instituto Nacional de Estatística, 2012).

O envelhecimento tem sido descrito como um processo inerente a todos os seres vivos, que tem uma evolução contínua e vem acompanhado de uma limitação das capacidades de adaptação do indivíduo. Este é um processo complexo e difere muito de indivíduo para indivíduo, sendo condicionado por fatores intrínsecos (inerentes à própria pessoa, nomeadamente genéticos) e extrínsecos (inerentes ao meio físico e social envolvente) de cada pessoa (Santos, 2008; Vaz e Nodin, 2005).

Enquanto processo multifacetado, o envelhecimento envolve alterações estruturais e funcionais em quase todo o organismo, as quais se repercutem em manifestações ao nível psicomotor, socioafectivo e cognitivo (Fernandes *et al.*, 2009).

Berger, Pargnaben e Weinberg (2007, cit. por Fernandes *et al.*, 2009) fazem a distinção entre processos primários e secundários, os quais, constituindo-se como eixos distintos do

envelhecimento, são interativos e devem ser tidos em conta para melhor o compreender. Os processos primários estão intimamente associados com a idade cronológica e envolvem a perda natural da visão, do cabelo, as alterações na composição corporal, a desmineralização óssea e a diminuição da aptidão física. Por sua vez, os processos secundários incluem fatores comportamentais e ambientais (como o stress elevado, o consumo de tabaco e o sedentarismo), assim como a influência de doenças como a diabetes, a artrite e o cancro. Implicitamente assume-se que o estilo de vida de um indivíduo possa inferir importantes repercussões em ambos os níveis do processo de envelhecimento (Fernandes *et al.*, 2009).

Já Vaz e Nodin (2005) assumem que o envelhecimento é um processo de mudança biopsicossocial complexo e dinâmico que começa mesmo antes do nascimento. Do ponto de vista biológico, o envelhecimento é um processo de transformação das células e dos tecidos, provocado pela ação do tempo sobre o organismo, o que leva a um risco cada vez maior de mortalidade. Nesta perspetiva, o organismo vivo sofre um desgaste devido à ação do exterior, como se o organismo fosse uma máquina, dependendo este desgaste das condições de vida de cada organismo.

A este processo biológico associam-se os fatores psicológicos, relacionados com a adaptação ao processo de senescência, e os sociais, que têm a ver com os papéis sociais esperados pela sociedade como sendo os apropriados (Vaz e Nodin, 2005).

Relativamente aos primeiros, o que dificulta mais a capacidade de adaptação do idoso, não é a diminuição das funções cognitivas, mas sobretudo a perda de papéis sociais, as situações de *stress*, a doença, o desenraizamento e outros traumatismos que podem causar problemas psicológicos (Fernandes, 2000, cit. por Vaz e Nodin, 2005). Sabe-se que a aceitação da mudança ligada ao medo de envelhecer e a satisfação de vida estão relacionadas com as auto-perceções da idade. Podem surgir sentimentos negativos face às alterações fisionómicas provocadas pelo envelhecimento e a sensação que se perdeu a beleza do passado (Léger *et al.*, 1994, cit. por Vaz e Nodin, 2005). O funcionamento cognitivo também sofre alterações provocadas pelo envelhecimento. Apesar de várias competências intelectuais se manterem estáveis ao longo da vida e de algumas aumentarem mesmo até próximo dos 60 anos, existe um declínio de algumas delas (Schaie, 1968, cit. por Vaz e Nodin, 2005).

Neste contexto, o envelhecimento associa-se a uma série de fatores e condicionalismos que podem, como refere Barreto (1988, cit. por Vaz e Nodin, 2005), ser responsáveis por algumas perturbações mentais no idoso. No que diz respeito às perdas, os idosos, são confrontados

com diversos tipos, podendo estas ser graduais, como é o caso das doenças, ou súbitas, no caso de um acidente. E existem perdas, segundo o mesmo autor, que são palpáveis, como seja a morte de alguém ou perdas económicas e sociais que se associam frequentemente a um conjunto de perdas simbólicas, como, por exemplo, a perda de autoestima ou o sentimento de abandono.

As perdas mais frequentemente vividas pelos idosos estão relacionadas com os papéis, expectativas e referências ao grupo social, podendo estas ameaçar a integridade da pessoa idosa, suscitando nalguns casos, segundo Solomon e Davis (1995, cit. por Vaz e Nodin, 2005), depressão, ansiedade, reações psicossomáticas, afastamento e descompromisso.

Nesta linha, e na perspetiva da teoria do desligamento (Cumming e Henri, 1961, cit. por Toepoel, 2013), o envelhecimento pode ser visto como um processo de afastamento ou desligamento que tem lugar entre a pessoa que envelhece e os outros. Este processo leva ao abandono de papéis à medida que o idoso deixa o mercado de trabalho e que os filhos saem de casa. Por outro lado, os idosos enfrentam uma redução dos laços à medida que os seus pares começam a morrer. Este processo é concebido com um mecanismo de remoção do indivíduo de uma determinada quantidade de controlo normativo, que o pode levar a tornar-se mais individualista e menos predisposto a envolver-se em novos grupos.

Contrariando esta visão mais tradicional e negativa do envelhecimento, e na perspetiva de que o envelhecimento pode ser uma experiência positiva, sinónimo de uma vida mais longa e acompanhada de oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança, a Organização Mundial da Saúde (2005) adotou o termo envelhecimento ativo para expressar o processo de conquista dessa visão.

1.2. Envelhecimento ativo

O conceito de envelhecimento ativo foi definido pela Organização Mundial de Saúde na década de 90 como pilar para a sustentabilidade da problemática que o aumento dos idosos trouxe à sociedade, sendo este um processo que consiste em otimizar as possibilidades de boa saúde (numa perspetiva de bem estar físico, mental e social), de participação e de segurança a fim de aumentar a qualidade de vida durante a velhice (Organização Mundial de Saúde, 2005).

Remetendo o conceito de ativo para uma participação e envolvimento nas várias questões sociais, culturais, económicas, civis e espirituais, e não apenas à capacidade de estar fisicamente ativo ou fazer parte da força de trabalho, esta nova forma de entender e perspetivar o envelhecimento enfatiza a importância de as pessoas perceberem o seu potencial para a promoção do seu bem-estar e, sobretudo, da sua qualidade de vida (Ribeiro e Paúl, 2011).

A abordagem do envelhecimento ativo baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas mais velhas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (Organização Mundial de Saúde, 2005; Ribeiro e Paúl, 2011).

Neste sentido, o planeamento estratégico deixa de ter um enfoque baseado nas necessidades (que considera as pessoas mais velhas como alvos passivos) e passa ter uma abordagem baseada em direitos, o que permite o reconhecimento dos direitos dos mais velhos à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspetos da vida à medida que envelhecem. Essa abordagem apoia a responsabilidade dos mais velhos no exercício de sua participação nos processos políticos e em outros aspetos da vida em comunidade (Organização Mundial de Saúde, 2005).

Este conceito assume uma perspetiva de maior respeito pela pessoa idosa, uma vez que esta passa a ser determinante nas opções e escolhas que vai realizando, para a sua própria vida.

Nesta lógica, Ribeiro e Paúl (2011) defendem que a família, os grupos de pares e o exercício da cidadania emergem como palcos incontornáveis da vida social do ser humano e a participação ativa, nestes contextos, a verdadeira prova de vida. Tais fatores demonstram a dimensão e a complexidade deste conceito, transferindo para a comunidade a responsabilidade de garantir a sua operacionalização.

Numa perspetiva de ciclo de vida, o envelhecimento ativo reconhece que os mais velhos não constituem um grupo homogéneo e que a diversidade entre os indivíduos tende a aumentar com a idade. Nesse contexto, as intervenções que criam ambientes de apoio e promovem opções saudáveis são importantes em todas as fases da vida.

Ainda segundo a Organização Mundial de Saúde (2005) o envelhecimento ativo depende de um conjunto de determinantes que envolvem os indivíduos, as famílias e os países, nomeadamente determinantes transversais (cultura e género), de ordem pessoal (nomeadamente, biológicos, genéticos e psicológicos), de ordem comportamental (p.e.,

tabagismo, atividade física, alimentação saudável, saúde oral, álcool, entre outros), de ordem económica (rendimentos, proteção social, trabalho), de ordem social (nomeadamente, apoio social, educação, alfabetização), determinantes do meio físico (ambiente, acessibilidades, segurança) e determinantes relativos aos serviços sociais e de saúde (promoção da saúde e prevenção de doenças, acesso a tratamentos, assistência a longo prazo, serviços de saúde mental).

Apesar de não serem novos, os postulados do envelhecimento ativo foram enfatizados pela União Europeia em 2012, através da sua designação como o Ano do Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações.

Para além da sensibilização para estas questões e outros desafios do envelhecimento, o Ano Europeu apelou à tomada de ações políticas em domínios como o emprego, proteção social, educação e formação, saúde e serviços sociais, alojamento e infraestruturas públicas, tendo como principal objetivo: agir e introduzir mudanças que permitam construir uma sociedade mais inclusiva para pessoas de todas as idades (União Europeia, 2011).

2. Participação comunitária, capital social e sentimento de comunidade

2.1. Participação comunitária

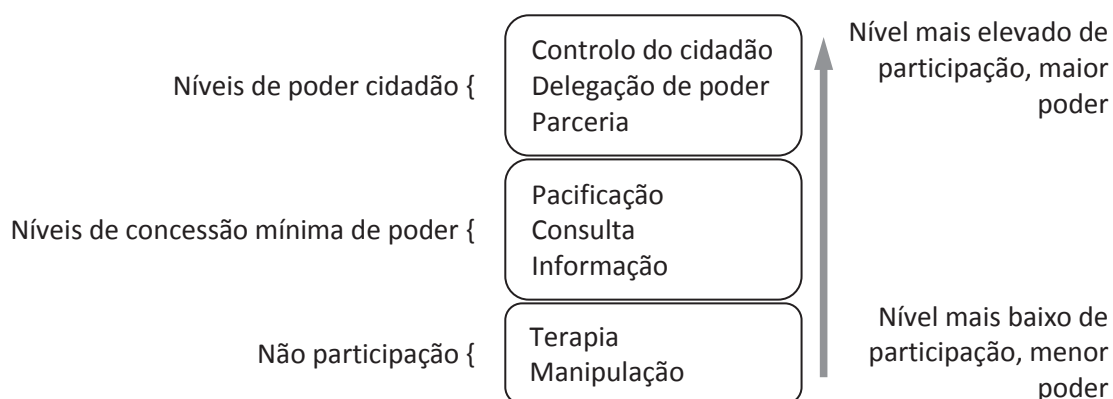
A conceção da participação associada ao envelhecimento ativo está em linha com o conceito de participação comunitária, central da psicologia comunitária, associado ao capital social, e que, nesse contexto, parece ter um papel importante na saúde, felicidade e na satisfação com a vida. Mas o termo participação comunitária tem vindo a ser utilizado para designar diferentes níveis e formas de participação. Interessa, por isso, clarificar este conceito.

Para Ornelas (2003), a participação comunitária não é simplesmente a oferta voluntária de tempo ou recursos em prol de uma comunidade mas resulta da participação dos cidadãos nos processos de decisão a favor da comunidade, implicando envolvimento efetivo nos processos de decisão nos grupos, organizações e comunidade. Desta forma, na linha das conceções do envelhecimento ativo anteriormente abordadas, enfatiza-se o empoderamento das pessoas

em relação os processos de desenvolvimento e de tomada de decisão, no acesso aos recursos e ao conhecimento proveniente desse processo de desenvolvimento assim como acesso aos benefícios por ele alcançados.

Um dos trabalhos mais citado na literatura da participação comunitária, que influenciou muitas teorias e a forma como as estruturas de poder interagem na sociedade, foi o de Sherry Arnstein (1969, cit. por Kenny, Hyett, Sawtell, Dickson-Swift, Farmer e O'meara, 2013), autora que entende a participação comunitária como um conjunto de níveis de envolvimento, crescentes no que respeita o poder do cidadão, retratados por analogia a uma escada (Figura I).

Figura I – Escada da participação cidadã de Arnstein (adaptado de Arnstein, 1969)



Arnstein (1969, cit. por Kenny *et al.*, 2013) afirma que embora, teoricamente, a participação seja a pedra de toque da democracia, na realidade, uma grande franja da sociedade encontra-se excluída do poder e das tomadas de decisão políticas e económicas. A participação é descrita em termos categóricos como poder cidadão e a tipologia proposta, ilustrada por uma escada de participação, pretende sublinhar a divergência de visões entre os que têm e os que não têm poder.

A autora descreve a escada como uma ilustração dos diferentes níveis de participação, assumindo que através da compreensão das suas diferenças pode haver maior entendimento das demandas do cidadão pela redistribuição significativa do poder e da forma simbólica como a participação é muitas vezes vista por quem o detém.

Nos níveis mais baixos, a participação é feita na base da consulta e da provisão de informação. Já nos níveis mais elevados, quem controla é o cidadão, o que envolve a redistribuição do poder do governo para os cidadãos.

Enquanto existe um robusto debate na literatura acerca das agendas governamentais para a participação comunitária, particularmente numa perspetiva neoliberal, as atuais políticas em vários países refletem o desejo de envolver as comunidades nos níveis de participação mais elevados da escada de Arnstein (Kenny *et al.*, 2013).

Segundo Dalton, Elias e Wandersman (2001, cit. por Elvas e Vargas Moniz, 2010) a participação comunitária, apesar de envolver o contributo efetivo dos cidadãos nas decisões com impacto na mudança social, envolve também o suporte ou ajuda entre membros de um determinado grupo.

Uma visão mais abrangente e menos centrada nas questões do poder é a de Berry, Rodgers e Dear (2007), autores que no âmbito da conceção do seu *Australian Community Participation Questionnaire* adotam uma visão mais lata da participação comunitária. Após uma revisão extensiva da literatura Berry *et al.* (2007), classificaram as diferentes formas de participação comunitária em três categorias: (1) conexão social informal, (2) envolvimento cívico e (3) participação política. Nessas três categorias incluem-se 14 tipos de participação comunitária, da seguinte forma: a conexão social informal inclui o contacto com as pessoas do agregado familiar, o contacto com a família alargada, o contacto com os amigos, o contacto com os vizinhos e o contacto social com os colegas de trabalho; o envolvimento cívico inclui a educação de adultos, a prática religiosa, as atividades organizadas da comunidade, as atividades do setor do voluntariado e a doação de dinheiro para caridade; e a participação política inclui o interesse ativo nos assuntos da atualidade, a expressão pública de opiniões, o ativismo comunitário e o protesto político.

Mais que enfatizar as diferenças de poder, a tipologia proposta por Berry *et al.* (2007) centra-se nos contextos da participação, que são tão diversificados como o agregado familiar ou os sindicatos e partidos políticos.

Este conceito mais lato da participação comunitária inclui nas suas formas mais comuns atividades que têm vindo a ser consistentemente associadas na literatura com o bem-estar psicológico, nomeadamente durante a adultez avançada.

De uma forma consistente com outros estudos acerca da atividade social e da satisfação com a vida, Berry *et al.* (2007) descobriram que apenas 7 tipos de participação (aos quais chamaram Big 7) se encontravam independentemente associados com menor distress psicológico numa amostra geral da comunidade adulta. Estes tipos de participação são: (1) contacto com amigos, (2) atividades organizadas da comunidade, (3) contacto com vizinhos, (4) contacto com a família alargada, (5) contacto com as pessoas do agregado familiar, (6) interesse ativo nos assuntos da atualidade e (7) prática religiosa. Outros tipos de participação, como a expressão pública de opiniões e o protesto político, parecem, no entanto, estar associados a níveis mais elevados de distress.

Noutro estudo, Berry e Welsh (2010) verificaram que níveis mais elevados de participação (nos Big 7) estão associados não só a melhor saúde mental mas também a melhor saúde geral e melhor funcionamento físico.

Uma das formas como a participação comunitária contribui para a melhoria dos indicadores da saúde mental é através do contacto social que esta implica / promove.

Pettigrew (2007, cit. por Toepoel, 2013) defende que rituais como fazer refeições com outras pessoas, ler, jardinar e fazer compras ajudam os idosos a manter-se socialmente ativos e atuam como um meio de aliviar a solidão. Outras atividades que reduzem o isolamento incluem o voluntariado, as atividades culturais, o desporto e o uso da internet (Toepoel, 2013). Em contraste, Putman (1995, cit. por Toepoel, 2013) verifica que a atividade de ver televisão aumenta o isolamento social. Este autor refere que ver televisão impede a participação em atividades fora de casa e toma o lugar das atividades de exterior, das reuniões sociais e das conversas. Defende que mais tempo passado a ver televisão implica menor confiança social, menos sentimento de pertença a grupos e menos conexões sociais. É, no entanto, pouco claro se é a atividade de ver televisão que contribui para o isolamento ou se é uma consequência deste.

Já Van Ingen e Van Eijck (2009, cit. por Toepoel, 2013) assumem que além do tipo de atividade, o tipo de companhia é um fator importante na avaliação da relação entre a participação em atividades de lazer e a conectividade social. Estes autores defendem que os laços com os membros do agregado familiar podem facilitar o suporte social, enquanto os laços com círculos sociais mais amplos podem estimular o envolvimento cívico.

A ligação entre a participação comunitária e o bem-estar psicológico partilha semelhanças com os benefícios do trabalho remunerado. Por exemplo, Jahoda (1998, cit. por Olesen e Berry,

2011), um teórico proeminente do campo do desemprego e da saúde, assume que o emprego é um fator de proteção da saúde mental pelo facto de promover um sentimento de pertença ou objetivos comuns. Isto, para além da importância da continuidade de atividades e papéis durante a idade avançada, demonstra que a participação social (ou comunitária) pode ser uma fonte crucial ou alternativa de bem-estar psicológico durante a reforma, na ausência de trabalho remunerado.

Outros autores, Harlow e Cantor (1996, cit. por Olesen e Berry, 2011), verificaram que a situação face ao emprego parece moderar a relação entre a atividade social (visitar amigos, vizinhos, familiares ou o entretenimento) e a satisfação com a vida num grupo de homens. Este resultado indica uma relação mais forte entre a atividade social e a satisfação com a vida nos homens reformados por comparação com o grupo de homens ainda ativos em termos profissionais.

Moen e Fields (2002, cit. por Olesen e Berry, 2011) verificaram também que o voluntariado numa organização comunitária estava significativamente associada com uma mais elevada satisfação com a vida, autoestima e mestria em reformados relativamente aos trabalhadores no ativo.

Finalmente, Warr, Butcher e Robertson (2004, cit. por Olesen e Berry, 2011) verificaram uma interação significativa entre o nível geral de atividade (ou seja, a frequência de participação em 17 atividades, incluindo visitar amigos, familiares e vizinhos, ir à igreja, manutenções domésticas, desporto, entre outras) e a situação face ao emprego em relação ao efetivo bem-estar e satisfação com a vida num grupo de adultos entre os 50 e os 74 anos.

Tão importante quanto investigar os benefícios da participação comunitária é compreender os motivos que levam as pessoas a participar e a manter-se envolvidas na sua comunidade bem como as razões pelas quais muitas pessoas não se sentem aliciadas a participar ou não dão continuidade a essa participação.

2.2. Determinantes da participação comunitária

Na revisão da literatura efetuada sobre esta temática apercebemo-nos da existência de poucos estudos sobre os determinantes da participação comunitária em reformados ou idosos. No entanto, vários são os estudos sobre a participação comunitária na população em geral ou em grupos específicos (como as pessoas com incapacidade, adultos com afasia, ...) ou a

participação em atividades específicas (como a atividade física, as atividades de lazer, os grupos comunitários, a participação política ..., as quais podem ser enquadráveis nesta perspectiva mais lata da participação comunitária), cujos resultados nos podem dar pistas para a investigação desta temática.

Săveanu (2011), num estudo com o objetivo de explicar os diferentes tipos de envolvimento comunitário dos cidadãos na cidade de *Oradea*, na Roménia, no qual é utilizada uma amostra de 376 cidadão com idades compreendidas entre os 18 e os 86 anos, conclui que (1) as pessoas com estatuto social mais elevado participam mais que de estatuto social mais baixo; (2) que a densidade das redes aumenta a participação enquanto a sua intensidade a diminui; (3) que as mulheres participam mais em ações comunitárias que os homens; que pessoas mais velhas participam mais que as mais jovens (embora a participação diminua com a idade) e que (4) o nível de educação e (5) a confiança social generalizada não explicam a participação comunitária.

No que respeita à participação de pessoas com deficiência ou incapacidade, Anderson (2010) identifica um conjunto de barreiras que se distribuem por quatro dimensões: pessoais, dos serviços, da comunidade e políticas e da aplicação das políticas.

No que respeita a *barreiras pessoais* são identificadas a falta de amigos, a falta de confiança pessoal e social (falta de autoestima e de confiança nas capacidades próprias), a recusa em queixar-se (a recusa dos utilizadores em falarem sobre os problemas dos serviços por receio de comprometerem o apoio que recebem limita ocasionalmente a amplitude e a frequência da sua participação), as baixas expectativas e protecionismo familiar.

Relativamente às *barreiras dos serviços* são identificadas a falta de serviços, a pouca diversidade de oportunidades, a comunicação inadequada, o uso do tempo, a qualidade dos serviços, a falta de transparência percebida e a impossibilidade de participar no seu planeamento.

As *barreiras da comunidade* são a discriminação no emprego, o rendimento limitado, a hostilidade da comunidade, a falta de ofertas educativas, o ambiente construído e os transportes.

Já no que se refere às *barreiras políticas* e da aplicação das políticas são identificadas a quantificação de resultados (os participantes sugerem que a imposta focalização em resultados quantitativos camufla a realidade e limita a flexibilidade dos prestadores de

serviços em responder de forma criativa às suas necessidades), a falta de escolha na habitação (a falta de habitação apropriada pode interferir seriamente na capacidade das pessoas controlarem o acesso à família e amigos, à cultura e aos transportes), falhas do sistema educativo (algumas pessoas referem que a escola não desempenhou um papel de destaque no desenvolvimento das suas competências gerais para a vida), a necessidade de educação pública extensiva (as pessoas com incapacidade referem a reticência do público em geral em relação ao seu envolvimento na comunidade, atribuindo esta reticência à sua falta de exposição a pessoas com incapacidade e ao receio que têm de serem incapazes de com elas comunicarem e de antecipar as suas necessidades; a educação inclusiva pode ajudar a dissipar a ignorância e aumentar a capacidade das gerações futuras para verem as pessoas para além da incapacidade), a desarticulação entre as estruturas de apoio e o ritmo da comunidade (os participantes sentem maior dificuldade em aceder aos serviços de apoio precisamente nos momentos em que os membros da comunidade geralmente se encontram ou se envolvem em atividades de recreio) e a falta de técnicos (o baixo estatuto do trabalho de apoio, as baixas remunerações e o facto de não sentirem que aquilo que valorizam no seu trabalho é apreciado leva a falta de técnicos seja um problema premente).

Rose, Hennis e Hambleton (2008), num estudo em que analisam a prevalência de doença e a relacionam com o envolvimento comunitário de idosos de sete cidades da América Latina e do Caribe verificaram que os homens tinham maior probabilidade de se envolver ativamente na comunidade que as mulheres e que as mulheres se encontravam mais envolvidas em atividades de ajuda e voluntariado ou trabalho remunerado. Verificou-se também um forte decréscimo do envolvimento comunitário com o avançar da idade, mas não uma associação significativa entre a doença e o envolvimento comunitário, em nenhum dos sexos.

Brown, McGahan, Alkhaledi, Seah, Howe e Worrall (2006), num estudo australiano com o objetivo de identificar os fatores ambientais que influenciam a participação comunitária de adultos com afasia verificaram que a sua participação na comunidade pode ser afetada por diversos fatores ambientais distribuídos por três categorias: (1) fatores relacionados com as pessoas, (2) com o ambiente físico e (3) com as organizações.

Os *fatores relacionados com as pessoas* incluem a sua consciência sobre a afasia, o seu apoio e as suas atitudes, entre outros. Os *fatores do meio físico* incluem a natureza da informação (escrita ou visual), a tecnologia e as próprias características do meio, entre outros. Os *fatores organizacionais* incluem as exigências, atitudes e convenções e a pressão do tempo, entre outros.

Minhat e Amin (2012), num estudo cujo objetivo foi explorar os determinantes sociodemográficos da participação em atividades de lazer nos idosos da Malásia, concluem que o nível académico, o estado civil e ser ou não local eram determinantes importantes, com a educação a assumir-se como o melhor preditor.

Quando analisam a participação dos idosos em diferentes tipos de atividades de lazer os autores obtêm resultados diferenciados. Nesse contexto verificam que os idosos Malaio, muçulmanos, com nível académico mais elevado, que vivem com outras pessoas e vivem em zonas rurais obtêm níveis mais elevados de participação em atividades sociais. Já o envolvimento em atividades produtivas nos idosos é influenciado em grande medida pela sua idade, etnia, religião e localidade. Os mais jovens, Malaio, muçulmanos, habitantes em áreas rurais demonstraram ter um nível de envolvimento em atividades produtivas mais elevado.

Li, Chang, Yeh e Lou (2010, cit. por Minhat e Amin, 2012), num estudo sobre estas temáticas, assumem que os idosos homens, casados e que vivem em áreas urbanas tinham maior probabilidade de estarem envolvidos em diferentes tipos de atividade quando comparados com as mulheres, solteiras e que vivem em áreas urbanas. Outros determinantes confirmados por estes autores são as crenças religiosas, o nível académico, as capacidades cognitivas, as atividades instrumentais diárias, a depressão e constrangimentos pessoais e ambientais.

Já Satariano, Haight e Tager (2002, cit. por Minhat e Amin, 2012) assumem que a presença de cônjuge pode funcionar como um fator motivacional ou catalisador em relação à participação em atividades de lazer.

Apesar de não haver muita investigação específica sobre esta temática, vários são os estudos que tentam identificar os fatores associados à participação em grupos comunitários, um tipo específico de participação comunitária.

Para Ziersch, Osborne e Baum (2011) a participação das pessoas no seu bairro está relacionada quer com fatores composicionais quer contextuais. Os *fatores composicionais* incluem as características sociodemográficas (tais como rendimento, emprego e educação) das pessoas que vivem num bairro particular, e a sua concentração com áreas particulares, enquanto os *fatores contextuais* se referem às características das próprias áreas, tais como fatores físicos e ambientais, disponibilidade de equipamentos e serviços e características socioculturais como reputação e história local. Os níveis de capital social existentes num bairro, que incluem os níveis de coesão social e os níveis de participação comunitária, podem também ser

compreendidos como fatores contextuais e estão relacionados com, e podem ser influenciados por, outros fatores contextuais.

A investigação sugere que a participação em grupos comunitários está associada com indicadores de vantagem socioeconómica e que indivíduos com estatuto socioeconómico mais elevado têm níveis mais elevados de participação cívica e social (Baum, Bush, Modra, Murray, Cox, Alexander e Potter, 2000, cit. por Ziersch *et al.*, 2011). Em particular, há indicadores consistentes que ligam o nível de educação com o envolvimento em grupos comunitários (McPherson e Rotolo, 1996; Wilson e Musick, 1997; Hall, 1999; Baum *et al.*, 2000; Caiazza, 2001; Osborne, Ziersch e Baum, 2009; cit. por Ziersch *et al.*, 2011). Possuir um rendimento superior e ter casa própria estão também associados com níveis elevados de envolvimento em grupos comunitários (Wilson e Musick, 1997; Hall, 1999; Marshall, 2005, cit. por Ziersch *et al.*, 2011).

Em relação a outros fatores socioeconómicos, a evidência é mista. Trabalhar a tempo inteiro tem vindo a ser associado com níveis mais baixos de voluntariado e de envolvimento regular em grupos comunitários (Choi, 2003; Okun e Michel, 2006; Osborne *et al.*, 2009, cit. por Ziersch *et al.*, 2011), embora também seja descrito que trabalhar a tempo inteiro está associado com níveis mais elevados de participação (Smith, 1994, cit. por Ziersch *et al.*, 2011). Os dados australianos têm mostrado que existe maior probabilidade de os indivíduos que se encontram a exercer uma atividade profissional remunerada (quer a tempo inteiro quer parcial) se encontrarem envolvidos em organizações de voluntariado (ABS, 2006, cit. por Ziersch *et al.*, 2011). Em relação ao género, alguns estudos chegaram à conclusão de que as mulheres se encontram mais envolvidas em grupos comunitários que os homens (Wilson e Musick, 1997; Onyx e Leonard, 2000; cit. por Ziersch *et al.*, 2011).

Alguns estudos têm demonstrado que a participação em atividades voluntárias na comunidade aumenta com a idade e que decresce durante a velhice (Wilson e Musick, 1997; DiPasquale e Glaeser, 1999; cit. por Ziersch *et al.*, 2011), sendo abandonadas nos anos mais tardios desta (Baum, Modra, Bush, Cox, Cooke e Potter, 1999; Warburtn e Stirling, 2007, cit. por Ziersch *et al.*, 2011). Ter filhos em casa é outros dos fatores associados com o envolvimento em grupos comunitários (Wilson e Musick, 1997; Rotolo, 2000; Caiazza, 2001; Oesterle, Johnson e Mortimer, 2004; cit. por Ziersch *et al.*, 2011).

Assim, a investigação sugere que os níveis de participação em grupos comunitários estão associados com fatores sociodemográficos, e é defendido que nos bairros com um nível

socioeconómico mais elevado existem taxas de envolvimento cívico local mais elevados (Lowndes, Pratchett e Stoker, 2006, cit. por Ziersch *et al.*, 2011). No entanto, verifica-se uma falta de investigações sobre os fatores sociodemográficos associados especificamente com a participação em grupos comunitários de base local, em oposição à participação em grupos comunitários de uma forma mais geral.

Resultados qualitativos sugerem que o ambiente dos bairros percebidos como tendo boas estruturas de oportunidades, incluindo equipamentos recreativos locais, espaços abertos e espaços de reunião podem facilitar o envolvimento comunitário, enquanto a falta dessas infraestruturas e a presença de grafitis, vandalismo e crime diminui a interação social (Baum e Palmer, 2002, cit. por Ziersch *et al.*, 2011). No que respeita ao seu desenho, tem sido relatado na literatura que os bairros orientados para os peões estão em melhores condições de gerar capital social que os bairros dos subúrbios, onde se depende do uso do automóvel. Um estudo quantitativo verificou que os residentes que percebem a sua zona como menos amigável e avaliam as infraestruturas como pobres têm maior probabilidade de ter níveis mais baixos de atividade social (Bowling e Stafford, 2007, cit. por Ziersch *et al.*, 2011).

Em geral, os investigadores têm encontrado níveis mais baixos de participação em grupos comunitários nas áreas mais pobres (Huckfeldt, 1986; Baum *et al.*, 2000; cit. por Ziersch *et al.*, 2011). Tem sido defendido que as condições socioeconómicas das áreas mais pobres estão associadas a níveis mais elevados de instabilidade residencial e distúrbios os quais resultam em níveis mais baixos de participação e coesão (Sampson e Raundenbush, 1999; Ross e Mirowsky, 2001; cit. por Ziersch *et al.*, 2011). Em particular, a investigação sugere associações entre a segurança e o crime nos ambientes locais e o envolvimento em grupos comunitários, estando este relacionado com níveis mais baixos de crime (Sampson e Groves, 1989, cit. por Ziersch *et al.*, 2011). O medo e o crime têm sido também associados com baixos níveis de participação em atividades sociais e recreativas e de envolvimento em grupos comunitários (Crank, Giacomazzi e Heck, 2003; Saegert e Winkel, 2004; cit. por Ziersch *et al.*, 2011). Resultados qualitativos obtidos no Reino Unido dizem-nos que o medo do crime tem um efeito particularmente adverso em alguns subgrupos residentes, como as mães com baixos rendimentos, tendo em conta que os impedem de ter acesso aos locais públicos e de sair de casa a determinadas horas (Whitley e Prince, 2005, cit. por Ziersch *et al.*, 2011).

Assim, as características contextuais dos bairros (tais como a disponibilidade de estruturas de oportunidades que facilitem a interação social) tem sido associada com a participação local e a atividade social, enquanto a falta dessas estruturas em conjunto com baixos níveis de

segurança percebida e o medo do crime têm sido associados com baixos níveis de participação. No entanto, existe pouca investigação em relação às características específicas dos bairros que predizem o envolvimento em grupos comunitários de base local (em oposição a outros tipos de participação social informal).

Dukeshire e Thurlow (2002) identificam como barreiras à participação comunitária no desenvolvimento de políticas a falta de entendimento acerca do processo político (perceber o processo político pode ajudar os indivíduos na decisão de se envolverem na alteração ou desenvolvimento de políticas), a falta de recursos da comunidade (é necessário que os indivíduos tenham acesso a recursos, nomeadamente fundos, programas de formação, educação, líderes e voluntários que suportem as causas e iniciativas), a dependência de voluntários, a falta de acesso a informação (os cidadãos referem que sentem uma falta de informação relativamente aos programas e serviços do governo; essa informação é difícil de obter e de interpretar), a ausência de representação nos processos de tomada de decisão, a relação entre o governo e as comunidades e as restrições de tempo e de *timing* político.

Hassan (2012), num estudo com o propósito de examinar os determinantes da participação comunitária em projetos financiados pelo governo no Quênia, concluiu que a inteligência de liderança, as competências de comunicação, a habilidade de planear assim como um bom background educativo são fatores altamente estimulantes da participação dos residentes em projetos governamentais.

Outro grande número de estudos tem-se dedicado a analisar os fatores determinantes da participação em atividade física, a qual pode ser encarada, caso praticada com outras pessoas, uma forma de participação social.

Numa revisão dos fatores motivacionais e das barreiras para a atividade física em idosos, no qual se adotou o Modelo Social Ecológico descrito por McLeroy, Bibeau, Steckler e Glanz (1988, cit. por Santos, 2012), Santos (2012) identificou vários determinantes, distribuídos pelos três domínios deste modelo (intrapessoal, interpessoal e ambiental).

No domínio intrapessoal Santos (2012) identifica como determinantes a perceção dos benefícios da atividade física para a saúde física / mental, os seus benefícios sociais, a autoimagem, a autoestima, o sentimento de comunidade, o objetivo de diminuir a ansiedade, a observação de modelos, estado de saúde, a motivação, o interesse, as baixas expectativas, o não gostar de praticar atividade física e a depressão. No domínio interpessoal os determinantes identificados são o apoio social, o estímulo de outros, os benefícios sociais, o

objetivo de conviver e fazer amizades, a atitude dos pares em relação à atividade física, a falta de apoio social, os compromissos familiares, outros compromissos e isolamento social. No domínio ambiental são identificados o custo, o clima, as características da oferta, a segurança e a falta de oportunidades como determinantes no envolvimento dos idosos na prática de atividade física.

Sotiriadou e Wicker (2013) num estudo australiano cujo propósito é investigar o padrão da participação em atividade física em pessoas portadoras de incapacidade, tendo por base a teoria das restrições ao lazer (*leisure constraint theory*), no qual se encara a participação como função de constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais, verificam que o tipo de incapacidade, a extensão em que a pessoa é por ela condicionada, a idade, o género e a educação têm um efeito significativo na participação. Concluem ainda que as pessoas com uma maior carga profissional e que se encontram numa relação participam com menos frequência.

Tendo em conta a importância da investigação dos determinantes da participação comunitária em reformados e a existência de pouca literatura sobre essa temática, o presente estudo inclui nos seus objetivos a identificação dos fatores determinantes da participação comunitária deste grupo de indivíduos. Como base teórica para enquadrar estes fatores será utilizado o modelo de restrição ao lazer.

O Modelo de Restrição ao Lazer foi desenvolvido Crawford e Godbey (1987, cit. por Diniz e Motta, 2006) e aperfeiçoado por Crawford, Jackson e Godbey (1991, cit. por Diniz e Motta, 2006). Inicialmente, este modelo identificou as três principais barreiras à participação em atividades de lazer: intrapessoais, interpessoais e estruturais.

As *barreiras intrapessoais* envolvem o estado psicológico dos indivíduos e outras características pessoais que interagem com as preferências de lazer mais do que entre a preferência e a participação. Estas barreiras são, por exemplo, o *stress*, a depressão, a ansiedade, a religiosidade, e outras avaliações subjetivas do quão adequada é a atividade para o próprio e da existência de oportunidades.

As *barreiras interpessoais* resultam da interação pessoal, particularmente do relacionamento do consumidor com as outras pessoas. Assim, um consumidor experimenta uma barreira interpessoal, por exemplo, quando é incapaz de encontrar um parceiro com o qual se possa envolver na atividade em que deseja participar.

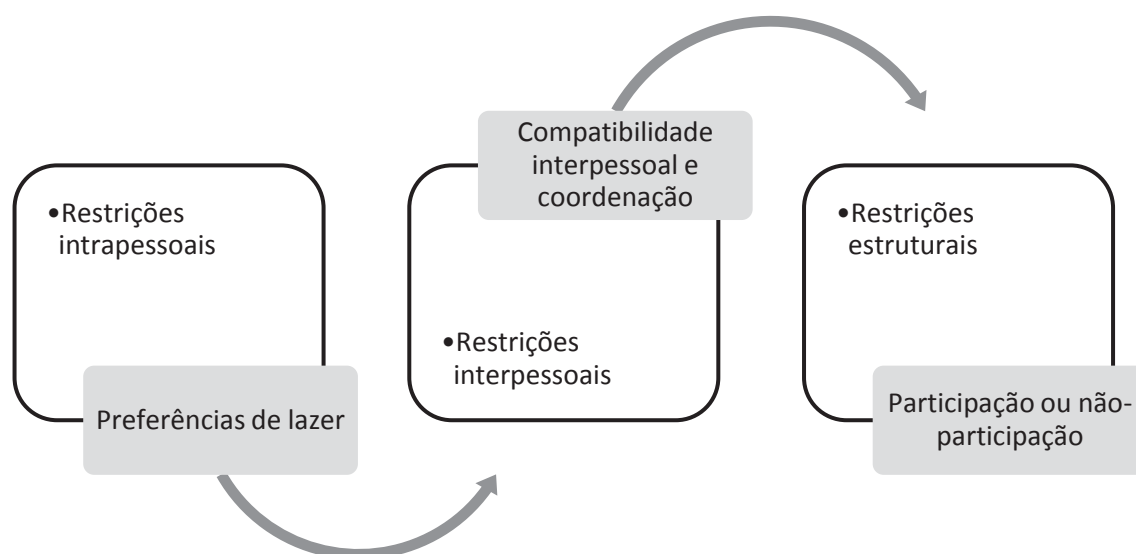
As *barreiras estruturais* representam as restrições como fatores intervenientes entre a preferência de um consumidor e sua participação por determinado tipo de lazer. Estas barreiras apresentam-se em função do estágio no ciclo de vida, dos recursos financeiros, da estação do ano, do clima, do horário de trabalho, da existência de oportunidades, ..., e impedem o consumidor de participar numa atividade da sua preferência.

O modelo de Crawford e Godbey (1987, cit. por Diniz e Motta, 2006) mostra os três tipos de barreira ou restrição ao lazer agindo de forma independente e desconexa. Mostra a influência das restrições estruturais entre a preferência e a participação em atividades de lazer, independente da influência das restrições intrapessoais que moldam as preferências e da influência das restrições interpessoais, que influenciam, por sua vez, tanto a preferência quanto à participação.

Embora este modelo tenha servido para aumentar a abrangência dos estudos no campo do lazer, ele falha ao não fazer nenhuma indicação ao processo dinâmico de como as pessoas negociam as restrições encontradas. Devido a essas limitações, Crawford *et al.* (1991, cit. por Diniz e Motta, 2006) propuseram um modelo aperfeiçoado, no qual as restrições interagem de forma hierárquica (Figura II).

Em primeiro lugar, quando as restrições intrapessoais são inexistentes ou foram ultrapassadas com sucesso, o sujeito constrói as suas preferências. De seguida, dependendo do tipo de atividade de lazer escolhida, o consumidor pode encontrar restrições no nível interpessoal, as quais são mais relevantes em atividades que implicam a interação com outras pessoas. Só depois das restrições interpessoais terem sido ultrapassadas, caso se verifiquem, o consumidor se depara com as restrições estruturais. A participação numa atividade resulta, assim, da ausência ou da negociação bem-sucedida das restrições estruturais. No entanto, se estas forem suficientemente fortes, o resultado será a não-participação.

Figura II – Modelo de Crawford, Jackson e Godbey (Fonte: Diniz e Motta, 2006)



Este modelo sugere que para a eventual participação, o consumidor depende da confrontação bem-sucedida com as restrições encontradas em todos os níveis (intrapessoal, interpessoal e estrutural, nesta ordem). No entanto, a sua não participação pode derivar da atuação das restrições em qualquer um dos níveis. As restrições intrapessoais, por serem as mais próximas e por condicionarem a sua motivação em participar de determinada atividade de lazer, colocam-se como as mais fortes dentre as três. As estruturais, por serem as mais distantes, assumem-se como as mais fracas (Crawford *et al.*, 1991, cit. por Diniz e Motta, 2006).

2.3. Capital social

A participação comunitária é conceptualizada por Putnam (1995, cit. por Olesen e Berry, 2011) como o primeiro dos dois componentes do capital social. O segundo componente deste é a coesão social (que incorpora o sentimento de pertença, a confiança social, a reciprocidade generalizada, a cooperação e a partilha de informação).

Segundo Putnam (2000, cit. por Ornelas, 2008) o capital social inclui o leque de organizações comunitárias e redes sociais, a ideia do bem comum, a identidade comunitária, a participação cívica e as normas de confiança e reciprocidade que facilitam a ação cooperativa entre as redes de cidadania e as instituições. O capital social é distinto do capital físico, associado aos objetos físicos, e do capital humano, associado às qualidades dos indivíduos, referindo-se este

às ligações entre os indivíduos, às redes sociais e às normas de reciprocidade e confiança que emergem dessas ligações.

A participação comunitária e a coesão social são também conhecidas respetivamente como componente estrutural e cognitiva do capital social (Almedom, 2005; Whitley e McKenzie, 2005; cit. por Thuy e Berry, 2013). A componente estrutural tem a ver com as múltiplas formas de participação comunitária, as redes de associações que são geradas por essa participação e a qualidade das relações dentro e entre essas redes (Whitley e McKenzie, 2005, cit. por Thuy e Berry, 2013). Pensa-se que a participação possa estar relacionada com a coesão na medida em que uma maior participação leva a maior coesão (Berry *et al.*, 2007), criando um círculo virtuoso de criação e manutenção de capital social.

O capital social pode ser medido ao nível de diferentes grupos (tais como bairros e províncias) ou a nível individual. Neste último caso, este deve ser chamado de capital social pessoal (Berry e Rickwood, 2000, cit. por Thuy e Berry, 2013). Este compreende os padrões individuais de participação comunitária e a sua coesão social pessoal (Berry *et al.*, 2007).

O défice de capital social assume-se como um foco de preocupação na medida em que este é largamente considerado um elemento crítico da promoção da saúde pública e um fidedigno preditor de saúde (nomeadamente da saúde mental), da felicidade e da satisfação com a vida (Miller e Buys, 2008, cit. por Thuy e Berry, 2013).

Tal como referem Berry e Shipley (2007), a relação entre o capital social e a saúde mental parece existir pelo facto de a participação comunitária ativar e promover aspetos da coesão social, os quais, por sua vez, contribuem para a saúde mental. Desta forma, podemos assumir que a coesão social (que incorpora, como anteriormente vimos, o sentimento de pertença, a confiança social, a reciprocidade generalizada, a cooperação e a partilha de informação) medeia a associação entre a participação comunitária e a saúde mental.

Um dos constructos centrais da área da psicologia comunitária e em linha com o conceito de coesão social é o sentimento de comunidade.

2.4. Sentimento de comunidade

O sentimento de comunidade é, segundo Ornelas (2008), um conceito fundamental da psicologia comunitária. Este conceito foi introduzido por Seymour Sarason (1974, cit. por

Ornelas, 2008), autor segundo o qual os cidadãos podem viver, trabalhar, pagar impostos e votar e, contudo, não se identificarem com a sua comunidade, sentindo que a sua participação e contributo, para a solução dos problemas da comunidade, não são necessários ou que não existem oportunidades para essa contribuição.

Na visão do autor, o sentimento de comunidade pode ser um processo facilitador da participação dos cidadãos e constituir um antídoto para os sentimentos de anomia, alienação, isolamento e solidão que potenciam dinâmicas destrutivas da vida das pessoas e o empobrecimento das sociedades.

O conceito de sentimento psicológico de comunidade é definido por Sarason (1974, cit. por Ornelas, 2008) como a *“perceção da semelhança com os outros, o reconhecimento da interdependência com os outros, a vontade de manter essa interdependência, dando ou fazendo pelos outros o que se espera deles, o sentimento que se é parte de uma estrutura estável, da qual se pode depender”* (p. 58). Deste modo, o conceito envolve o sentimento de pertença a uma rede de relações e a uma coletividade maior e fiável, a interdependência voluntária e a mutualidade.

McMillan e Chavis (1986, cit. por Ornelas, 2008) formularam uma teoria sobre o sentimento psicológico de comunidade, procurando traduzir o conceito em constructos mensuráveis para a investigação.

Nesse contexto, identificaram quatro componentes que definem o sentimento psicológico de comunidade:

- Estatuto de membro: refere-se ao sentimento de pertença e de ser parte do coletivo. Este estatuto tem cinco atributos: (1) as fronteiras, que definem quem faz parte dessa comunidade; (2) o sistema de símbolos comuns que une os membros; (3) a segurança emocional, que advém da pertença e dos valores partilhados; (4) a identificação com a comunidade; e (5) o investimento pessoal, que resulta do compromisso para com a comunidade e que gera laços mais fortes entre os seus membros;
- Influência: refere-se ao sentimento dos membros que podem fazer a diferença para o grupo e que o grupo pode ser importante para eles;
- Integração e satisfação de necessidades: refere-se ao sentimento de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através dos recursos a que terão acesso, devido ao seu estatuto de membros do grupo;

- Ligações emocionais partilhadas: resulta do compromisso e da convicção de que os membros partilham e irão partilhar uma história, lugares comuns, tempo juntos e experiências similares. Estas ligações são fortalecidas através dos contactos positivos e próximos entre os seus membros.

Para Newbrough (1980, cit. por Ornelas, 2008), algumas organizações (organizações de bairro, igreja, grupos de ajuda mútua) podem funcionar como estruturas de mediação que, ao criar oportunidades de envolvimento das pessoas com a sua comunidade, promovem a participação dos cidadãos e facilitam a sua ligação com a comunidade.

Também para Rappaport (1994, cit. por Ornelas, 2008) pertencer a um grupo, organização ou comunidade, em que a pessoa possa simultaneamente receber e dar apoio, é uma forma de aumentar o controlo pessoal, ou seja, aumentar a confiança e as convicções pessoais sobre a capacidade de intervenção e influência nas várias esferas da sua vida.

Vários estudos têm revelado que níveis elevados de sentimento de comunidade podem resultar em benefícios psicológicos para as pessoas que os experienciam. É o caso do estudo de Davidson e Cotter (1991, cit. por Fortuna da Silva, 2012) que, com o objetivo de estudar a relação entre o sentimento de comunidade e o bem-estar subjetivo em adultos residentes em três áreas diferentes nos EUA, verificaram que estas duas variáveis estão significativamente relacionadas. Aferiram, nesse estudo, que um forte sentimento de comunidade eleva o bem-estar subjetivo, em termos de aumento da felicidade e da autoeficácia e de diminuição da preocupação.

Também Prezza e Costantini (1998, cit. por Mendes de Moraes, 2010) examinaram as relações entre sentimento de comunidade, satisfação com a vida, autoestima, suporte social percebido e satisfação com os serviços prestados pela comunidade, em três comunidades de dimensões diferentes em Itália (Viterbo, Áquila e Nápoles). Verificaram que o sentimento de comunidade apresenta uma estreita relação com a satisfação com a vida, a autoestima e o suporte social percebido e, em particular, que a satisfação com a vida é mais alta nos residentes da cidade mais pequena (Viterbo) do que nos residentes das outras cidades.

No Canadá, o sentimento de comunidade nos adolescentes, no contexto do bairro e da escola, mostrou estar negativamente associado a sentimentos de solidão (Pretty, Andrews, & Collet, 1994, cit. por Mendes de Moraes, 2010) e positivamente associado com o bem-estar (Pretty, Conrov, Dugav, Fowler, & Williams, 1996, cit. por Mendes de Moraes, 2010).

Na Austrália, Joung, Russel e Powers (2004, cit. por Mendes de Moraes, 2010), no seu estudo longitudinal sobre o sentimento de pertença a um bairro em mulheres idosas, verificaram que um nível elevado de sentimento de pertença a um bairro está associado a um aumento do bem-estar físico e mental e à diminuição de stress em mulheres idosas.

Ornelas (2008) numa revisão sobre a investigação sobre sentimento psicológico de comunidade destaca algumas conclusões:

- O sentimento de comunidade está relacionado positivamente com níveis mais elevados de bem-estar psicológico e negativamente com os sentimentos de solidão.
- O tempo de residência nos bairros pode fortalecer o sentimento de comunidade, facilitando o desenvolvimento de relações mais frequentes e satisfatórias, entre vizinhos.
- O sentimento de comunidade está relacionado com várias formas de participação política (votar, contactar com agentes políticos, colaborar na resolução de problemas comunitários).
- O sentimento de comunidade está correlacionado positivamente com o desenvolvimento de relações positivas entre vizinhos, com a participação em organizações locais, com o controlo percebido sobre o ambiente envolvente e com a eficácia coletiva.
- O aumento do sentimento de comunidade precede o aumento dos níveis de vizinhança e do sentimento de influência dos indivíduos e do grupo sobre os assuntos relativos ao bairro.
- Existe maior sentimento psicológico de comunidade nos contextos em que os indivíduos sentem que têm uma voz ativa, poder e influência.

Tendo em conta esta evidência científica, aumentar os laços de suporte entre os cidadãos e a sua ligação aos seus contextos de vizinhança e fortalecer as comunidades geográficas (definidas com base no território) ou relacionais (desenvolvidas com base em interesses e valores comuns) é uma forma de reduzir o isolamento e a alienação (Ornelas, 2008).

Apesar de, como anteriormente descrito, os níveis de sentimento de comunidade estarem relacionados com os níveis de participação comunitária, a direção desta relação não é clara.

Sarason (1974, cit. por Severino de Jesus, 2013) defendia que é a necessidade de possuir um sentimento de comunidade que impele os indivíduos a exercer práticas de participação comunitária. Também Talò, Mannarini & Rochira (2014), na sua meta-análise sobre a literatura relativa ao sentimento de comunidade, referem que a maioria dos estudos empíricos tem revelado que a participação é uma variável que depende do sentimento de comunidade.

Não obstante, tal como na sua relação com a coesão social anteriormente explicitada, a literatura assume a existência de uma relação de circularidade entre o sentimento de comunidade e a participação comunitária. Neste sentido, o sentimento de comunidade potencia a participação ativa dos cidadãos a qual, por sua vez, fomenta o sentimento de comunidade (Severino de Jesus, 2013).

Parte II – Estudo empírico

Existe suficiente evidência de que a participação económica e social é essencial para o bem-estar e para o sucesso dos indivíduos, das famílias e das comunidades. As pessoas que se encontram envolvidas ativamente nas suas comunidades tendem a experienciar maiores níveis de saúde e bem-estar que as que não se envolvem. O sentimento de comunidade, também associado com melhores indicadores de saúde, é visto na literatura quer como uma causa quer como uma consequência da participação.

A questão de partida que norteia este estudo é *de que forma a participação comunitária e o sentimento de comunidade se encontram relacionados nos reformados da cidade de Serpa*.

Neste contexto, a presente investigação pretende compreender a relação existente entre a participação comunitária (nos seus diferentes tipos) e o sentimento de comunidade nos reformados residentes na cidade de Serpa. Pretende-se ainda compreender a relação entre estas variáveis e as suas características sociodemográficas assim como identificar quais os fatores que determinam (enquanto facilitadores ou barreiras) a sua participação comunitária.

Especificamente, este estudo pretende compreender:

- O nível global, a frequência (por tipo de participação) e a amplitude da participação comunitária nos reformados da cidade de Serpa;
- A relação entre a participação comunitária e as variáveis sociodemográficas;
- O sentimento de comunidade nos reformados da cidade de Serpa;
- A relação entre o sentimento de comunidade e as variáveis sociodemográficas;
- A relação entre a participação comunitária (nível global, por tipo de participação, amplitude e perceções acerca da participação) e o sentimento de comunidade;
- Os determinantes da participação comunitária nos reformados da cidade de Serpa;
- A relação entre os determinantes da participação comunitária e as variáveis sociodemográficas;
- A relação entre os determinantes e a participação comunitária;

- A relação entre os determinantes da participação comunitária e o sentimento de comunidade.

3. Metodologia

O presente estudo enquadra-se nos princípios da investigação-ação e tem carácter exploratório e transversal.

A opção pela investigação-ação tem a ver com o facto de esta metodologia ter como finalidade a mudança de um determinado contexto social e contribuir para o desenvolvimento profissional dos seus atores. Como refere Corey (1953, cit. por Serrano, 2004) a investigação-ação é um processo pelo qual os práticos pretendem estudar os seus problemas cientificamente com o fim de guiar, corrigir e avaliar sistematicamente as suas decisões e ações.

Esta metodologia promove o diálogo entre teoria e prática, conjuga processos de investigação e ação, conduz à produção de conhecimentos e mudança e promove a interação entre investigadores e atores (Serrano, 2004).

Neste contexto, esta metodologia adquire uma importância primordial no campo da intervenção em Psicogerontologia Comunitária.

Neste estudo serão utilizadas estratégias quantitativas de recolha de dados como o inquérito por questionário e as escalas de avaliação psicológica.

3.1. Participantes

Os participantes deste estudo correspondem a uma amostra de conveniência, sendo esta constituída por 229 residentes da cidade de Serpa, no Sul de Portugal, 59,8% do sexo

feminino e 40,2% do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 17¹ e os 89 anos (M = 53,17 anos), em que 46,72% são reformados.

Para além dos participantes identificados por conveniência na comunidade, foram envolvidos alguns utentes da Academia Sénior e dos Centros de Convívio da cidade, alguns membros da Conferência Vicentina de Serpa, alguns voluntários da associação Ser Vida e alguns desempregados, formandos de duas ações de formação modular e de uma ação de formação para a inclusão da associação de desenvolvimento local Rota do Guadiana.

3.2. Instrumentos

Em Portugal, não existem estudos sobre a participação comunitária, numa perspetiva abrangente e compreensiva, especificamente no que respeita à população sénior, nem instrumentos adequados a avaliar esta participação. Por outro lado, apesar de existirem alguns estudos sobre o sentimento de comunidade, os instrumentos mobilizados não são os mais comumente utilizados em estudos internacionais, o que dificulta a comparação de resultados.

Neste sentido, optámos pela adaptação do *Australian Community Participation Questionnaire* e do *Sense of Community Index – 2* à população portuguesa e pela construção de um instrumento que nos permitisse recolher, de forma sistemática, informação sobre os determinantes da participação comunitária descritos na literatura, o *Inventário de Determinantes da Participação Comunitária*.

Foram também recolhidas informações sociodemográficas dos participantes.

3.2.1. Australian Community Participation Questionnaire

O ACPQ foi desenvolvido por Berry, Rodgers e Dear em 2007 pelo facto de, apesar da sua reconhecida importância no campo da investigação em saúde, não existir um instrumento de

¹ Como descrito mais adiante, devido à dificuldade em envolver em tempo útil um número de reformados suficiente para proceder à validação das escalas optou-se por estender a recolha de dados aos não reformados, cujos dados foram utilizados apenas nos estudos psicométricos dos instrumentos.

medida da participação comunitária desenvolvido de forma sistemática (Berry *et al.*, 2007; Berry e Shipley, 2007).

Este instrumento tem por base uma definição da participação que inclui a conectividade social informal (*informal social connectedness*), o envolvimento cívico (*civic engagement*) e a participação política (*political participation*).

Dimensões do ACPQ (Berry, Rodgers e Dear, 2007)

Com base numa revisão de literatura inicial foram listados dezasseis tipos diferentes de participação: contacto com membros do agregado familiar, contacto com a família alargada, contacto com os amigos, contacto com os vizinhos, contacto social com os colegas de trabalho, atividades organizadas da comunidade, prática religiosa, educação de adultos, liderança no setor do voluntariado, doação de dinheiro para caridade, interesse ativo nos assuntos locais, interesse nos assuntos nacionais e internacionais, expressão pública de opiniões, participação em grupos políticos e organização de ação política.

A definição de participação comunitária dos autores excluía atividades como participação laboral, acesso a serviços médicos e compras, uma vez que estas não indicam um envolvimento na vida comunitária primariamente volitivo.

Tendo por base uma abordagem inclusiva, necessária aos procedimentos de análise fatorial subsequentes, foram gerados diversos itens para ilustrar os 16 tipos de participação. Quando possível, foram seguidos temas da literatura. Por exemplo, tomar refeições com outras pessoas é uma importante faceta da socialização (Wade, Tampubolon e Savage, 2005, cit. por Berry *et al.*, 2007), pelo que foram incluídos itens relacionados com essa ação para tipos de participação que podem decorrer quer do sentido do dever quer do desejo de se conectar (contacto com membros do agregado familiar, família alargada e colegas de trabalho).

Os itens foram desenvolvidos de forma a abrangerem diferentes níveis de compromisso, iniciativa e esforço. Por exemplo, os itens da prática religiosa iam desde a reserva de tempo para ir a encontros religiosos em locais de culto ou a encontros de oração (maior compromisso), à participação em eventos religiosos como casamentos (menor compromisso) e à visita a locais de oração como turista (muito pouco compromisso).

Finalmente foram privilegiados os itens que implicavam ver ou fazer atividades com outros em pessoa uma vez que, comparado com a participação impessoal, o envolvimento pessoal gera laços mais estáveis (Putman, 2000, cit. por Berry *et al.*, 2007). Para testar esta ideia foram incluídos itens associados com a participação impessoal tais como o pagamento de quotas de clubes ou organizações comunitárias.

Para cada item, os participantes caracterizavam o seu nível de participação nessa atividade, através do seu posicionamento numa escala de 1 a 7, entre 1 = *Never, or almost never* (Nunca ou quase nunca) e 7 = *Always, or almost always* (Sempre ou quase sempre).

De um total de 67 itens, os procedimentos estatísticos ditaram a eliminação de um conjunto significativo de itens, sendo que a versão final ficou com 30 itens divididos por 14 subescalas: (1) contacto pessoas do agregado familiar; (2) contacto com a família alargada; (3) contacto com amigos/as; (4) contacto com vizinhos/as; (5) contacto social com colegas de trabalho; (6) atividades organizadas da comunidade; (7) doação de dinheiro para caridade; (8) atividades do setor do voluntariado; (9) educação de adultos; (10) prática religiosa; (11) interesse ativo nos assuntos da atualidade; (12) expressão pública de opiniões; (13) ativismo comunitário e (14) protesto político.

As subescalas agrupam-se em três dimensões, interligadas entre si, como mostra a Figura III.

Figura III – Agrupamento dos tipos de participação por dimensão (adaptado de Berry e Shipley, 2007)

Conetividade social informal	Envolvimento cívico	Participação política
<ul style="list-style-type: none"> • Contacto com pessoas do agregado familiar; • Contacto com a família alargada; • Contacto com amigos/as; • Contacto com vizinhos; • Contacto social com colegas de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades organizadas da comunidade; • Doação de dinheiro para caridade; • Atividades do setor do voluntariado; • Educação de adultos; • Prática religiosa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Interesse ativo nos assuntos da atualidade; • Expressão pública de opiniões; • Ativismo comunitário; • Protesto político.

Perceções sobre a participação (Berry e Shipley, 2007)

Tendo por base a ideia de que as perceções subjetivas sobre a participação comunitária de um indivíduo podem ser tão bons ou melhores preditores da participação comunitária, da saúde mental e da coesão social que as simples frequências de participação e que, numa perspetiva de políticas sociais, poderá ser desejável, mais que melhorar os níveis globais de participação, encorajar determinadas frequências e tipos de participação, de acordo com características e necessidades específicas de cada indivíduo ou grupo, Berry e Shipley (2007) desenvolveram uma escala para avaliar estas perceções, a qual se encontra associada ao ACPQ.

No seu estudo, apenas as perceções sobre alguns tipos de participação foram independentemente associados com o distress psicológico – os quais ficaram conhecidos como “*Big 7*” (Berry e Shipley, 2007), pelo que apenas esses foram incluídos na escala final: contacto com os membros da família, contacto com a família alargada, contacto com os amigos/os, contacto com os vizinhos/as, prática religiosa, atividades organizadas da comunidade e interesse ativo em assuntos da atualidade.

Esta seção da escala avalia as percepções subjetivas (pensamentos e sentimentos) acerca da participação nos sete tipos de participação comunitária referidos sendo que cada resposta é dada com base numa escala de 7 pontos de 1 – “Discordo muito” a 7 – “Concordo muito”.

Estas percepções são independentes dos respetivos níveis de participação, de tal forma que um participante pode responder “1 – Nunca ou quase nunca” no que respeita ao seu envolvimento em atividades organizadas da comunidade e, ao mesmo tempo, não considerar que passa muito pouco tempo nesse tipo de atividades (“2 – Discordo”).

3.2.2. Sense of Community Index 2

O Sense of Community Index (SCI) é a medida quantitativa mais utilizada do sentimento de comunidade nas ciências sociais, tendo vindo a ser utilizado em vários estudos que abrangem diferentes culturas (América do Norte e do Sul, Ásia, entre outras), vários contextos (urbano, rural, tribal, entre outros) e vários tipos de comunidade (cidades, bairros, escolas clubes, grupos na Internet, entre outros) (Chavis, Lee e Acosta, 2008).

O SCI foi desenvolvido originalmente por McMillan e Chavis em 1986 e revisto por Chavis, Lee e Acosta em 2008 (SCI-2).

O SCI é baseado na teoria do sentimento de comunidade de McMillan e Chavis (1986, cit. por Chavis, Lee e Acosta, 2008), segundo a qual o sentimento de comunidade é uma percepção composta por quatro elementos: associação à comunidade, influência, satisfação de necessidades e conexão emocional compartilhada.

O resultado de estudos anteriores demonstrou que o SCI é um forte preditor da participação e um instrumento de medição válido. No entanto, o SCI foi alvo de críticas no que se refere à sua variabilidade (uma vez que era constituído por 12 itens aos quais se respondia apenas numa escala verdadeiro / falso), à consistência das suas subescalas, à sua utilização em diferentes grupos culturais e à clareza de alguns dos itens (Chavis, Lee e Acosta, 2008), facto que levou os autores a efetuar uma revisão da escala.

O SCI-2 é constituído por 24 afirmações, as quais são classificadas pelo sujeito entre “*Not at all*” (0) e “*Completely*” (3). Com base na cotação das 24 afirmações é obtido um valor total do sentimento de comunidade e das quatro-subescalas, correspondentes aos quatro elementos identificados pela teoria de McMillan e Chavis (1986, cit. por Chavis, Lee e Acosta, 2008).

Depois de revisto, o SCI-2 foi utilizado num estudo com uma amostra de 1800 participantes tendo a análise de consistência da escala e das subescalas revelado valores muito confiáveis para a escala total ($\alpha = 0,94$) e confiáveis para as subescalas ($0,79 < \alpha < 0,86$).

Sendo uma escala desenvolvida para ser usada em diferentes tipos de comunidade, é necessário que se identifique no espaço correspondente o referente comunitário (no caso deste estudo, a cidade de Serpa, uma comunidade geográfica).

O SCI-2 inclui ainda uma questão inicial de validação (*“How important is it to you to feel a sense of community with other community members?”*) que pode ajudar na interpretação dos resultados. Chavis, Lee e Acosta (2008) afirmam que, apesar de esta questão se encontrar relacionada com o sentimento de comunidade total, isso nem pode não acontecer em todos os tipos de comunidade.

3.2.3. Inventário de Determinantes da Participação Comunitária

Com vista à criação de um instrumento que avaliasse os diversos determinantes da participação comunitária (barreiras ou facilitadores) efetuou-se uma revisão da literatura relacionada com diversos tipos de participação, a qual é apresentada na primeira parte deste documento.

Nessa revisão, foram identificadas três ordens de determinantes derivadas do Modelo de Restrição ao Lazer (Crawford, Jackson e Godbey, 1991), os quais nortearam a construção deste inventário e que se encontram descritas mais atrás: determinantes intrapessoais, interpessoais e estruturais.

Com base nestas dimensões, foram desenvolvidos um total de 49 itens, também eles derivados da literatura.

Na dimensão intrapessoal foram incluídos itens relativos a características socioeconómicas, biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais. Na dimensão interpessoal foram incluídos itens relativos à situação familiar, apoio social e atitude das pessoas. Por fim, na dimensão estrutural foram incluídos itens relativos a fatores ambientais, infraestruturas, serviços e ofertas (Apêndice I – Guião de construção do IDPC).

Os itens assumiram a forma de afirmações às quais os participantes deviam responder assinalando o seu grau de concordância, entre 1 – “*Discordo totalmente*” a 6 – “*Concordo totalmente*”.

Mais que auscultar a percepção dos participantes sobre o impacto dos vários fatores na sua participação na comunidade, pretendeu-se posicioná-los relativamente a cada um deles e, posteriormente, estabelecer correlações com a participação comunitária.

Deste conjunto inicial de itens, através de processos de análise de consistência interna e análise fatorial, chegou-se a um conjunto mais reduzido de 34 itens, divididos pelas 3 dimensões iniciais e por 6 fatores (Figura IV):

Figura IV – Dimensões e fatores do Inventário de Determinantes da Participação Comunitária

Fatores intrapessoais	{	Satisfação consigo e com as suas competências (7 itens)
		Atitude face à participação comunitária (4 itens)
Fatores interpessoais	{	Rede social e apoio da família (5 itens)
		Atitude e apoio das pessoas (7 itens)
Fatores estruturais	{	Ambiente, acessos e meios de comunicação (3 itens)
		Serviços, ofertas e hábitos de participação (8 itens)

3.2.4. Variáveis sociodemográficas

Neste estudo para além das informações constantes dos instrumentos anteriormente descritos foram recolhidos dados relativos à idade, ao sexo, ao estado civil, à situação profissional, ao tempo de reforma, à profissão anterior (ou atual, no caso dos empregados), à escolaridade, ao rendimento do agregado, à zona (ou bairro) de residência, ao tempo de residência no local e à composição do agregado familiar.

Como anteriormente vimos, estas variáveis são descritas na literatura como relacionadas com o envelhecimento bem-sucedido, com o bem-estar psicológico, com a satisfação com a reforma, com a saúde mental e com a participação comunitária.

3.3. Procedimento

Tendo em conta a inexistência de versões portuguesas do ACPQ e da existência de uma versão em português do Brasil do SCI-2 cuja aplicação neste estudo não se considerou adequada, e depois de se obter o consentimento dos autores dos instrumentos, começámos por efetuar um trabalho de adaptação destas escalas, originalmente em inglês (o ACPQ em inglês da Austrália e o SCI-2 em inglês dos Estados Unidos da América).

A metodologia utilizada é a sugerida por Hill e Hill (2005) e incluiu a tradução da versão original das escalas para português de Portugal e, em seguida, a retroversão dessa versão para o idioma de origem, com o objetivo de identificar possíveis equívocos na primeira tradução e ambiguidades de interpretação da versão original.

Este trabalho de tradução e retroversão foi desenvolvido por duas especialistas independentes. Quem traduziu o ACPQ efetuou a retroversão do SCI-2 e vice-versa. Não se utilizaram consultores nativos dos Estados Unidos da América nem da Austrália, como sugerido por Hill e Hill (2005), por dificuldade de identificação em tempo útil desses consultores.

Depois de concluído este processo e de terem sido consideradas adequadas, do ponto de vista linguístico, as versões traduzidas, as escalas foram testadas num grupo de 10 pessoas, selecionadas por conveniência, com diferentes níveis etários e de escolaridade. Nesse pré-teste não foram identificados problemas de compreensão dos itens de nenhuma das provas.

Neste pré-teste incluiu-se também o IDPC, na sua versão inicial de 49 itens, assim como as questões sobre os dados sociodemográficos, sendo que todos os itens se demonstraram adequados.

Após o pré-teste dos instrumentos anteriormente descrito, criou-se o instrumento de consentimento livre e esclarecido, que completou o documento de recolha de dados utilizado, e, depois de obtido o consentimento da Câmara Municipal de Serpa e da União de Freguesias de Santa Maria e Salvador para envolver os utentes da Academia Sénior, da responsabilidade

da primeira, e dos Centros de Convívio, da responsabilidade da segunda, procedeu-se à recolha de dados junto dos participantes do estudo, com base no instrumento que se apresenta em apêndice (Apêndice II – Instrumento de recolha de dados).

A recolha de dados iniciou-se a 6 de fevereiro e terminou a 15 de maio de 2014. Inicialmente envolveram-se apenas os reformados da cidade mas, pelo facto do processo de recolha de dados se ter revelado demasiado demorado face às exigências temporais, optou-se por estender o estudo à população não reformada da cidade.

No estudo preliminar de validação das escalas teve-se em conta a totalidade dos participantes, enquanto no estudo empírico apenas se tiveram em conta os participantes reformados. Apesar disso, foram estabelecidas algumas comparações entre estes e o grupo dos não reformados.

O procedimento de recolha de dados passou pela entrevista, no caso dos participantes menos autónomos em termos de compreensão da leitura, e pelo autopreenchimento dos instrumentos, os quais foram facultados quer em formato papel quer em formato digital. Os dados foram inseridos numa base de dados criada com recurso ao SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*, v. 20, IBM), *software* utilizado para o tratamento de dados.

3.4. Tratamento dos dados

O tratamento de dados iniciou-se pela análise das não respostas na base de dados. Nesta análise verificou-se que, na sua maioria, estas aconteceram em dois tipos de participação do ACPQ – contacto com pessoas do agregado familiar (2 itens) e contacto social com colegas de trabalho (2 itens) – e que os participantes que não responderam aos itens do contacto com as pessoas do agregado familiar se encontravam a viver sozinhos e os que não responderam aos itens do contacto social com colegas de trabalho não se encontrava a trabalhar (reformados sem atividade profissional, desempregados ou estudantes). Tendo-se assumido que as suas não respostas eram justificadas, respetivamente, pela sua situação familiar ou pela situação face ao emprego, estas foram substituídas pela opção de resposta “1 – Nunca ou quase nunca”. Os restantes participantes com não respostas foram mantidos na amostra, utilizando-se no seu tratamento a opção *Exclude cases pairwise*, ou seja, considerando o processo estatístico, excluíram-se da análise apenas os casos onde nas variáveis em questão se verificaram não respostas. Este procedimento tem a vantagem de, ao contrário da opção

Exclude cases listwise, não reduzir globalmente o tamanho da amostra (Pestana e Gageiro, 2005).

Sendo a distribuição normal um dos pressupostos para a utilização de muitos testes estatísticos e que esta permite a aplicação de um grande número de estatísticas descritivas, o segundo passo foi o teste da normalidade das variáveis (e das pontuações compostas posteriormente descritas) com recurso aos testes de Kolmogorov-Smirnov e de Shapiro-Wilk. Uma vez que se obtiveram níveis de significância inferiores a 0,20 nos testes, o valor mínimo para aceitar a hipótese nula da distribuição ser normal, esta foi rejeitada assumindo-se assim a não normalidade das variáveis.

Com base nos quocientes de simetria – obtidos pela divisão do valor da simetria g_1 pelo valor do seu desvio padrão DP g_1 , como descrito por Pestana e Gageiro (2005, pp. 77) – verificou-se ainda que muitas das variáveis apresentam distribuições assimétricas (quocientes de simetria $< -1,96$ ou $> +1,96$).

Com base na observação das caixas e bigodes, verificou-se ainda a existência de *outliers* (observações aberrantes que tendem a distorcer a média e o desvio padrão) na maioria das variáveis. Depois de se ter confirmado que os mesmos não se tratavam de erros de introdução de dados, optou-se pela sua manutenção na amostra, uma vez que se considerou que estes são acontecimentos significativos para o estudo. Outra vantagem da manutenção destes casos foi a não redução do número de participantes no estudo (N=229).

Depois destes procedimentos iniciais, com vista à decisão pelos procedimentos de análise de dados mais adequados aos dados recolhidos, procedeu-se à avaliação da fiabilidade e da validade das duas escalas traduzidas e da escala por nós criada. Esta avaliação teve por base os pressupostos enumerados por Hill e Hill (2005), nomeadamente a validade fatorial, convergente e discriminante e a consistência interna.

A *validade fatorial* do ACPQ, do SCI-2 e do IDPC foi avaliada pela Análise Fatorial Exploratória (AFE) sobre a matriz de correlações não paramétricas², com extração dos fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax com normalização de Kaiser.

² Optou-se pela utilização das correlações do tipo Spearman pelo facto de, como vimos, não estar assegurada a normalidade dos dados. Para introduzir esta alteração na análise fatorial, que no SPSS utiliza por defeito correlações do tipo Pearson, procedeu-se como descrito por Maroco (2007, pp. 406-413).

No caso do ACPQ (uma vez que são considerados 14 tipos de participação comunitária na escala original) foram extraídos 14 fatores, no SCI-2 (uma vez que são consideradas 4 subescalas na escala original) foram extraídos 4 fatores e no IDPC (uma vez que a extração de 3 fatores, correspondentes às dimensões teóricas que suportaram a sua construção não se revelou satisfatória) utilizou-se o critério do *eigenvalue* superior a 1 em consonância com o *Scree Plot* e a percentagem de variância retida, uma vez que de acordo com Maroco (2007) a utilização de um único critério pode levar à retenção de mais / menos fatores do que aqueles relevantes para descrever a estrutura latente.

Para avaliar a validade da AFE utilizou-se o critério KMO com os critérios de classificação definidos por Maroco (2007). Tendo-se observado valores do KMO superiores a 0,70 (ACPQ = 0,79; SCI-2 = 0,90; IDPC = 0,88), correspondentes a uma fatorabilidade da matriz de correlações entre *Boa* e *Muito Boa*, procedeu-se à AFE.

Os valores compostos de cada participante nos fatores retidos nas três escalas foram calculados com base na soma das pontuações de cada um dos itens que os constitui.

No ACPQ e no IDPC com base nestes valores compostos foi levada a cabo nova AFE, com as características anteriormente descritas, com extração de 3 fatores, com o objetivo de identificar as três dimensões teóricas implícitas em cada uma delas. Neste caso os valores do KMO obtidos foram também superiores a 0,70 (ACPQ = 0,79; IDPC = 0,73).

Mais uma vez, foram calculados os valores compostos de cada fator com base na soma das subescalas que os constituem.

A inspeção da *validade convergente e discriminante* dos itens foi feita de três maneiras: (a) inspeção da correlação de cada item com a escala total (consistência interna do item); (b) inspeção da correlação de cada item com a dimensão e a subescala a que pertence (validade convergente) e (c) a correlação do item com as dimensões e as subescalas a que não pertence (validade discriminante). Tanto na correlação do item com a escala total, com a dimensão, como com a subescala a que pertence o valor encontrado reporta-se à correlação do item corrigida para sobreposição (correlação com o item excluído). Foi adotado o mesmo procedimento para inspecionar a validade das subescalas derivadas.

Para avaliar a *consistência interna* das escalas foi calculado o Alfa de Cronbach (α) da escala total e das suas subescalas e dimensões. No caso do ACPQ e do SCI-2, uma vez que os valores

obtidos foram satisfatórios e que pretendemos manter a sua estrutura original, todos os itens foram mantidos.

No caso do IDPC excluíram-se os itens que contribuíam para (a) a redução do valor do α ou (b) para a manutenção do valor do α , tendo uma correlação inferior a 0,20. Desta forma foram excluídos 12 itens em quatro cálculos sucessivos (primeiro excluíram-se os itens 4, 44 e 38; depois os 3, 6, 7 e 16; depois os 2, 8 e 15; e, por fim, os 22 e 41). Depois de obtidas as estruturas fatoriais, pela AFE anteriormente descrita, foram calculados os valores de α para cada uma das subescalas e dimensões e, com base nos critérios anteriores, foram excluídos ainda os itens 1, 21 e 26. De um total de 49 itens passou-se para uma estrutura de 34.

Depois destes procedimentos de validação, e antes dos procedimentos estatísticos com vista a explorar a relação entre variáveis, procedeu-se ao cálculo de novas variáveis e ao agrupamento de participantes em função dos valores obtidos em algumas delas.

Para calcular o valor da amplitude da participação começámos por classificar os participantes do estudo como participantes ou não participantes em cada um dos tipos de participação. Assim, estes foram classificados como não participantes (aos quais foi atribuído o valor 0) quando obtinham um valor inferior ao valor médio da variável (no caso dos tipos de participação avaliados por dois itens o valor médio da variável era 8 e nos avaliados com base em três itens o valor era 12) e como participantes (aos quais foi atribuído o valor 1) quando apresentavam um valor igual ou superior a este. Depois de dicotomizados, os valores dos catorze tipos de participação foram somados, dando origem ao valor da amplitude da participação. A amplitude da participação correspondente ao número de tipos de participação em que cada pessoa se vê envolvida.

Com base na divisão dos participantes pelo valor mediano³ da sua participação comunitária global (PCG), estes foram distribuídos entre “*Não participantes*” (PCG inferior à mediana) e “*Participantes*” (PCG igual ou superior à mediana). Com esta nova variável dicotómica pudemos explorar o impacto do estado de participação no sentimento de comunidade.

³ Segundo Hill e Hill (2005) este método de agrupamento de casos é mais útil que a partição pela média, uma vez que pode ser utilizado quando a distribuição da variável não é simétrica, que é o caso do valor da PCG.

Para agrupar os participantes em função da percepção da importância de compartilhar um sentimento de comunidade com os demais membros do local onde vivem, a questão de validação do SCI-2, e, dessa forma, explorar o impacto desta percepção no sentimento de comunidade, dividimo-los com base no valor médio da variável. Assim, foi atribuído o rótulo “*Não é importante ...*” a quem deu uma resposta entre 1 a 3 e “*É importante ...*” a quem deu uma resposta entre 4 e 6.

A exploração da relação entre variáveis que se seguiu a estes procedimentos teve em conta as características dos dados disponíveis, nomeadamente a falta de normalidade. Neste contexto optou-se pela utilização pelas correlações não paramétricas (do tipo ρ de Spearman) para estabelecer relações entre variáveis e pela utilização da mediana (Me), em vez da média, para estabelecer comparações entre grupos.

Segundo Pestana e Gageiro (2005), por não ser sensível a assimetrias na distribuição nem à presença de *outliers* (ao contrário do quociente de correlação de Pearson – R), o quociente de correlação ρ de Spearman (ρ)⁴, indicado para medir a intensidade da relação entre duas variáveis ordinais, deve ser utilizado para medir a relação entre variáveis quantitativas (intervalo / rácio) quando o critério da normalidade não está assegurado.

Por outro lado, e de acordo com Maroco (2007, pp. 124), se a variável for ordinal ou se, sendo contínua, a sua distribuição não for normal, a melhor medida de tendência central a utilizar nos procedimentos estatísticos é a mediana.

Para avaliar a relação entre variáveis quantitativas e variáveis qualitativas (nominais ou ordinais) foi utilizado o quociente de associação eta (η) que, ao contrário dos quocientes de correlação, varia entre 1 e 0. O valor de η^2 é interpretado como a proporção da variação na variável dependente que é explicada pela variável independente (Pestana e Gageiro, 2005).

⁴ O quociente ρ de Spearman (ρ) varia entre -1 e $+1$, sendo que quanto mais próximo destes extremos estiver maior será a associação linear entre as variáveis. O sinal negativo da correlação significa que as variáveis variam em sentido contrário, ou seja, a valores mais elevados de uma estão associados valores mais baixos de outra (Pestana e Gageiro, 2005).

4. Apresentação dos resultados

4.1. Caraterização dos participantes

Os participantes deste estudo foram 229 residentes da cidade de Serpa, 59,82% do sexo feminino, 46,72% reformados. Apresentam-se de seguida alguns dados respeitantes às suas características sociodemográficas.

No que respeita à situação profissional, verifica-se que 53,28% não se encontram reformados/as (27,51% encontra-se empregado/a; 16,59% encontra-se desempregado/a; 7,86% encontra-se a estudar ou a frequentar formação profissional a tempo integral e 1,31% é freelancer, pelo que a sua atividade profissional é incerta) e 46,72% encontram-se reformados/as (39,30% sem atividade profissional; 4,37% com atividade profissional a tempo integral e 3,06% com atividade profissional a tempo parcial ou sazonal) (Quadro I).

Quadro I – Distribuição dos participantes por situação profissional atual e por sexo

Situação profissional atual	Sexo		Total	Total estado
	Homem	Mulher		
Reformado/a com atividade profissional a tempo integral	4	6	10	107
Reformado /a com atividade profissional a tempo parcial / sazonal	5	2	7	
Reformado /a sem atividade profissional	35	55	90	
Desempregado/a	11	27	38	122
Empregado/a	26	37	63	
Freelancer	0	3	3	
Estudante	11	7	18	
Total	92	137	229	229

Relativamente ao estado civil, verifica-se que 54,14% são casados/as, 21,83% são solteiros (na sua maioria não reformados/as), 9,17% são viúvos/as (na sua maioria reformados/as), 7,86% unidos/as de facto e 6,99% separado/as ou divorciados/as (Quadro II).

Quadro II – Participantes por estado civil e estado profissional

Estado civil	Estado profissional		Total
	Reformado/a	Não reformado/a	
Solteiro/a	5	45	50
Unido/a de facto	6	12	18
Casado/a	73	51	124
Separado/a ou Divorciado/a	5	11	16
Viúvo/a	18	3	21
Total	107	122	229

De forma a reduzir a grande diversidade de profissões dos participantes, permitindo a comparação de dados, optámos por utilizar uma categorização correspondente às carreiras gerais dos funcionários do Estado Português, com crescente complexidade em termos de competências e qualificação necessária: *Assistente operacional*, *Assistente técnico* e *Técnico superior* (Direção Geral da Administração e do Emprego Público, 2014).

Quando houve dúvidas no processo de categorização das profissões, recorreu-se ao Quadro Nacional de Qualificações (QNQ) (Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, 2008), fazendo uma associação entre este e as três carreiras gerais da seguinte forma: assistente operacional = até nível II do QNQ; assistente técnico = níveis III, IV e V do SNQ e técnico superior = níveis VI, VII e VIII do QNQ.

Assim, verifica-se que a atual profissão (ou a última, no caso dos/as desempregados/as à procura de novo emprego e dos/as reformados/as sem atividade profissional) de 59,20% dos/as participantes era equivalente à categoria de assistente operacional, 21,39% assistente técnico e 12,43% a técnico superior (Quadro III).

Quadro III – Participantes por categoria profissional e estado profissional

Nível profissional	Estado profissional		Total
	Reformado/a	Não reformado/a	
Assistente operacional ou equivalente	68	51	119
Assistente técnico ou equivalente	19	24	43
Técnico superior ou equivalente	14	25	39
Total	101	100	201

No que respeita às habilitações escolares, verifica-se que 24,45% têm o 12.º ano (na sua maioria não reformados/as), 23,58% têm o 4.º ano (na sua maioria reformados), 20,52% têm o ensino superior, 14,85% têm o 9.º ano, 9,17% têm o 6.º ano, 5,24% não sabe ler nem escrever (apenas reformados/as) e 2,18% sabe ler e escrever sem ter concluído o 1.º ciclo do ensino básico (apenas reformados/as) (Quadro IV).

Quadro IV – Participantes por habilitações escolares e estado profissional

Habilitações escolares	Estado profissional		Total
	Reformado/a	Não reformado/a	
Não sabe ler nem escrever	12	0	12
Sabe ler e escrever	5	0	5
4.º ano	47	7	54
6.º ano	10	11	21
9.º ano	15	19	34
12.º ano	5	51	56
Ensino superior	13	34	47
Total	107	122	229

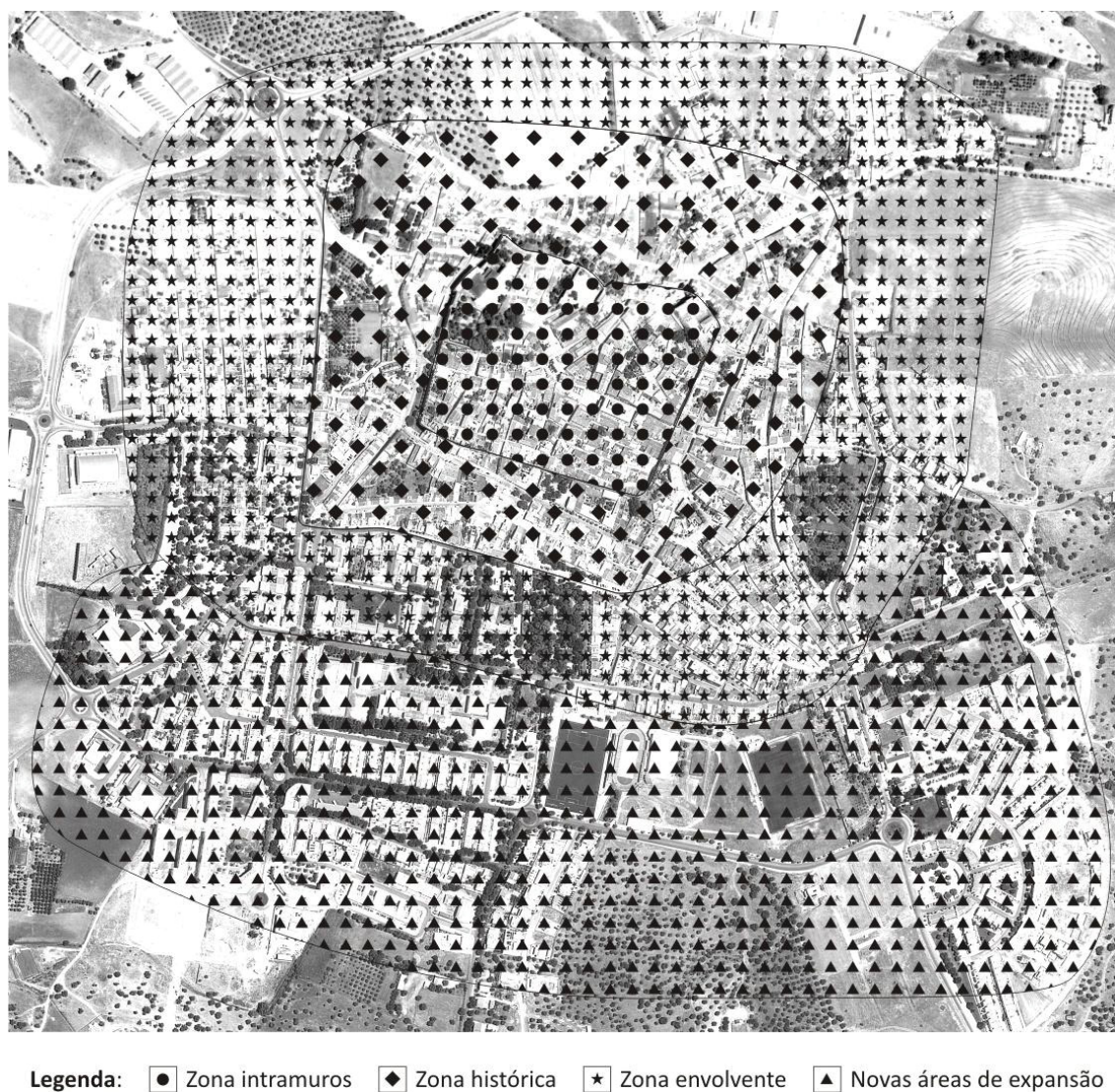
No que concerne ao total de rendimentos do agregado, verifica-se que 20,73% dos participantes se encontra entre 301€ e 500€, 18,43% entre 701€ e 900€, 13,82% entre 501€ e 700€, 9,68% entre 901€ e 1100€, 9,22% menos de 300€ e entre 1101€ e 1300€, 8,29% entre 1301€ e 1500€, 6,45% entre 1501€ e 2000€ e 4,18% mais de 2001€ (Quadro V).

Quadro V – Participantes por total de rendimentos do agregado e estado profissional

Total de rendimentos do agregado	Estado profissional		Total
	Reformado/a	Não reformado/a	
Menos de 300€	7	13	20
Entre 301€ e 500€	25	20	45
Entre 501€ e 700€	11	19	30
Entre 701€ e 900€	17	23	40
Entre 901€ e 1100€	8	13	21
Entre 1101€ e 1300€	10	10	20
Entre 1301€ e 1500€	9	9	18
Entre 1501€ e 2000€	9	5	14
Mais de 2001	6	3	9
Total	102	115	217

Relativamente à zona de residência, uma vez que não se conseguiu um número significativo de participantes por cada bairro da cidade, optou-se pelo seu agrupamento por zonas definidas pela distância ao centro histórico. Tendo em conta esse critério, foram definidas cinco zonas: zona intramuros, zona histórica, zona envolvente, novas áreas de expansão e zona periférica (Figura V).

Figura V – Divisão da cidade por zonas



No que respeita à zona de residência verifica-se que 43,36% dos participantes reside nas novas áreas de expansão, 29,20% na zona envolvente, 21,68% na zona envolvente, 4,42% na zona intramuros e 1,33% na zona periférica (Quadro VI).

Quadro VI – Participantes por zona de residência e estado profissional

Zona de residência	Estado profissional		Total
	Reformado/a	Não reformado/a	
Zona intramuros	2	8	10
Zona histórica	27	22	49
Zona envolvente	34	32	66
Novas áreas de expansão	42	56	98
Zona periférica	1	2	3
Total	106	120	226

No que respeita ao tipo de agregado familiar, verifica-se que 42,98% dos participantes vive com a família (onde se inclui quem vive com cônjuge e filhos), 39,47% vive apenas com cônjuge ou companheiro/a, 10,09% vive sozinho/a, 6,58% vive apenas com os filhos e 0,88% vive noutra situação (nomeadamente com dama de companhia) (Quadro VII).

Quadro VII – Participantes por tipo de agregado familiar e estado profissional

Tipo de agregado familiar	Estado profissional		Total
	Reformado/a	Não reformado/a	
Vive sozinho/a	12	11	23
Vive com cônjuge ou companheiro/a	66	24	90
Vive apenas com os filhos	4	11	15
Vive com a família (inclui pais, filhos e netos)	22	76	98
Outro	2	0	2
Total	106	122	228

Já a idade dos participantes varia entre 17 e 89 anos ($M = 53,17$, $DP = 17,94$), o tempo de aposentação entre os 0 e os 40 anos ($M = 11,07$, $DP = 8,61$) e tempo de residência na zona onde vive entre os 4 meses e os 78 anos ($M = 22,44$, $DP = 15,79$) (Quadro VIII).

Quadro VIII – Média, desvio padrão, máximos e mínimos para idade, tempo de aposentação e tempo de residência

	Idade	Tempo de aposentação	Tempo de residência
Válidos	229	107	227
Média	53,17	11,0717	22,439
Desvio Padrão	17,935	8,61447	15,7884
Mínimo	17	,00	,3
Máximo	89	40,00	78,0

4.2. Estudo psicométrico dos instrumentos

Depois do processo de adaptação do ACPQ e do SCI-2 e de construção do IDPC, anteriormente descritos, foram levados a cabo os procedimentos de validação propostos por Hill e Hill (2005) no seu livro *“Investigação por questionário”*, cujos resultados se apresentam de seguida.

4.2.1. Adaptação do Australian Community Participation Questionnaire (ACPQ, Berry, Rodgers e Dear, 2007) para a população portuguesa

De seguida apresentamos os resultados relativos à fiabilidade e à validade da versão portuguesa do APCQ.

Fiabilidade

Com base no Alfa de Cronbach verificamos que a fiabilidade da escala total é *Boa* ($\alpha = 0,87$), a das dimensões entre *Fraca* e *Boa* ($0,69 < \alpha < 0,88$) e a das subescalas entre *Fraca* e *Muito boa* ($0,68 < \alpha < 0,93$) (de acordo com os intervalos definidos por Pereira e Gageiro, 2005, pp. 526). No Quadro IX são apresentados os resultados por item, por dimensão e por subescala, assim como a consistência interna de cada dimensão, subescala e da escala global.

Quadro IX – Consistência interna (α) da escala total (ACPQ), de cada dimensão e subescala e valores da mediana e desvio padrão por item, dimensão e subescala

Dimensão / Subescala / Item	Dimensão / Subescala	Me	DP	α
CONETIVIDADE SOCIAL INFORMAL (CSI)		45,000	8,673	,690
Contacto com pessoas do agregado familiar (CPAF)	CSI	13,000	3,587	,889
1 – Vejo as pessoas do meu agregado familiar no início do dia	CPAF	7,000	1,874	
2 – Faço a minha refeição principal com as pessoas do meu agregado familiar	CPAF	6,000	1,907	
Contacto com a família alargada (CFA)	CSI	9,000	2,658	,859
3 – Vejo os membros da minha família alargada em pessoa	CFA	5,000	1,324	
4 – Passo tempo a fazer coisas com pessoas da minha família alargada	CFA	4,000	1,510	
Contacto com amigos/as (CA)	CSI	9,000	2,547	,759
5 – Reservo tempo para manter contacto com os meus amigos	CA	5,000	1,408	
6 – Os meus amigos vêm a minha casa ou eu vou a casa deles	CA	4,000	1,430	
Contacto com vizinhos/as (CV)	CSI	8,000	2,935	,771
7 – Os meus vizinhos contam-me as suas novidades ou eu conto-lhes as minhas	CV	4,000	1,644	
8 – Converso com os meus vizinhos	CV	5,000	1,610	
Contacto social com colegas de trabalho (CSCT)	CSI	7,000	3,725	,845
9 – Socializo com os meus colegas de trabalho antes do trabalho, depois do trabalho ou durante os intervalos	CSCT	4,000	2,104	
10 – Passo as minhas pausas para almoço ou lanche com os meus colegas de trabalho	CSCT	2,000	1,894	
ENVOLVIMENTO CÍVICO (EC)		33,000	10,813	,776
Educação de adultos (EA)	EC	4,000	3,067	,815
11 – Sempre que posso, vou a cursos ou aulas noturnas	EA	2,000	1,623	
12 – Estudo, faço trabalhos ou exames para obter uma qualificação	EA	2,000	1,713	
Prática religiosa (PR)	EC	4,000	3,473	,899
13 – Reservo tempo para ir a serviços religiosos em locais de culto	PR	2,000	1,932	
14 – Vou a encontros de oração com outras pessoas que partilham das minhas crenças	PR	2,000	1,706	
Atividades organizadas da comunidade (AOC)	EC	10,000	4,755	,801
15 – Participo ativamente em atividades de grupo organizadas na minha comunidade	AOC	3,000	1,649	
16 – Sou um membro ativo de, pelo menos, uma associação, clube desportivo ou de tempos livres da minha comunidade	AOC	2,000	2,155	
17 – Participo em eventos onde as pessoas se juntam (como festas, espetáculos, festivais ou outros eventos comunitários)	AOC	4,000	1,780	
Atividades do setor do voluntariado (ASV)	EC	4,000	3,558	,931
18 – Faço parte de comissões organizadoras de grupos de voluntariado ou sem fins lucrativos	ASV	2,000	1,837	
19 – No meu tempo livre sou voluntário em comissões organizadoras de clubes, grupos comunitários ou outras organizações sem fins lucrativos	ASV	2,000	1,841	

Quadro IX (continuação)

Dimensão / Subescala / Item	Dimensão / Subescala	Me	DP	α
Doação de dinheiro para caridade (DDC)	EC	8,000	2,913	,835
20 – Dou dinheiro para caridade, se me for pedido	DDC	4,000	1,617	
21 – Se me for pedido, compro produtos vendidos por instituições de caridade	DDC	4,000	1,527	
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA (PaP)		27,000	10,712	,882
Interesse ativo nos assuntos da atualidade (IAAA)	PaP	10,000	2,778	,682
23 – Falo sobre assuntos da atualidade com outras pessoas	IAAA	5,000	1,422	
24 – Leio artigos no jornal sobre assuntos da atualidade nacional e internacional	IAAA	5,000	1,751	
Expressão pública de opiniões (EPO)	PaP	5,000	3,111	,825
25 – Se necessário, falo com um político local acerca de problemas da atualidade	EPO	2,00	1,790	
26 – Contacto com políticos ou representantes do poder local acerca de assuntos relacionados comigo	EPO	2,00	1,577	
Ativismo comunitário (AC)	PaP	9,000	4,240	,762
22 – Assino petições, se concordo com a causa	DDC	4,000	1,781	
27 – Encorajo outros a juntarem-se a um grupo envolvido nos problemas da atualidade	AC	2,000	1,746	
28 – Contacto outros membros do meu grupo de assuntos da atualidade para os relembrar de uma reunião, do pagamento das suas quotas, etc.	AC	2,000	1,621	
Protesto político (PoP)	PaP	2,000	3,075	,914
29 – Associo-me a sindicatos, partidos políticos ou grupos que estão a favor ou contra algo	PoP	1,000	1,701	
30 – Vou a reuniões de um sindicato, partido político ou grupo que está a favor ou contra algo	PoP	1,000	1,497	
Escala Total (ACQP)		105,000	23,430	,869

No que respeita às perceções sobre a participação (Me = 29,00 DP = 8,09 para 'passo muito pouco tempo' e Me = 38,00, DP = 5,62 para 'gosto do tempo que passo'), cada uma delas (pensamentos e sentimentos) demonstra consistência interna *Razoável* ($\alpha = 0,75$ para 'passo muito pouco tempo' e $\alpha = 0,70$ para 'gosto do tempo que passo') (de acordo com Pestana e Gageiro, 2005, pp. 526) (Quadro X).

Quadro X – Consistência interna (α) das percepções sobre a participação comunitária e valores da mediana e desvio padrão por item e tipo de percepção

Tipo de percepção acerca da participação comunitária		<i>Me</i>	DP	α
Passo muito pouco tempo ... (PMPT)		29,000	8,089	,752
... com os membros do meu agregado familiar	PMPT	2,000	2,116	
... com a minha família alargada	PMPT	5,000	1,747	
... com os meus amigos	PMPT	4,000	1,677	
... com os meus vizinhos	PMPT	4,000	1,641	
... em serviços religiosos	PMPT	5,000	1,987	
... em atividades organizadas da comunidade	PMPT	5,000	1,709	
... a ter interesse em assuntos da atualidade	PMPT	4,000	1,839	
Gosto de passar o tempo ... (GPT)		38,000	5,612	,699
... com os membros do meu agregado familiar	GPT	7,000	,925	
... com a minha família alargada	GPT	6,000	1,011	
... com os meus amigos	GPT	6,000	,952	
... com os meus vizinhos	GPT	5,000	1,422	
... em serviços religiosos	GPT	4,000	1,977	
... em atividades organizadas da comunidade	GPT	5,000	1,543	
... a ter interesse em assuntos da atualidade	GPT	6,000	1,287	

Validade teórica

Uma vez que a existência de fiabilidade é necessária mas não suficiente para garantir a validade da escala, ou seja, que a mesma é uma medida da variável que se pretende medir (Hill e Hill, 2005), optámos por proceder à determinação da validade teórica, através da validade fatorial, convergente e discriminante.

Tratando-se da tradução de uma escala construída com base nos pressupostos enumerados por Hill e Hill (2005, pp. 150), consideramos a validade de conteúdo desta escala adequada.

Validade fatorial

Dos tipos de participação (subescalas)

Com base na análise fatorial verificamos que apenas 8 dos 14 fatores obtiveram valores próprios (*eigenvalues*) superiores a 1, pelo que os restantes 6 fatores foram forçados. No total, os 14 fatores explicam 85,91% da variância dos dados iniciais (Quadro XI).

Quadro XI – Valores próprios e variância explicada de cada um dos 14 fatores retidos no ACPQ após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais seguida de uma rotação Varimax

Fator	Valores próprios iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado			Somadas rotativas de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variação	% cumulativa	Total	% de variação	% cumulativa	Total	% de variação	% cumulativa
1	7,475	24,918	24,918	7,475	24,918	24,918	2,154	7,181	7,181
2	3,053	10,176	35,093	3,053	10,176	35,093	2,113	7,044	14,224
3	2,189	7,296	42,389	2,189	7,296	42,389	2,036	6,788	21,012
4	2,050	6,835	49,223	2,050	6,835	49,223	1,937	6,456	27,468
5	1,767	5,888	55,112	1,767	5,888	55,112	1,892	6,306	33,774
6	1,699	5,663	60,775	1,699	5,663	60,775	1,875	6,249	40,023
7	1,418	4,725	65,500	1,418	4,725	65,500	1,812	6,039	46,063
8	1,327	4,425	69,925	1,327	4,425	69,925	1,771	5,905	51,967
9	,981	3,272	73,196	,981	3,272	73,196	1,756	5,853	57,820
10	,914	3,046	76,242	,914	3,046	76,242	1,751	5,838	63,658
11	,850	2,835	79,077	,850	2,835	79,077	1,690	5,633	69,291
12	,803	2,675	81,752	,803	2,675	81,752	1,687	5,624	74,915
13	,668	2,227	83,980	,668	2,227	83,980	1,683	5,609	80,524
14	,578	1,927	85,907	,578	1,927	85,907	1,615	5,383	85,907
15	,509	1,697	87,604						
16	,414	1,381	88,984						
17	,368	1,228	90,212						
18	,341	1,136	91,349						
19	,330	1,099	92,448						
20	,302	1,005	93,453						
21	,278	,927	94,380						
22	,238	,795	95,175						
23	,232	,774	95,949						
24	,217	,723	96,672						
25	,212	,707	97,379						
26	,188	,628	98,007						
27	,179	,598	98,605						
28	,159	,532	99,137						
29	,141	,469	99,606						
30	,118	,394	100,000						

Ao fator 1 correspondem as *Atividades do setor do voluntariado*, ao 2 as *Atividades organizadas da comunidade*, ao 3 o *Protesto político*, ao 4 o *Contacto social com colegas de trabalho*, ao 5 a *Doação de dinheiro para caridade*, ao 6 a *Prática religiosa*, ao 7 o *Contacto com a família alargada*, ao 8 o *Contacto com pessoas do agregado familiar*, ao 9 a *Educação de adultos*, ao 10 o *Interesse ativo nos assuntos da atualidade*, ao 11 o *Contacto com os vizinhos*, ao 12 o *Ativismo comunitário*, ao 13 o *Contacto com amigos* e ao 14 a *Expressão pública de opiniões*.

Adicionalmente, todas as comunalidades são elevadas, demonstrando que os 14 fatores são apropriados para descrever a estrutura correlacional latente (Quadro XII).

Na versão portuguesa da escala verifica-se uma total correspondência entre os itens e os fatores da escala original à exceção do item “Assino petições, se concordo com a causa” que neste estudo tem mais peso no fator “Ativismo comunitário” que no fator “Doação de dinheiro para caridade”, ao qual se encontrava originalmente associado. Sendo esta diferença significativa ($> 0,10$), optámos por associar o item a este último fator, uma vez que nos parece que em Portugal, mais que uma forma de contribuir para a caridade, assinar petições é uma forma de contribuir para a mudança de determinada realidade, estando por isso associada ao ativismo comunitário.

Essa alteração vê-se refletida na secção anterior, sobre a fiabilidade da escala, bem como no capítulo do estudo empírico.

Quadro XII – Pesos fatoriais de cada item dos 14 fatores retidos no ACPQ após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax. A apresentam-se a negrito os itens com pesos fatoriais superiores a 0,40 em valor absoluto

Itens	Componente														Comunalidade
	1 – ASV	2 – AOC	3 – PoP	4 – CSCT	5 – DDC	6 – PR	7 – CFA	8 – CPAF	9 – EA	10 – IAAA	11 – CV	12 – AC	13 – CA	14 – EPO	
1 – Vejo as pessoas do meu agregado familiar no início do dia	,886	,190	,134	,050	,049	,046	,001	-,047	,133	,079	,007	,065	,087	,170	,913
2 – Faço a minha refeição principal com as pessoas do meu agregado familiar	,001	-,044	,034	-,037	-,041	-,008	,049	,922	-,050	,013	,050	-,087	,018	,011	,872
3 – Vejo os membros da minha família alargada em pessoa	,011	,014	-,010	,027	,069	,083	,929	,109	,015	,013	,040	-,001	,057	,077	,898
4 – Passo tempo a fazer coisas com pessoas da minha família alargada	,056	,065	,031	,137	,064	,070	,883	,068	-,017	,027	,183	,060	,142	-,009	,879
5 – Reservo tempo para manter contacto com os meus amigos	,086	,239	-,014	,055	,095	-,006	,089	,110	,077	,127	,163	-,007	,830	-,015	,834
6 – Os meus amigos vêm a minha casa ou eu vou a casa deles	,091	,078	-,031	,132	,068	,120	,128	-,065	,111	,076	,121	,101	,843	,102	,836
7 – Os meus vizinhos contam-me as suas novidades ou eu conto-lhes as minhas	,096	-,018	-,081	,036	-,032	,146	,124	,014	-,010	,024	,855	,121	,195	,052	,842
8 – Converso com os meus vizinhos	-,029	,181	-,014	-,152	,148	,025	,104	,097	,009	,036	,854	-,050	,080	,107	,850
09 – Socializo com os meus colegas de trabalho antes do trabalho, depois do trabalho ou durante os intervalos	,067	,143	,122	,842	-,067	-,092	,173	,087	,179	,104	-,036	,123	,114	,039	,873
10 – Passo as minhas pausas para almoço ou lanche com os meus colegas de trabalho	,044	,044	,091	,911	-,037	-,006	,019	-,050	,170	,101	-,077	,055	,074	,047	,903
11 – Sempre que posso, vou a cursos ou aulas noturnas	,120	,175	,173	,200	,064	,107	-,007	-,070	,845	,064	,100	,026	,056	,070	,871
12 – Estudo, faço trabalhos ou exames para obter uma qualificação	,114	,101	,068	,164	-,064	,059	,004	-,064	,859	,145	-,094	,140	,138	,023	,873
13 – Reservo tempo para ir a serviços religiosos em locais de culto	,054	,036	-,032	-,089	,099	,921	,047	-,009	,116	-,049	,105	-,065	,050	,024	,908
14 – Vou a encontros de oração com outras pessoas que partilham das minhas crenças	,072	,000	,034	,008	,050	,938	,102	-,013	,023	-,030	,052	,077	,051	-,071	,917
15 – Participo ativamente em atividades de grupo organizadas na minha comunidade	,213	,800	,050	-,074	,057	,099	,052	,038	,136	,088	,164	,064	,150	,110	,803
16 – Sou um membro ativo de, pelo menos, uma associação, clube desportivo ou de tempos livres da minha comunidade	,438	,624	,220	,242	-,017	-,053	,015	-,055	-,001	,116	,056	,295	,096	-,046	,809
17 – Participo em eventos onde as pessoas se juntam (como festas, espetáculos, festivais ou outros eventos comunitários)	,072	,797	,042	,203	,085	-,031	,037	,058	,173	,203	-,008	,064	,158	,183	,830
18 – Faço parte de comissões organizadoras de grupos de voluntariado ou sem fins lucrativos	,879	,164	,113	,037	,048	,115	,073	-,030	,104	,105	,054	,167	,080	,115	,908
19 – No meu tempo livre sou voluntário em comissões organizadoras de clubes, grupos comunitários ou outras organizações sem fins lucrativos	,886	,190	,134	,050	,049	,046	,001	-,047	,133	,079	,007	,065	,087	,170	,913

Quadro XII (continuação)

Itens	Componente														Comunalidade
	1 – ASV	2 – AOC	3 – PoP	4 – CSCT	5 – DDC	6 – PR	7 – CFA	8 – CPAF	9 – EA	10 – IAAA	11 – CV	12 – AC	13 – CA	14 – EPO	
20 – Dou dinheiro para caridade, se me for pedido	,180	,082	,317	,156	,182	,168	,214	-,023	,038	,053	,033	,044	,069	,048	-,022
21 – Se me for pedido, compro produtos vendidos por instituições de caridade	,070	,083	,222	,188	,170	,107	,207	,142	-,049	,069	,044	,069	,048	,048	-,022
22 – Assino petições, se concordo com a causa	,889	,846	,306	,300	,202	,325	,098	,135	,123	,048	-,022	,070	,039	-,057	-,057
23 – Falo sobre assuntos da atualidade com outras pessoas	,065	,155	,223	,067	-,020	,162	,119	,103	,070	,039	-,057	,070	,039	-,057	-,057
24 – Leio artigos no jornal sobre assuntos da atualidade nacional e internacional	-,002	,034	,110	,058	-,025	,034	,083	,155	,378	,877	,916	,049	,111	,049	,111
25 – Se necessário, falo com um político local acerca de problemas da atualidade	,035	-,039	,011	,069	-,063	-,006	-,095	,023	-,096	,049	,111	,049	,111	,049	,111
26 – Contacto com políticos ou representantes do poder local acerca de assuntos relacionados comigo	-,013	,037	,015	,054	,113	-,036	,093	-,069	,056	,118	,019	,056	,118	,019	,019
27 – Encorajo outros a juntarem-se a um grupo envolvido nos problemas da atualidade	-,042	,068	-,100	-,063	-,061	,070	,027	,053	,050	,003	,009	,050	,003	,009	,009
28 – Contacto outros membros do meu grupo de assuntos da atualidade para os relembrar de uma reunião, do pagamento das suas quotas, etc.	,112	,130	,026	,135	,071	,028	,063	,151	,220	-,006	-,010	,220	-,006	-,010	-,010
29 – Associo-me a sindicatos, partidos políticos ou grupos que estão a favor ou contra algo	,102	,124	-,101	,149	,107	,266	,812	,754	,452	,132	,070	,452	,132	,070	,070
30 – Vou a reuniões de um sindicato, partido político ou grupo que está a favor ou contra algo	-,045	-,074	,118	,041	,128	,080	-,040	,145	-,036	,029	,079	,145	-,036	,029	,079
	,155	,207	,652	,700	,178	,267	-,019	,165	,549	,233	-,060	,549	,233	-,060	-,060
	-,030	-,026	,094	,047	,060	,054	,017	,251	,056	,032	,110	,056	,032	,110	,110
	,159	,219	,213	,298	,830	,718	,102	,171	,164	-,015	,008	,164	-,015	,008	,008
	,910	,892	,820	,792	,882	,846	,814	,813	,767	,871	,885	,767	,871	,885	,885

Das dimensões da participação

Com base na análise fatorial verificamos que existem 4 fatores com valores próprios superiores a 1. No entanto, apenas foram retidos 3, os quais explicam 50,14% da variância dos dados iniciais (Quadro XIII).

Quadro XIII – Valores próprios e variância explicada de cada um dos 3 fatores retidos como dimensões do ACPQ após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax

Fator	Valores próprios iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado			Somadas rotativas de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variação	% cumulativa	Total	% de variação	% cumulativa	Total	% de variação	% cumulativa
1	4,063	29,019	29,019	4,063	29,019	29,019	3,766	26,902	26,902
2	1,721	12,292	41,310	1,721	12,292	41,310	1,687	12,047	38,950
3	1,236	8,831	50,141	1,236	8,831	50,141	1,567	11,192	50,141
4	1,143	8,161	58,302						
5	,923	6,595	64,897						
6	,901	6,438	71,336						
7	,791	5,653	76,989						
8	,684	4,888	81,877						
9	,526	3,758	85,635						
10	,503	3,595	89,229						
11	,462	3,297	92,527						
12	,399	2,850	95,376						
13	,348	2,485	97,861						
14	,299	2,139	100,000						

Ao contrário do que seria de esperar, o CSCT aparece associado com as subescalas da dimensão PaP e não com as da dimensão CSI. Também as subescalas EA, AOC e ASV aparecem associadas com as subescalas da dimensão PaP e não com as da EC.

Verifica-se também que algumas comunalidades são baixas (< 0,40), o que demonstra que os 3 fatores podem não ser apropriados para descrever a estrutura correlacional latente (Quadro XIV).

Quadro XIV – Pesos fatoriais de cada item dos 3 fatores retidos como dimensões do ACPQ após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax. A negrito apresentam-se os itens com pesos fatoriais superiores a 0,40 em valor absoluto

Itens (subescalas)	Componente			Comunalidade
	1 – PaP	2 – CSI	3 – EC	
Contacto com pessoas do agregado familiar (CPAF)	-,078	,633	-,360	,536
Contacto com família alargada (CFA)	,096	,654	,128	,454
Contacto com amigos (CA)	,321	,554	,329	,519
Contacto com vizinhos (CV)	,010	,581	,446	,536
Contacto social com colegas de trabalho (CSCT)	,562	,211	-,323	,465
Educação de adultos (EA)	,607	-,031	,155	,394
Prática religiosa (PR)	-,047	,045	,711	,509
Atividades organizadas da comunidade (AOC)	,671	,246	,157	,536
Atividades do setor do voluntariado (ASV)	,627	-,042	,325	,500
Doação de dinheiro para caridade (DDC)	,182	,146	,542	,348
Interesse ativo nos assuntos da atualidade (IAAA)	,651	,238	-,001	,480
Expressão pública de opiniões (EPO)	,713	,105	,010	,519
Ativismo comunitário (AC)	,795	,022	,177	,663
Protesto político (PoP)	,722	-,119	-,158	,561

Validade convergente e discriminante

Validade dos itens

Como podemos ver no Quadro XV, a correlação entre cada item e a soma dos itens da escala total (ACPQ), excluindo esse item, varia entre 0,03 (item 2) e 0,59 (item 27), enquanto a correlação entre cada item e a soma dos itens da dimensão a que pertence, excluindo esse item, varia entre os seguintes valores: Conetividade Social Informal (CSI) entre 0,25 (item 10) e 0,51 (item 4); Envolvimento Cívico (EC) entre 0,28 e 0,60 e Participação Política (PaP) entre 0,47 e 0,72.

No que respeita à correlação entre cada item e a soma dos itens da subescala a que pertence, excluindo esse item, uma vez que a maioria das subescalas é composta apenas por dois itens,

esta assume um valor único: Contacto com Pessoas do Agregado Familiar (CPAF) 0,71; Contacto com a Família Alargada (CFA) 0,76; Contacto com os Amigos (CA) 0,63; Contacto com Vizinhos (CV) 0,61; Contacto Social com Colegas de Trabalho (CSCT) 0,78; Educação de Adultos (EA) 0,71; Prática Religiosa (PR) 0,80; Atividades Organizadas da Comunidade (AOC) entre 0,63 e 0,69; Atividades do Setor do Voluntariado (ASV) 0,84; Doação de Dinheiro para Caridade (DDC) 0,72; Interesse Ativo nos Assuntos da Atualidade (IAAA) 0,56; Expressão Pública de Opiniões (EPO) 0,69; Ativismo Comunitário (AC) entre 0,48 e 0,67 e Protesto Político (PoP) 0,80.

Quadro XV – Correlação do tipo Spearman (ρ) entre cada item e a soma dos itens do ACPQ e a dimensão e subescala a que pertence, corrigidas para sobreposição. Encontram-se assinaladas a negrito as correlações entre os itens e a dimensão e a subescala com as quais a sua correlação é mais elevada

Subescala / Item	ACPQ	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	PoP
Contacto com pessoas do agregado familiar (CPAF)																		
1 – Vejo as pessoas do meu agregado familiar no início do dia	,136*	,364**	-,022	,051	,707**	,212**	,083	,123	,072	-,073	-,031	,092	-,079	,076	,119	,012	-,007	,025
2 – Faço a minha refeição principal com as pessoas do meu agregado familiar	,035	,262**	-,086	-,024	,707**	,129	,031	,098	-,016	-,119	-,025	-,016	-,084	-,033	,023	,004	-,092	,016
Contacto com a família alargada (CFA)																		
3 – Vejo os membros da minha família alargada em pessoa	,243**	,408**	,113	,085	,177**	,760**	,199**	,192**	,141*	,036	,153*	,084	,063	,150*	,076	,096	,078	,042
4 – Passo tempo a fazer coisas com pessoas da minha família alargada	,350**	,509**	,191**	,137*	,145*	,760**	,311**	,303**	,234**	,073	,148*	,182**	,127	,168*	,127	,120	,147*	,069
Contacto com amigos/as (CA)																		
5 – Reservo tempo para manter contacto com os meus amigos	,430**	,439**	,390**	,223**	,139*	,241**	,626**	,331**	,206**	,237**	,090	,404**	,209**	,182**	,294**	,164*	,195**	,005
6 – Os meus amigos vêm a minha casa ou eu vou a casa deles	,438**	,401**	,383**	,272**	-,020	,261**	,626**	,309**	,253**	,285**	,190**	,312**	,232**	,178**	,265**	,211**	,270**	,050

Quadro XV (continuação)

Subescala / Item	ACPQ	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	PoP
Contacto com vizinhos/as (CV)																		
7 – Os meus vizinhos contam-me as suas novidades ou eu conto-lhes as minhas	,280**	,337**	,221**	,123	,056	,266**	,362**	,608**	,012	,033	,230**	,155*	,145*	,084	,079	,185**	,158*	-,070
8 – Converso com os meus vizinhos	,244**	,256**	,207**	,095	,155*	,225**	,280**	,608**	-,132*	-,013	,147*	,194**	,068	,211**	,120	,193**	,091	-,080
Contacto social com colegas de trabalho (CSCT)																		
9 – Socializo com os meus colegas de trabalho antes do trabalho, depois do trabalho ou durante os intervalos	,422**	,387**	,240**	,389**	,083	,254**	,275**	-,031	,772**	,395**	-,111	,365**	,201**	-,062	,320**	,237**	,322**	,332**
10 – Passo as minhas pausas para almoço ou lanche com os meus colegas de trabalho	,322**	,252**	,187**	,324**	-,050	,110	,192**	-,108	,772**	,384**	-,063	,265**	,163*	-,060	,275**	,182**	,258**	,306**
Educação de adultos (EA)																		
11 – Sempre que posso, vou a cursos ou aulas noturnas	,456**	,224**	,437**	,379**	-,096	,070	,251**	,107	,369**	,715**	,185**	,360**	,322**	,095	,306**	,246**	,339**	,316**
12 – Estudo, faço trabalhos ou exames para obter uma qualificação	,378**	,174**	,345**	,349**	-,101	,040	,263**	-,043	,379**	,715**	,113	,309**	,288**	-,005	,308**	,197**	,331**	,273**
Prática religiosa (PR)																		
13 – Reservo tempo para ir a serviços religiosos em locais de culto	,131*	,094	,289**	-,039	-,031	,131*	,156*	,208**	-,115	,162*	,805**	,048	,144*	,176**	-,059	-,027	-,003	-,034
14 – Vou a encontros de oração com outras pessoas que partilham das minhas crenças	,164*	,137*	,286**	-,002	-,040	,185**	,151*	,153*	-,021	,144*	,805**	,035	,157*	,158*	-,046	-,042	,068	,040
Atividades organizadas da comunidade (AOC)																		
15 – Participo ativamente em atividades de grupo organizadas na minha comunidade	,532**	,305**	,558**	,363**	,054	,136*	,372**	,299**	,120	,301*	,158*	,642**	,441**	,169*	,295**	,308**	,334**	,185**
16 – Sou um membro ativo de, pelo menos, uma associação, clube desportivo ou de tempos livres da minha comunidade	,575**	,276**	,493**	,526**	-,025	,108	,289**	,117	,357**	,309**	-,018	,626**	,566**	,101	,368**	,370**	,479**	,372**
17 – Participo em eventos onde as pessoas se juntam (como festas, espetáculos, festivais ou outros eventos comunitários)	,583**	,352**	,487**	,484**	,068	,142*	,373**	,130*	,344**	,383**	,003	,691**	,351**	,159*	,451**	,384**	,368**	,252**

Quadro XV (continuação)

Subescala / Item	ACPQ	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	PoP
Atividades do setor do voluntariado (ASV)																		
18 – Faço parte de comissões organizadoras de grupos de voluntariado ou sem fins lucrativos	,543**	,216**	,600**	,442**	-,068	,147*	,257**	,144*	,178**	,311**	,177**	,488**	,843**	,152*	,288**	,385**	,450**	,317**
19 – No meu tempo livre sou voluntário em comissões organizadoras de clubes, grupos comunitários ou outras organizações sem fins lucrativos	,518**	,165*	,597**	,450**	-,074	,079	,235**	,089	,188**	,334**	,108	,508**	,843**	,122	,281**	,402**	,413**	,324**
Doação de dinheiro para caridade (DDC)																		
20 – Dou dinheiro para caridade, se me for pedido	,217**	,106	,274**	,160*	,014	,122	,209**	,176**	-,093	,044	,200**	,110	,097	,718**	,207**	,041	,212**	,008
21 – Se me for pedido, compro produtos vendidos por instituições de caridade	,333**	,124	,316**	,329**	-,001	,192**	,180**	,134*	-,013	,081	,146*	,184**	,149*	,718**	,286**	,146*	,427**	,132*
Interesse ativo nos assuntos da atualidade (IAAA)																		
23 – Falo sobre assuntos da atualidade com outras pessoas	,573**	,320**	,433**	,573**	,078	,070	,383**	,206**	,256**	,340**	,026	,392**	,213**	,257**	,558**	,444**	,491**	,291**
24 – Leio artigos no jornal sobre assuntos da atualidade nacional e internacional	,448**	,241**	,363**	,473**	,077	,116	,214**	,032	,265**	,270**	-,099	,402**	,307**	,200**	,558**	,362**	,356**	,260**
Expressão pública de opiniões (EPO)																		
25 – Se necessário, falo com um político local acerca de problemas da atualidade	,577**	,258**	,370**	,722**	,065	,077	,198**	,150*	,273**	,230**	-,013	,388**	,383**	,092	,474**	,686**	,607**	,555**
26 – Contacto com políticos ou representantes do poder local acerca de assuntos relacionados comigo	,474**	,212**	,335**	,576**	-,039	,156*	,190**	,221**	,131*	,209**	-,022	,372**	,368**	,037	,346**	,686**	,510**	,427**

Quadro XV (continuação)

Subescala / Item	ACPQ	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	PoP
Ativismo comunitário (AC)																		
22 – Assino petições, se concordo com a causa	,485**	,200**	,353**	,572**	,006	,120	,195**	,046	,246**	,301**	-,047	,256**	,241**	,401**	,504**	,422**	,481**	,392**
27 – Encorajo outros a juntarem-se a um grupo envolvido nos problemas da atualidade	,587**	,207**	,458**	,668**	-,075	,125	,216**	,123	,259**	,365**	,062	,417**	,405**	,191**	,376**	,577**	,673**	,535**
28 – Contacto outros membros do meu grupo de assuntos da atualidade para os relembrar de uma reunião, do pagamento das suas quotas, etc.	,566**	,240**	,487**	,562**	-,123	,124	,245**	,163*	,318**	,288**	,042	,472**	,483**	,188**	,233**	,531**	,579**	,492**
Protesto político (PoP)																		
29 – Associo-me a sindicatos, partidos políticos ou grupos que estão a favor ou contra algo	,467**	,160*	,287**	,613**	,067	,080	,042	-,080	,319**	,297**	-,050	,302**	,301**	,062	,331**	,529**	,546**	,794**
30 – Vou a reuniões de um sindicato, partido político ou grupo que está a favor ou contra algo	,426**	,067	,312**	,569**	-,024	,016	,023	-,065	,230**	,293**	,026	,284**	,368**	,040	,281**	,486**	,498**	,794**
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).																		
* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).																		

No que respeita à correlação do item com a escala total verifica-se que um dos itens da subescala CPAF (item 2) não se encontra correlacionado de forma significativa com o total da escala e o outro (item 1) obtêm uma correlação positiva significativa no apenas no nível 0,05. Também os itens da subescala PR têm uma correlação com o total da escala apenas significativa no nível 0,05. Já nos itens das subescalas CAF, CV, DDC e um dos itens das escalas CSCT (item 10) e EA (item 12), cuja correlação com o total da escala é significativa no nível 0,01, o valor dessa correlação é relativamente baixo (< 0,40).

Relativamente à correlação do item com a dimensão da qual faz parte, verificam-se correlações superiores às correlações dos itens com as dimensões das quais não fazem parte, à exceção dos itens das subescalas 12, 16 e 21, da dimensão EC, que obtêm uma correlação superior com a dimensão PaP. As diferenças verificadas são, no entanto, pouco significativas (<

0,10) nos itens 5, 6 (ambos da subescala CA), 8 (da subescala CV), 9, 10 (ambos da subescala CSCT), 11 (da subescala EA) e 18 (da subescala AC). Verifica-se, no entanto, que nos itens das subescalas CFA, CA, EA (item 11), AOC, ASV, IAAA, EPO, AC e PoP as correlações dos itens com as dimensões a que pertencem são elevadas ($> 0,40$).

Por fim, no que respeita à correlação do item com a subescala da qual faz parte, verificam-se correlações superiores às correlações dos itens com as subescalas das quais não fazem parte em todos os itens à exceção do item 22 (na escala original integrado em DDC e na análise fatorial dos estudos psicométricos associada a AC), sendo que as diferenças assumem valores significativos ($> 0,10$) em todos os itens à exceção do 16 (da subescala AOC), 23 (da subescala IAAA), 25 (da subescala EPO), 27 e 28 (ambos da subescala AC).

Correlação entre o ACPQ e as suas dimensões e subescalas

Foi ainda efetuada a inspeção das correlações do ACPQ e as suas dimensões (CSI, EC e PaP) e as suas subescalas (CPAF, CAF, CA, CV, CSCT, EA, PR, AOC, ASV, DDC, IAAA, EPO, AC e PoP), as quais se apresentam no Quadro XVI.

No que respeita às dimensões, verifica-se uma correlação elevada entre elas e o total da escala, à exceção da dimensão CSI que, apesar de ter uma correlação significativa no nível 0,05 com o total da escala, a mesma é inferior a 0,40. Já a correlação entre as três dimensões apenas é superior a 0,40 entre EC e PaP, o que revela alguma redundância nas mesmas.

Relativamente às subescalas, verifica-se correlação elevadas ($> 0,40$) com as dimensões que integram no caso de ASV, IAAA, EPO, AC e PoP. No entanto, no caso de ASV e de IAAA essas correlações são suficientemente diferenciadas em relação à correlação que têm com outras escalas ($< 0,10$). Já as subescalas CA, CV, CSCT, EA, AOC e DDC apresentam correlações superiores com dimensões às quais não se encontram originalmente associadas.

No que se refere à correlação entre subescalas, verificamos que ela não é excessiva para a maioria das subescalas, embora se verifiquem correlações superiores a 0,40 nas subescalas da dimensão PaP e em algumas da dimensão EC. O valor máximo de correlação entre subescalas é de 0,60 e verifica-se nas escalas EPO e AC.

Quadro XVI – Correlações do tipo Spearman (ρ) entre o ACPQ e as suas dimensões e subescalas, corrigidas para sobreposição

	ACPQ	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC
CSI																	
EC	,535**																
PaP	,535**	,306**															
CPAF	,032	,159*	-,060														
CFA	,280**	,382**	,165*	,125													
CA	,460**	,377**	,432**	,280**	,115												
CV	,240**	,216**	,241**	,120	,268**												
CSCT	,330**	,167*	,230**	,376**	,022												
EA	,422**	,224**	,342**	,402**	-,096	,069											
PR	,090	,108	,167*	-,024	-,045	,154*											
AOC	,601**	,365**	,417**	,540**	,044	,147*											
ASV	,499**	,181**	,509**	,464**	-,086	,102											
DDC	,256**	,121	,224**	,257**	-,001	,173**											
IAAA	,544**	,309**	,437**	,516**	,075	,113											
EPO	,540**	,250**	,385**	,649**	,018	,118											
AC	,623**	,250**	,530**	,664**	-,064	,128											
PoP	,446**	,148*	,314**	,564**	,035	,064											
CPAF																	
CFA																	
CA																	
CV																	
CSCT																	
EA																	
PR																	
AOC																	
ASV																	
DDC																	
IAAA																	
EPO																	
AC																	

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).
 * A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Tendo-se obtido uma estrutura fatorial semelhante à da escala original, cuja validade é corroborada pela validade convergente e discriminante, e tendo sido obtidos valores de α que apontam para uma *Boa* fiabilidade da escala e entre *Fraca* (apenas numa das subescalas) a *Muito boa* nas subescalas, podemos encarar a versão portuguesa do ACPQ como uma medida válida da participação comunitária, quer em termos globais quer no que respeita aos 14 tipos identificados (correspondentes às subescalas).

Dada a diversidade de formas de participação comunitária abrangidas pela escala, é justificável o facto de nem todos os itens estarem significativamente correlacionados com o valor total da escala. Nesse contexto, consideramos importante mantê-los, uma vez que medem tipos específicos de participação, associados a contextos mais restritos, como o agregado familiar, o bairro, o local de trabalho, entre outros.

Por outro lado, consideramos que a inexistência de divergência significativa entre algumas subescalas do ACPQ resulta da relação entre os vários tipos de participação, os quais na prática não são sempre exclusivos. Por exemplo, o contacto com amigos pode estar associado com as atividades organizadas da comunidade na medida em que a participação nas últimas pode ser feita com os amigos. Por outro lado, o ativismo comunitário e a expressão pública de opiniões estão quase sempre, se não sempre, associados com o protesto político.

Já no que se refere às dimensões do ACPQ, apesar da fiabilidade decorrente dos valores α encontrados, verifica-se alguma desadequação das mesmas quer no que respeita à validade fatorial, quer no que respeita à validade convergente e discriminante. Por esse motivo, as análises que as envolvem, levadas a cabo no estudo empírico, serão interpretadas com cautela.

4.2.2. Adaptação do Sense of Community Index – 2 (SCI-2, Chavis, Lee e Acosta, 2008) para a população portuguesa

De seguida apresentamos os resultados relativos à fidelidade e à validade da versão portuguesa do SCI-2.

Fiabilidade

De forma a avaliar a sua fiabilidade foi calculada a consistência interna da escala e das quatro subescalas. Com base no Alfa de Cronbach verificamos que a fiabilidade da escala total é *Muito boa* ($\alpha = 0,92$) e a das subescalas entre *Razoável* e *Boa* ($0,72 < \alpha < 0,82$) (Pestana e Gageiro, 2005, pp. 526), sendo comparáveis aos da escala original. No Quadro XVII são apresentados os resultados por item e por subescala, assim como a consistência interna de cada subescala e da escala global.

Quadro XVII – Média e desvio padrão por item e consistência interna (α) da escala e por subescala

Subescala / Item	Subescala	Me	DP	α
Satisfação de Necessidades (SN)		8,000	2,771	,783
1 – Consigo que importantes necessidades minhas sejam satisfeitas por fazer parte desta comunidade.	SN	1,000	,735	
2 – Os membros da comunidade e eu valorizamos as mesmas coisas.	SN	1,000	,623	
3 – Esta comunidade tem sido bem-sucedida na satisfação das necessidades dos seus membros.	SN	1,000	,572	
4 – Ser membro desta comunidade faz com que eu me sinta bem.	SN	2,000	,701	
5 – Quando tenho um problema posso conversar sobre ele com os membros desta comunidade.	SN	1,000	,760	
6 – As pessoas nesta comunidade têm necessidades, prioridades e objetivos semelhantes.	SN	1,000	,587	
Associação (A)		9,000	2,889	,715
7 – Posso confiar nas pessoas desta comunidade.	A	1,000	,652	
8 – Reconheço a maioria dos membros desta comunidade.	A	2,000	,718	
9 – A maioria dos membros desta comunidade conhece-me.	A	2,000	,720	
10 – Esta comunidade tem símbolos e expressões característicos, tais como roupas, sinais, arte, arquitetura, logotipos, marcos e bandeiras que as pessoas conseguem reconhecer.	A	2,000	,834	
11 – Dedico muito tempo e esforço para fazer parte desta comunidade.	A	1,000	,764	
12 – Ser um membro desta comunidade faz parte da minha identidade.	A	1,000	,798	
Influência (I)		7,000	2,851	,742
13 – Integrar-me / Estar integrado nesta comunidade é importante para mim.	I	2,000	,811	
14 – Esta comunidade pode influenciar outras comunidades.	I	1,000	,699	
15 – Importo-me com o que outros membros da comunidade pensam sobre mim.	I	1,000	,856	
16 – Tenho influência sobre o que esta comunidade é.	I	1,000	,664	
17 – Se há um problema nesta comunidade, os seus membros conseguem resolvê-lo.	I	1,000	,568	
18 – Esta comunidade tem bons líderes.	I	1,000	,675	
Conexão Emocional Compartilhada (CEC)		9,000	3,421	,817
19 – Ser parte desta comunidade é muito importante para mim.	CEC	1,000	,831	
20 – Passo bastante tempo com outros membros da comunidade e gosto de estar com eles.	CEC	1,000	,762	
21 – Espero fazer parte desta comunidade por muito tempo.	CEC	2,000	,905	
22 – Os membros desta comunidade têm partilhado importantes eventos juntos, tais como feriados, festas ou dificuldades.	CEC	1,000	,745	
23 – Sinto-me otimista em relação ao futuro desta comunidade.	CEC	1,000	,803	
24 – Os membros desta comunidade preocupam-se uns com os outros.	CEC	1,000	,666	
Escala Total (SCI-2)		33,000	10,430	,920

Validade teórica

Uma vez que a existência de fiabilidade é necessária mas não suficiente para garantir a validade da escala, ou seja, que a mesma é uma medida da variável que se pretende medir (Hill e Hill, 2005), tal como aconteceu para o ACPQ optámos por proceder à determinação da validade teórica, através da validade fatorial, convergente e discriminante.

Mais uma vez, tratando-se da tradução de uma escala construída com base nos pressupostos enumerados por Hill e Hill (2005, pp. 150), consideramos a validade de conteúdo desta escala adequada.

Validade fatorial

Com base na análise fatorial verificamos a existência de 6 fatores com valores próprios superiores a 1. Apesar disso, foram extraídos apenas 4, com vista a confirmar as subescalas do SCI-2. No total, os 4 fatores explicam 54,34% da variância dos dados iniciais (Quadro XVIII).

Quadro XVIII – Valores próprios e variância explicada de cada um dos 4 fatores retidos no SCI-2 após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax

Fator	Valores próprios iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado			Somadas rotativas de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variação	% cumulativa	Total	% de variação	% cumulativa	Total	% de variação	% cumulativa
1	8,578	35,741	35,741	8,578	35,741	35,741	3,672	15,298	15,298
2	1,732	7,216	42,958	1,732	7,216	42,958	3,635	15,147	30,445
3	1,523	6,348	49,305	1,523	6,348	49,305	3,379	14,078	44,524
4	1,209	5,038	54,343	1,209	5,038	54,343	2,357	9,820	54,343
5	1,085	4,522	58,865						
6	1,004	4,184	63,050						
7	,888	3,702	66,751						
8	,837	3,488	70,239						
9	,759	3,162	73,401						
10	,743	3,095	76,496						
11	,610	2,543	79,039						
12	,574	2,390	81,429						
13	,566	2,357	83,786						
14	,490	2,042	85,828						
15	,459	1,911	87,739						
16	,446	1,860	89,599						
17	,422	1,759	91,358						
18	,388	1,617	92,975						
19	,348	1,448	94,423						
20	,345	1,436	95,859						
21	,282	1,175	97,034						
22	,254	1,060	98,094						
23	,235	,979	99,073						
24	,222	,927	100,000						

No que respeita aos fatores extraídos, verifica-se que não há correspondência com as subescalas originais do SCI-2. Os itens 5 e 6, da subescala *Satisfação de necessidades* (SN), aparecem associados aos da subescala *Influência* (I); o item 7, da subescala *Associação* (A), aparece associado aos da subescala I; o item 10, da subescala A, aparece associado aos da subescala *Conexão emocional compartilhada* (CEC); os itens 13, 14 e 15, da subescala I,

aparecem associados com os da subescala SN; o item 19, da subescala CEC, aparece associado aos da subescala SN; o item 20, da subescala CEC, aparece associado aos da subescala A; e os itens 23 e 24, da subescala CEC, aparecem associados aos da I.

Verificamos ainda que algumas comunalidades são reduzidas ($< 0,40$), nomeadamente nos itens 6 e 15 (Quadro XIX).

Quadro XIX – Pesos fatoriais de cada item dos 4 fatores retidos no SCI-2 após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax. Apresentam-se a negrito os itens com pesos fatoriais superiores a 0,40 em valor absoluto

	Componente				Comunalidade
	1 - SN	2 - I	3 - A	4 - CEC	
1 – Consigo que importantes necessidades minhas sejam satisfeitas por fazer parte desta comunidade.	,657	,203	,222	-,109	,534
2 – Os membros da comunidade e eu valorizamos as mesmas coisas.	,559	,366	,127	,072	,468
3 – Esta comunidade tem sido bem-sucedida na satisfação das necessidades dos seus membros.	,572	,413	-,065	,216	,548
4 – Ser membro desta comunidade faz com que eu me sinta bem.	,565	,230	,258	,303	,531
5 – Quando tenho um problema posso conversar sobre ele com os membros desta comunidade.	,238	,576	,312	-,057	,489
6 – As pessoas nesta comunidade têm necessidades, prioridades e objetivos semelhantes.	,221	,505	,154	,055	,330
7 – Posso confiar nas pessoas desta comunidade.	,275	,588	,235	-,086	,484
8 – Reconheço a maioria dos membros desta comunidade.	-,039	,331	,763	,103	,704
9 – A maioria dos membros desta comunidade conhece-me.	-,060	,276	,779	-,011	,686
10 – Esta comunidade tem símbolos e expressões característicos, tais como roupas, sinais, arte, arquitetura, logotipos, marcos e bandeiras que as pessoas conseguem reconhecer.	,034	,001	-,022	,671	,451
11 – Dedico muito tempo e esforço para fazer parte desta comunidade.	,422	,150	,604	,158	,590
12 – Ser um membro desta comunidade faz parte da minha identidade.	,438	-,063	,539	,408	,652
13 – Integrar-me / Estar integrado nesta comunidade é importante para mim.	,574	,039	,461	,423	,722
14 – Esta comunidade pode influenciar outras comunidades.	,553	,230	,002	,407	,524
15 – Importo-me com o que outros membros da comunidade pensam sobre mim.	,529	,183	-,002	,078	,320
16 – Tenho influência sobre o que esta comunidade é.	,430	,433	,364	-,171	,535
17 – Se há um problema nesta comunidade, os seus membros conseguem resolvê-lo.	,110	,725	,049	,187	,576
18 – Esta comunidade tem bons líderes.	,244	,594	,181	,178	,478
19 – Ser parte desta comunidade é muito importante para mim.	,516	,134	,512	,371	,684
20 – Passo bastante tempo com outros membros da comunidade e gosto de estar com eles.	,345	,219	,540	,191	,495

Quadro XIX (continuação)

	Componente				Comunalidade
	1 - SN	2 - I	3 - A	4 - CEC	
21 – Espero fazer parte desta comunidade por muito tempo.	,333	,177	,379	,487	,523
22 – Os membros desta comunidade têm partilhado importantes eventos juntos, tais como feriados, festas ou dificuldades.	,097	,292	,310	,619	,574
23 – Sinto-me otimista em relação ao futuro desta comunidade.	,174	,521	,160	,495	,573
24 – Os membros desta comunidade preocupam-se uns com os outros.	,128	,695	,153	,220	,571

Validade convergente e discriminanteValidade dos itens

Como podemos ver no Quadro XX, a correlação entre cada item e a soma dos itens da escala total (SCI-2), excluindo esse item, varia entre 0,20 (item 10) e 0,72 (item 19), enquanto a correlação entre cada item e a soma dos itens da subescala a que pertence, excluindo esse item, varia entre os seguintes valores: Satisfação de Necessidades (SN) entre 0,40 e 0,57; Associação (A) entre 0,14 e 0,62; Influência (I) entre 0,42 e 0,52 e Conexão Emocional Compartilhada (CEC) entre 0,45 e 0,68.

No que respeita à correlação com a escala total verifica-se uma correlação significativa no nível 0,01 de todos os itens, sendo que apenas nos itens 10 e 15 se verifica uma correlação inferior a 0,40 (0,20 e 0,37, respetivamente).

Apesar de se verificarem correlações na sua maioria significativas no nível 0,01 dos itens com as subescalas respetivas (à exceção do item 10, da escala A, cuja correlação é 0,14) (validade convergente), quando nos centramos nas diferenças com as subescalas das quais o item não faz parte verificamos que vários itens (nomeadamente os itens 4, 7, 10, 11, 12, 13, 17, 18 e 24) obtêm correlações superiores com outras escalas. Mesmo quando isso não acontece, as diferenças nas correlações não são na sua maioria significativas ($> 0,10$). Pelo exposto, consideramos que não se veem cumpridos os critérios da validade discriminante dos itens.

Quadro XX – Correlação do tipo ró de Spearman (ρ) entre cada item e a soma dos itens do SCI-2 e a subescala a que pertence, corrigida para sobreposição

Escala / Item	SCI-2	SN	A	I	CEC
Satisfação de Necessidades (SN)					
1 – Consigo que importantes necessidades minhas sejam satisfeitas por fazer parte desta comunidade.	,493**	,513**	,401**	,491**	,367**
2 – Os membros da comunidade e eu valorizamos as mesmas coisas.	,541**	,565**	,371**	,511**	,463**
3 – Esta comunidade tem sido bem-sucedida na satisfação das necessidades dos seus membros.	,520**	,543**	,321**	,510**	,473**
4 – Ser membro desta comunidade faz com que eu me sinta bem.	,625**	,571**	,470**	,539**	,625**
5 – Quando tenho um problema posso conversar sobre ele com os membros desta comunidade.	,519**	,515**	,409**	,436**	,485**
6 – As pessoas nesta comunidade têm necessidades, prioridades e objetivos semelhantes.	,425**	,402**	,345**	,395**	,378**
Associação (A)					
7 – Posso confiar nas pessoas desta comunidade.	,503**	,498**	,310**	,470**	,416**
8 – Reconheço a maioria dos membros desta comunidade.	,536**	,380**	,624**	,386**	,487**
9 – A maioria dos membros desta comunidade conhece-me.	,462**	,328**	,525**	,350**	,402**
10 – Esta comunidade tem símbolos e expressões característicos, tais como roupas, sinais, arte, arquitetura, logotipos, marcos e bandeiras que as pessoas conseguem reconhecer.	,201**	,107	,143*	,214**	,227**
11 – Dedico muito tempo e esforço para fazer parte desta comunidade.	,624**	,468**	,516**	,580**	,588**
12 – Ser um membro desta comunidade faz parte da minha identidade.	,588**	,385**	,512**	,536**	,575**
Influência (I)					
13 – Integrar-me / Estar integrado nesta comunidade é importante para mim.	,698**	,547**	,643**	,475**	,658**
14 – Esta comunidade pode influenciar outras comunidades.	,523**	,433**	,409**	,509**	,473**
15 – Importo-me com o que outros membros da comunidade pensam sobre mim.	,366**	,307**	,288**	,415**	,302**
16 – Tenho influência sobre o que esta comunidade é.	,545**	,474**	,466**	,515**	,446**
17 – Se há um problema nesta comunidade, os seus membros conseguem resolvê-lo.	,477**	,458**	,345**	,421**	,438**
18 – Esta comunidade tem bons líderes.	,553**	,475**	,413**	,476**	,523**

Quadro XX (continuação)

Escala / Item	SCI-2	SN	A	I	CEC
Conexão Emocional Compartilhada (CEC)					
19 – Ser parte desta comunidade é muito importante para mim.	,718**	,561**	,615**	,617**	,682**
20 – Passo bastante tempo com outros membros da comunidade e gosto de estar com eles.	,599**	,493**	,540**	,504**	,549**
21 – Espero fazer parte desta comunidade por muito tempo.	,588**	,496**	,486**	,469**	,600**
22 – Os membros desta comunidade têm partilhado importantes eventos juntos, tais como feriados, festas ou dificuldades.	,538**	,406**	,456**	,446**	,579**
23 – Sinto-me otimista em relação ao futuro desta comunidade.	,588**	,460**	,439**	,552**	,570**
24 – Os membros desta comunidade preocupam-se uns com os outros.	,552**	,490**	,417**	,517**	,451**
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).					
* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).					

Correlação entre o SCI-2 e as suas subescalas

Apresenta-se ainda a inspeção das correlações do SCI-2 e as suas subescalas (SN, A, I e CEC) (Quadro XXI). Verifica-se que todas as correlações entre as subescalas apresentam magnitude elevada (> 0,40), excessivamente elevado, o que revela alguma redundância das mesmas.

Quadro XXI – Correlação do tipo ρ de Spearman (ρ) entre o SCI-2 e as suas subescalas, corrigida para sobreposição

	SCI-2	SN	A	I
SN	,715**			
A	,707**	,559**		
I	,788**	,691**	,647**	
CEC	,797**	,677**	,684**	,720**
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).				

Tendo em conta os resultados anteriormente descritos podemos considerar que a versão portuguesa do SCI-2 é fiável e válida enquanto instrumento de medida do Sentimento de Comunidade.

Apesar da fiabilidade das subescalas ser razoável, não existe evidência da sua validade fatorial nem discriminante, pelo que não se considera totalmente adequada a sua utilização nesta versão do SCI-2. Por esse motivo, as análises que as envolvem, levadas a cabo no estudo empírico, serão interpretadas com cautela.

4.2.3. Inventário de Determinantes da Participação Comunitária

De seguida apresentamos os resultados relativos à fiabilidade e à validade do IDPC.

Fiabilidade

Depois dos procedimentos de análise fatorial previamente descritos, verifica-se que a consistência interna da escala total (IDPC) é *Muito Boa* ($\alpha = 0,94$), das dimensões é entre *Boa* e *Muito boa* ($0,88 < \alpha < 0,93$) e a das subescalas *Fraca* e *Muito boa* ($0,66 < \alpha < 0,91$) (Pestana e Gageiro, 2005, pp. 526). No Quadro XXII são apresentados os resultados por item, assim como as medianas e o desvio padrão de cada item, subescala e dimensão.

Quadro XXII – Consistência interna (α) da escala total (IDPC), dimensões e subescalas, assim como valores medianos e desvio padrão dos itens, subescalas e dimensões

Dimensão / Subescala / Item	Dimensão / Subescala	Me	DP	α
FATORES INTRAPESSOAIS (Fla)		51,000	8,209	,888
Satisfação consigo e com as suas competências (SCSC)	Fla	33,000	5,341	,859
5 – No geral, considero que a minha condição física é boa	SCSC	4,000	1,300	
9 – No geral, sinto-me uma pessoa feliz	SCSC	5,000	1,044	
10 – No geral, sinto-me satisfeito/a comigo próprio/a	SCSC	5,000	1,038	
11 – Quando me dedico sou capaz de atingir os meus objetivos	SCSC	5,000	,812	
12 – Considero boa a minha capacidade de tomar decisões	SCSC	5,000	,907	
13 – Considero boas as minhas competências intelectuais (escrever, fazer contas, ...)	SCSC	5,000	1,130	
14 – Considero boas as minhas competências sociais (de comunicação, de me relacionar com os outros, de gerir conflitos, de ajudar os outros, ...)	SCSC	5,000	,944	
Atitude face à participação comunitária (AFPC)	Fla	17,000	4,260	,911
17 – Considero que participar na minha comunidade é benéfico para mim	AFPC	5,000	1,038	
18 – Há já algum tempo que tenho o hábito de participar na minha comunidade	AFPC	4,000	1,264	
19 – Considero-me uma pessoa interessada em participar na minha comunidade	AFPC	4,000	1,244	
20 – Considero-me uma pessoa motivada para participar na minha comunidade	AFPC	4,000	1,245	
FATORES INTERPESSOAIS (Fle)		60,000	7,736	,925
Rede social e apoio da família (RSAF)	Fle	25,000	3,442	,878
23 – No geral, estou satisfeito/a com a minha rede de relações (família, amigos, vizinhos, ...)	RSAF	5,000	,724	
24 – Estou satisfeito/a com a minha rede familiar (número de familiares, frequência de contactos, ...)	RSAF	5,000	,909	
25 – Estou satisfeito/a com a minha rede de amigos (número de amigos, frequência de contactos, ...)	RSAF	5,000	,833	
28 – No geral, considero que a minha família me apoia	RSAF	5,000	,885	
32 – No geral, a minha família tem uma atitude positiva em relação a mim	RSAF	5,000	,833	
Atitude e apoio das pessoas (AAP)	Fle	35,000	4,956	,901
27 – No geral, considero que as pessoas me apoiam (família, amigos, vizinhos, ...)	RSAF	5,000	,862	
29 – No geral, considero que os meus amigos me apoiam	AAP	5,000	,932	
30 – No geral, considero que os meus vizinhos me apoiam	AAP	5,000	1,110	
31 – No geral, as pessoas que me rodeiam têm uma atitude positiva em relação a mim (família, amigos, vizinhos ...)	AAP	5,000	,794	
33 – No geral, os meus amigos têm uma atitude positiva em relação a mim	AAP	5,000	,813	
34 – No geral, os meus vizinhos têm uma atitude positiva em relação a mim	AAP	5,000	,864	
35 – No geral, os funcionários dos serviços da minha comunidade têm uma atitude positiva em relação a mim	AAP	5,000	,829	

Quadro XXII (continuação)

Dimensão / Subescala / Item	Dimensão / Subescala	Me	DP	α
FATORES ESTRUTURAIS (FE)		47,000	7,194	,884
Ambiente, acessos e meios de comunicação (AAMC)	FE	14,000	2,166	,662
36 – Considero adequados os acessos da minha cidade (acesso aos edifícios, distâncias, trânsito, pavimentos, ...)	AAMC	5,000	1,028	
37 – Considero adequado o ambiente da minha cidade (clima, ruído, espaços verdes, ...)	AAMC	5,000	,878	
40 – Considero adequados os meios de comunicação disponíveis na minha cidade (telefone, televisão, internet, rádio, ...)	AAMC	5,000	,888	
Serviços, ofertas e hábitos de participação (SOHP)	FE	34,000	5,891	,886
39 – Considero adequados os serviços públicos disponíveis na minha cidade (transportes, serviços municipais, bombeiros, ...)	SOHP	5,000	,909	
42 – Considero adequados os serviços de apoio social disponíveis na minha cidade (serviços de orientação, centros de convívio, ...)	SOHP	4,000	1,006	
43 – Considero adequados os equipamentos e ofertas educativas disponíveis na minha cidade (escolas, universidade sénior, formação profissional, ...)	SOHP	4,000	1,000	
45 – Considero adequadas as ofertas culturais disponíveis na minha cidade (cinema, teatro, música, ...)	SOHP	5,000	,999	
46 – Considero adequadas as ofertas turísticas disponíveis na minha cidade (visitas guiadas, excursões, monumentos, ...)	SOHP	4,000	1,019	
47 – Considero adequada a informação sobre as ofertas disponíveis na minha cidade (culturais, educativas, recreativas, ...)	SOHP	4,000	1,035	
48 – Considero adequados os custos financeiros associados às ofertas disponíveis na minha cidade (culturais, educativas, recreativas, ...)	SOHP	4,000	1,064	
49 – No geral, as pessoas têm por hábito participar na minha comunidade	SOHP	4,000	,872	
Escala Total (IDPC)		158,000	18,531	,935

Validade de conteúdo

Segundo Hill e Hill (2005) “*um questionário tem validade de conteúdo adequada quando os itens formam uma amostra representativa de todos os itens disponíveis para medir os aspetos das [suas] componentes*” (pp. 150).

Para nos assegurarmos da validade de conteúdo seguimos os passos sugeridos por Hill e Hill (2005) para a sua avaliação:

- Foi utilizada uma revisão bibliográfica para escrever uma lista de todas as componentes da variável latente;
- Foi escrita uma lista de todos os aspetos relevantes a cada uma das componentes;
- Foram escritos todos os itens relevantes para cada um desses aspetos;

- A lista final de itens do questionário é representativa de todos os itens descritos.

Pelo exposto, consideramos a validade de conteúdo desta escala adequada.

Validade teórica

Também no caso do IDPC optámos por proceder à determinação da validade teórica, através da validade fatorial, convergente e discriminante, como descrito para a validação das escalas traduzidas e de acordo com os pressupostos enumerados por Hill e Hill (2005).

Validade fatorial

Das subescalas do IDPC

De acordo com a regra do valor próprio superior a 1 e com o *Scree-plot*, a estrutura relacional dos determinantes da participação comunitária é explicada por seis fatores latentes, os quais explicam 64,46% da variância dos dados iniciais. No Quadro XXIII resumem-se dos pesos fatoriais de cada item dos 6 fatores.

Quadro XXIII – Valores próprios e variância explicada de cada um dos 6 fatores retidos no IDPC após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax

Fator	Valores próprios iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado			Somadas rotativas de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variação	% cumulativa	Total	% de variação	% cumulativa	Total	% de variação	% cumulativa
1	10,891	32,032	32,032	10,891	32,032	32,032	4,826	14,195	14,195
2	3,634	10,687	42,719	3,634	10,687	42,719	4,399	12,937	27,132
3	2,706	7,958	50,677	2,706	7,958	50,677	3,897	11,461	38,592
4	2,050	6,028	56,705	2,050	6,028	56,705	3,456	10,166	48,758
5	1,392	4,093	60,798	1,392	4,093	60,798	3,343	9,834	58,592
6	1,246	3,666	64,464	1,246	3,666	64,464	1,997	5,872	64,464
7	,965	2,839	67,303						
8	,933	2,745	70,048						
9	,876	2,575	72,623						
10	,775	2,279	74,902						
11	,728	2,142	77,043						
12	,671	1,973	79,016						
13	,630	1,852	80,867						
14	,579	1,703	82,571						
15	,528	1,554	84,125						
16	,492	1,448	85,573						
17	,466	1,370	86,943						
18	,446	1,311	88,254						
19	,406	1,194	89,448						
20	,376	1,105	90,553						
21	,350	1,029	91,582						
22	,336	,988	92,570						
23	,322	,947	93,517						
24	,300	,882	94,399						
25	,282	,830	95,230						
26	,267	,785	96,015						
27	,255	,751	96,766						
28	,215	,634	97,399						
29	,195	,572	97,972						
30	,187	,551	98,523						
31	,161	,473	98,996						
32	,144	,424	99,420						
33	,109	,321	99,741						
34	,088	,259	100,000						

O primeiro fator, que designámos de “*Serviços, ofertas e hábitos de participação*” (SOHP), apresenta pesos fatoriais elevados dos itens 39, 42, 43, 45, 46, 47, 48 e 49. O segundo fator, que designámos de “*Atitude e apoio das pessoas*” (AAP), apresenta pesos fatoriais elevados dos itens 27, 29, 30, 31, 33, 34 e 35. O terceiro fator, que designámos de “*Satisfação consigo e com as suas competências*” (SCSC), apresenta pesos fatoriais elevados dos itens 5, 9, 10, 11, 12, 13 e 14. O quarto fator, que designámos de “*Atitude face à participação comunitária*” (AFPC), apresenta pesos fatoriais elevados dos itens 17, 18, 19 e 20. O quinto fator, que designámos de “*Rede social e apoio da família*” (RSAF), apresenta pesos fatoriais elevados dos itens 23, 24, 25, 28 e 32. Por fim, o sexto fator, que designámos de “*Ambiente, acessos e meios de comunicação*” (AAMC), apresenta pesos fatoriais elevados dos itens 36, 37 e 40.

Adicionalmente verifica-se que as comunalidades são elevadas ($> 0,40$), o que demonstra que os 6 fatores são apropriados para descrever a estrutura correlacional latente (Quadro XXIV).

Quadro XXIV – Pesos fatoriais de cada item dos 6 fatores retidos no IDPC após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax. A negrito apresentam-se os itens com pesos fatoriais superiores a 0,40 em valor absoluto

Item	Fator						Comu.
	1	2	3	4	5	6	
5 – No geral, considero que a minha condição física é boa	,259	-,066	,546	,216	,200	-,140	,476
9 – No geral, sinto-me uma pessoa feliz	,140	,175	,662	,181	,302	-,089	,621
10 – No geral, sinto-me satisfeito/a comigo próprio/a	,163	,142	,767	,194	,186	-,081	,714
11 – Quando me dedico sou capaz de atingir os meus objetivos	,006	,129	,784	,037	,164	,037	,661
12 – Considero boa a minha capacidade de tomar decisões	,104	,159	,744	,053	-,007	,231	,646
13 – Considero boas as minhas competências intelectuais (escrever, fazer contas, ...)	-,088	,150	,605	,075	,153	,322	,529
14 – Considero boas as minhas competências sociais (de comunicação, de me relacionar com os outros, de gerir conflitos, de ajudar os outros, ...)	-,081	,150	,558	,337	,064	,320	,560
17 – Considero que participar na minha comunidade é benéfico para mim	,264	,177	,203	,687	,087	,112	,635
18 – Há já algum tempo que tenho o hábito de participar na minha comunidade	,234	,105	,084	,833	,149	,008	,789
19 – Considero-me uma pessoa interessada em participar na minha comunidade	,223	,169	,196	,847	,106	,062	,850
20 – Considero-me uma pessoa motivada para participar na minha comunidade	,246	,179	,286	,781	,061	,015	,789

Quadro XXIV (continuação)

Item	Fator						Comu.
	1	2	3	4	5	6	
23 – No geral, estou satisfeito/a com a minha rede de relações (família, amigos, vizinhos, ...)	,028	,176	,292	,129	,748	,100	,703
24 – Estou satisfeito/a com a minha rede familiar (número de familiares, frequência de contactos, ...)	,106	,158	,202	,111	,748	-,041	,651
25 – Estou satisfeito/a com a minha rede de amigos (número de amigos, frequência de contactos, ...)	,085	,236	,355	,231	,650	,123	,680
27 – No geral, considero que as pessoas me apoiam (família, amigos, vizinhos, ...)	,145	,557	,132	-,032	,423	,177	,560
28 – No geral, considero que a minha família me apoia	,078	,425	,019	-,013	,668	,119	,647
29 – No geral, considero que os meus amigos me apoiam	,074	,701	,023	,194	,376	,078	,682
30 – No geral, considero que os meus vizinhos me apoiam	,261	,731	,078	,116	,097	-,008	,632
31 – No geral, as pessoas que me rodeiam têm uma atitude positiva em relação a mim (família, amigos, vizinhos ...)	,169	,705	,259	-,001	,255	,056	,660
32 – No geral, a minha família tem uma atitude positiva em relação a mim	,148	,476	,156	,024	,632	-,005	,673
33 – No geral, os meus amigos têm uma atitude positiva em relação a mim	,064	,755	,097	,167	,370	,015	,749
34 – No geral, os meus vizinhos têm uma atitude positiva em relação a mim	,166	,781	,114	,134	,137	,058	,691
35 – No geral, os funcionários dos serviços da minha comunidade têm uma atitude positiva em relação a mim	,200	,650	,254	,245	-,042	,050	,591
36 – Considero adequados os acessos da minha cidade (acesso aos edifícios, distâncias, trânsito, pavimentos, ...)	,305	,021	,126	,082	,213	,690	,638
37 – Considero adequado o ambiente da minha cidade (clima, ruído, espaços verdes, ...)	,226	,068	,070	,168	,038	,782	,701
39 – Considero adequados os serviços públicos disponíveis na minha cidade (transportes, serviços municipais, bombeiros, ...)	,649	,056	,081	-,081	,058	,360	,571
40 – Considero adequados os meios de comunicação disponíveis na minha cidade (telefone, televisão, internet, rádio, ...)	,472	,172	,093	-,277	-,120	,488	,590
42 – Considero adequados os serviços de apoio social disponíveis na minha cidade (serviços de orientação, centros de convívio, ...)	,804	,123	,066	,150	,055	,078	,698
43 – Considero adequados os equipamentos e ofertas educativas disponíveis na minha cidade (escolas, universidade sénior, formação profissional, ...)	,674	,192	,146	,170	,128	,032	,559
45 – Considero adequadas as ofertas culturais disponíveis na minha cidade (cinema, teatro, música, ...)	,634	,214	,027	,204	,055	,221	,542
46 – Considero adequadas as ofertas turísticas disponíveis na minha cidade (visitas guiadas, excursões, monumentos, ...)	,782	,173	-,014	,221	,027	-,067	,695

Quadro XXIV (continuação)

Item	Fator						Comu.
	1	2	3	4	5	6	
47 – Considero adequada a informação sobre as ofertas disponíveis na minha cidade (culturais, educativas, recreativas, ...)	,768	,084	,053	,113	,223	,037	,664
48 – Considero adequados os custos financeiros associados às ofertas disponíveis na minha cidade (culturais, educativas, recreativas, ...)	,712	,127	,027	,295	-,020	,166	,639
49 – No geral, as pessoas têm por hábito participar na minha comunidade	,459	,103	,192	,347	,039	,231	,433

Das dimensões do IDPC

Com base na análise fatorial verificamos que existem 3 fatores com valores próprios superiores a 1, os quais explicam 77,68% da variância dos dados iniciais (Quadro XXV).

Quadro XXV – Valores próprios e variância explicada de cada um dos 3 fatores retidos como dimensões do IDPC após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax

Fator	Valores próprios iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado			Somadas rotativas de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variação	% cumulativa	Total	% de variação	% cumulativa	Total	% de variação	% cumulativa
1	2,907	48,445	48,445	2,907	48,445	48,445	1,975	32,914	32,914
2	1,031	17,186	65,631	1,031	17,186	65,631	1,364	22,736	55,650
3	,723	12,049	77,680	,723	12,049	77,680	1,322	22,030	77,680
4	,640	10,669	88,349						
5	,351	5,849	94,199						
6	,348	5,801	100,000						

Ao contrário do que seria de esperar, a SCSC aparece associada com as subescalas da dimensão FE e não com as da dimensão Fla. Verifica-se ainda que o peso fatorial da subescala SOHP é quase igual no fator 3 e no fator 2. Isto significa que a SCSC está associada com a RSAF e a AAP e que a AFPC está associada com SOHP.

Apesar de se verificarem comunalidades elevadas ($> 0,40$), o que demonstra que os 3 fatores são apropriados para descrever a estrutura correlacional latente (Quadro XXVI), consideramos que esta estrutura fatorial não se enquadra nos pressupostos teóricos da criação a escala.

Quadro XXVI – Pesos fatoriais de cada item dos 3 fatores retidos como dimensões do IDPC após AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax. Apresentam-se a negrito os itens com pesos fatoriais superiores a 0,40 em valor absoluto

Item (subescala)	Fator			Comunalidade
	1 – Fle	2 – Fla	3 – FE	
Satisfação consigo e com as suas competências (SCSC)	,682	,346	,075	,590
Atitude face à participação comunitária (AFPC)	,281	,903	,058	,898
Rede social e apoio da família (RSAF)	,904	,058	,088	,829
Atitude e apoio da família (AAP)	,751	,229	,204	,659
Ambiente, acessos e meios de comunicação (AAMC)	,143	,040	,937	,901
Serviços, ofertas e hábitos de participação (SOHP)	,166	,610	,620	,784

Validade convergente e discriminante

Validade dos itens

Como podemos ver no Quadro XXVII, a correlação entre cada item e a soma dos itens da escala total (IDPC), excluindo esse item, varia entre 0,29 (item 40) e 0,66 (item 20), enquanto a correlação entre cada item e a soma dos itens da dimensão a que pertence, excluindo esse item, varia entre os seguintes valores: *Fatores intrapessoais* (Fla) entre 0,47 (item 13) e 0,72

(item 20); *Fatores interpessoais* (Fle) entre 0,53 (item 35) e 0,74 (item 33) e *Fatores estruturais* (FE) entre 0,42 (item 37) e 0,74 (item 42).

No que respeita à correlação entre cada item e a soma dos itens da subescala a que pertence, excluindo esse item, esta varia entre 0,52 (item 14) e 0,72 (item 10) para a subescala Satisfação consigo e com as suas competências (SCSC), entre 0,69 (item 17) e 0,91 (item 19) para a Atitude face à participação comunitária (AFPC), entre 0,63 (item 28) e 0,71 (item 23) para a Rede social e apoio da família (RSAF), entre 0,57 (item 35) e 0,74 (itens 33 e 34) para Atitude e apoio das pessoas (AAP), entre 0,34 (item 49) e 0,552 (item 37) para Ambiente, acessos e meios de comunicação (AAMC) e entre 0,50 (item 49) e 0,76 (item 42) para Serviços, ofertas e hábitos de participação (SOHP).

No que respeita à escala total verifica-se que todos os itens se encontram correlacionados com ela de forma significativa (no nível 0,01). Essas correlações são superiores a 0,40 em todos os itens, à exceção dos itens 37 e 40 (ambos da subescala AAMC).

Relativamente à correlação do item com a dimensão da qual faz parte, verifica-se que na grande maioria dos itens as correlações são significativas no nível 0,01, superiores a 0,40 e com diferenças significativas ($> 0,10$) em relação à correlação com as escalas das quais não fazem parte. As exceções são os itens 23, 25 (ambos da dimensão Fle) e 49 (dimensão FE), cujas diferenças de correlação são inferiores a 0,10, e o item 25 (dimensão Fle), o qual obtém mesmo uma correlação superior com outra dimensão (neste caso Fla).

Já no que respeita à correlação do item com a subescala da qual faz parte, verificam-se correlações superiores às correlações dos itens com as subescalas das quais não fazem parte em todos os itens à exceção do item 40 (subescala AAMC, cuja correlação é um pouco superior com a subescala SOHP). Essas diferenças assumem valores significativos ($> 0,10$) na maioria dos itens, à exceção dos itens 14 (subescala SCSC, cuja correlação com a subescala AFPC é também elevada), 25 (subescala RSAF, cuja correlação com a subescala SCSC é também elevada), 28, 32 (ambos da subescala RSAF, cuja correlação com a subescala AAP assume também um valor elevado), 39 (subescala SOHP, cuja correlação com a subescala AAMC é também elevada) e 49 (subescala SOHP, cuja correlação com a subescala AFPC é também elevada).

Quadro XXVII – Correlação do tipo ρ de Spearman (ρ) entre cada item e o total do IDPC e a dimensão e subescala a que pertence, corrigida para sobreposição

Subescala / Item	IDPC	Fla	Fle	FE	SCSC	ADPC	RSAF	AAP	AAMC	SOHP
Satisfação consigo e com as suas competências (SCSC)										
5 – No geral, considero que a minha condição física é boa	,420**	,486**	,257**	,280**	,504**	,359**	,299**	,182**	,161*	,294**
9 – No geral, sinto-me uma pessoa feliz	,522**	,591**	,457**	,253**	,646**	,371**	,468**	,396**	,215**	,248**
10 – No geral, sinto-me satisfeito/a comigo próprio/a	,532**	,642**	,405**	,282**	,719**	,408**	,405**	,359**	,216**	,277**
11 – Quando me dedico sou capaz de atingir os meus objetivos	,438**	,517**	,382**	,171*	,645**	,274**	,386**	,301**	,189**	,138*
12 – Considero boa a minha capacidade de tomar decisões	,497**	,515**	,363**	,307**	,601**	,301**	,311**	,321**	,275**	,267**
13 – Considero boas as minhas competências intelectuais (escrever, fazer contas, ...)	,411**	,469**	,316**	,157*	,566**	,220**	,327**	,270**	,229**	,122*
14 – Considero boas as minhas competências sociais (de comunicação, de me relacionar com os outros, de gerir conflitos, de ajudar os outros, ...)	,472**	,557**	,365**	,221**	,517**	,422**	,336**	,298**	,204**	,187**
Atitude face à participação comunitária (AFPC)										
17 – Considero que participar na minha comunidade é benéfico para mim	,637**	,610**	,400**	,459**	,396**	,686**	,321**	,361**	,210**	,485**
18 – Há já algum tempo que tenho o hábito de participar na minha comunidade	,561**	,589**	,363**	,395**	,336**	,781**	,296**	,343**	,155**	,440**
19 – Considero-me uma pessoa interessada em participar na minha comunidade	,643**	,704**	,409**	,429**	,428**	,906**	,331**	,388**	,172**	,465**
20 – Considero-me uma pessoa motivada para participar na minha comunidade	,656**	,722**	,418**	,426**	,483**	,831**	,317**	,400**	,156**	,463**
Rede social e apoio da família (RSAF)										
23 – No geral, estou satisfeito/a com a minha rede de relações (família, amigos, vizinhos, ...)	,501**	,456**	,554**	,224**	,489**	,293**	,714**	,418**	,209**	,217**
24 – Estou satisfeito/a com a minha rede familiar (número de familiares, frequência de contactos, ...)	,481**	,406**	,548**	,247**	,419**	,268**	,671**	,421**	,136**	,248**
25 – Estou satisfeito/a com a minha rede de amigos (número de amigos, frequência de contactos, ...)	,590**	,575**	,572**	,304**	,587**	,402**	,634**	,484**	,246**	,284**
28 – No geral, considero que a minha família me apoia	,430**	,250**	,600**	,227**	,266**	,182**	,632**	,544**	,190**	,230**
32 – No geral, a minha família tem uma atitude positiva em relação a mim	,521**	,370**	,670**	,269**	,382**	,266**	,680**	,593**	,149**	,282**

Quadro XXVII (continuação)

Subescala / Item	IDPC	Fla	Fle	FE	SCSC	ADPC	RSAP	AAP	AAMC	SOHP
Atitude e apoio das pessoas (AAP)										
27 – No geral, considero que as pessoas me apoiam (família, amigos, vizinhos, ...)	,581**	,479**	,529**	,366**	,376**	,403**	,341**	,574**	,212**	,380**
29 – No geral, considero que os meus amigos me apoiam	,550**	,382**	,673**	,357**	,291**	,319**	,459**	,737**	,224**	,354**
30 – No geral, considero que os meus vizinhos me apoiam	,522**	,356**	,598**	,396**	,255**	,320**	,396**	,697**	,193**	,413**
31 – No geral, as pessoas que me rodeiam têm uma atitude positiva em relação a mim (família, amigos, vizinhos ...)	,562**	,405**	,674**	,320**	,415**	,279**	,536**	,693**	,268**	,310**
33 – No geral, os meus amigos têm uma atitude positiva em relação a mim	,557**	,439**	,741**	,262**	,367**	,342**	,594**	,737**	,170**	,270**
34 – No geral, os meus vizinhos têm uma atitude positiva em relação a mim	,550**	,382**	,673**	,357**	,291**	,319**	,459**	,737**	,224**	,354**
35 – No geral, os funcionários dos serviços da minha comunidade têm uma atitude positiva em relação a mim	,581**	,479**	,529**	,366**	,376**	,403**	,341**	,574**	,212**	,380**
Ambiente, acessos e meios de comunicação (AAMC)										
36 – Considero adequados os acessos da minha cidade (acesso aos edifícios, distâncias, trânsito, pavimentos, ...)	,426**	,309**	,231**	,479**	,301**	,243**	,244**	,203**	,545**	,412**
37 – Considero adequado o ambiente da minha cidade (clima, ruído, espaços verdes, ...)	,365**	,273**	,175**	,419**	,205**	,258**	,136**	,182**	,552**	,354**
40 – Considero adequados os meios de comunicação disponíveis na minha cidade (telefone, televisão, internet, rádio, ...)	,287**	,070**	,186**	,455**	,057**	,032**	,061**	,202**	,343**	,421**
Serviços, ofertas e hábitos de participação (SOHP)										
39 – Considero adequados os serviços públicos disponíveis na minha cidade (transportes, serviços municipais, bombeiros, ...)	,407**	,224**	,226**	,624**	,153**	,224**	,167**	,220**	,511**	,582**
42 – Considero adequados os serviços de apoio social disponíveis na minha cidade (serviços de orientação, centros de convívio, ...)	,547**	,346**	,340**	,741**	,184**	,391**	,214**	,332**	,419**	,757**
43 – Considero adequados os equipamentos e ofertas educativas disponíveis na minha cidade (escolas, universidade sénior, formação profissional, ...)	,558**	,416**	,407**	,596**	,268**	,407**	,307**	,379**	,325**	,636**
45 – Considero adequadas as ofertas culturais disponíveis na minha cidade (cinema, teatro, música, ...)	,526**	,372**	,345**	,647**	,213**	,389**	,217**	,347**	,430**	,629**
46 – Considero adequadas as ofertas turísticas disponíveis na minha cidade (visitas guiadas, excursões, monumentos, ...)	,506**	,337**	,324**	,662**	,166**	,398**	,175**	,362**	,257**	,729**
47 – Considero adequada a informação sobre as ofertas disponíveis na minha cidade (culturais, educativas, recreativas, ...)	,536**	,365**	,359**	,668**	,265**	,356**	,300**	,328**	,358**	,698**
48 – Considero adequados os custos financeiros associados às ofertas disponíveis na minha cidade (culturais, educativas, recreativas, ...)	,541**	,400**	,296**	,666**	,200**	,458**	,148**	,311**	,400**	,685**
49 – No geral, as pessoas têm por hábito participar na minha comunidade	,546**	,456**	,301**	,518**	,313**	,474**	,217**	,298**	,359**	,498**
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).										
* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).										

Correlação entre o IDPC e as suas dimensões e subescalas

Apresentam-se no Quadro XXVIII as correlações do IDPC com as suas dimensões (Fla, Fle e FE) e subescalas (SCSC, AFPC, RSAF, AAP, AAMC e SOHP).

Verifica-se uma correlação significativa e superior a 0,40 entre todas as dimensões e o valor total da escala, sendo esta mais elevada em Fla e mais baixa em FE.

No que respeita à correlação das dimensões entre si e, tendo em conta os valores elevados obtidos ($> 0,40$), podemos assumir alguma redundância entre elas, a qual é mais significativa entre Fla e Fle.

Em relação à correlação das dimensões com as subescalas, verifica-se que estas, sendo elevadas com as subescalas que as compõem ($> 0,40$), não são suficientemente discriminativas, uma vez que apresentam também correlações significativas com outras subescalas, sendo as diferenças inferiores a 0,10.

No que se refere à correlação entre subescalas, verificamos que cada uma delas tem correlação elevada ($> 0,40$) com a outra subescala que integra a mesma dimensão. Esta correlação é a mais elevada para as subescalas da dimensão Fle mas não para as das dimensões Fla e FE. A subescala SCSC obtém uma maior correlação com a subescala RSAF e a AFPC com a SOHP.

Verifica-se ainda uma correlação elevada da subescala SCSC com a subescala AAP (elevada, por isso, com as duas subescalas da dimensão Fle), da escala AAP com AFPC (elevada, por isso, com as duas subescalas da dimensão Fla) e com SOHP.

Quadro XXVIII – Correlação do tipo ró de Spearman (ρ) entre o IDPC e as suas dimensões e subescalas, corrigida para sobreposição

	IDPC	Fla	Fle	FE	SCSC	AFPC	RSAF	AAP	AAMC
Fla	,618**								
Fle	,580**	,572**							
FE	,483**	,470**	,420**						
SCSC	,524**	,459**	,499**	,316**					
AFPC	,601**	,459**	,435**	,474**	,459**				
RSAF	,537**	,503**	,594**	,284**	,523**	,347**			
AAP	,587**	,500**	,594**	,416**	,401**	,407**	,594**		
AAMC	,407**	,265**	,241**	,488**	,258**	,212**	,201**	,237**	
SOHP	,534**	,483**	,435**	,488**	,296**	,510**	,286**	,430**	,488**

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Apesar de não se ter conseguido através da análise fatorial encontrar as três dimensões que dão suporte teórico à construção do IDPC, a estrutura fatorial de 6 fatores resultante demonstra permite, através do agrupamento de subescalas, chegar às três dimensões teóricas (Fla = SCSC + AFPC; Fle = RSAF + AAP e FE = AAMC + SOHP).

Tendo-se obtido valores de α que apontam para uma *Muito boa* consistência interna da escala (0,94) e entre *Fraca* e *Muito boa* nas subescalas ($0,66 < \alpha < 0,91$) (Pestana e Gageiro, 2005), e verificando-se a validade fatorial anteriormente descrita, podemos encarar o IDPC como uma medida válida dos determinantes da participação comunitária, quer em termos globais quer no que respeita às suas seis subescalas.

No que respeita às suas dimensões, apesar de se verificar uma consistência interna entre *Boa* e *Muito boa* ($0,88 < \alpha < 0,93$), estas não apresentam validade fatorial, uma vez que não foi possível derivá-las através da AFE.

Verificamos através dos procedimentos descritos alguma ausência de validade discriminante entre dimensões e subescalas. Percebemos que na prática as várias dimensões se encontram relacionadas e nem sempre se consegue fazer uma distinção efetiva entre elas. Por exemplo, estar satisfeito com a sua rede de social e o apoio da família poderá aumentar a felicidade individual e a satisfação consigo próprio, da mesma forma que os hábitos de participação das pessoas no local onde se vive podem moldar as atitudes individuais face a esta.

Apesar da inconsistência demonstrada pelas dimensões, consideramos pertinente incluir a sua análise no estudo que se apresenta nas próximas secções, uma vez que em termos teóricos estas nos continuam a fazer sentido. Apesar disso, as análises que as envolvem serão interpretadas com cautela.

4.3. Participação comunitária e sentimento de comunidade

Neste ponto do trabalho pretendemos dar respostas às questões centrais deste estudo. Nesse contexto, centrar-nos-emos nos resultados obtidos pelos participantes reformados. Apenas serão referidos os dados relativos aos participantes não reformados quando tal se considere pertinente na compreensão dos resultados obtidos pelo primeiro grupo.

4.3.1. Participação comunitária

Nesta seção apresentam-se os resultados dos procedimentos estatísticos que pretenderam esclarecer a relação entre as variáveis socioeconómicas dos participantes e as variáveis da participação comunitária, assim como a relação entre estas e as perceções acerca da participação.

Reformados e não reformados

Começamos por apresentar os resultados obtidos pelos participantes reformados (N=107) no que respeita aos níveis medianos de participação comunitária global (PCG), às dimensões de participação (CSI, EC e PaP), aos tipos de participação (CPAF, CFA, CA, CV, CSCT, EA, PR, AOC, ASV, DDC, IAAA, EPO, AC e PoP), às perceções acerca da participação (PMPT e GPT) e à amplitude da participação (APC) por comparação com os participantes não reformados e com o total dos participantes. Apresentam-se também os valores do quociente de associação eta (η) entre as variáveis da participação comunitária e o estado profissional (Quadro XXIX).

Na amostra total, verificamos que os tipos de participação mais frequentes são o interesse ativo nos assuntos da atualidade (IAAA), o contacto com as pessoas do agregado familiar (CPAF), a participação em atividades organizadas da comunidade (AOC), o contacto com a

família alargada (CFA) e o contacto com os amigos (CA). Já os tipos de participação menos frequentes são o protesto político (PoP), a educação de adultos (EA), a prática religiosa (PR) e as atividades do setor do voluntariado (ASV).

Analisando o efeito do estado profissional (variável independente) nas variáveis da participação comunitária (variáveis dependentes) verificamos um efeito *Médio* no nível global de participação (PCG, que explica 5,20% da variância deste, com os reformados a obter valores medianos mais baixos), no contacto com os vizinhos (CV, que explica 5,66% da variância deste, com os reformados a obter valores medianos mais elevados) e na educação de adultos (EA, que explica 21,16% da variância deste tipo de participação, com os reformados a obter valores medianos mais baixos) e um efeito *Elevado* no contacto social com colegas de trabalho (CSCT, que explica 26,42% da variância deste, com os reformados a obter valores medianos mais baixos) (dimensão do efeito de acordo com Maroco, 2007, pp. 184).

Em termos globais, verifica-se que nos reformados o resultado da PCG assume o valor mediano de 105,00, o da amplitude da participação 5,00, os das dimensões entre 27,00 (PaP) e 45,00 (CSI), os dos tipos de participação entre 2,00 (PoP) e 13,00 (CPAF) e os das perceções acerca da participação 29,00 (PMPT) e 38,00 (GPT).

Quadro XXIX – Quociente de associação eta (η) entre as variáveis da participação comunitária e o estado profissional, com medianas das variáveis da participação desdobradas em função deste. Assinalam-se a negrito os efeitos médios e a sublinhado os efeitos elevados

		PCG	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	PoP	PMPT	GPT	APC
ESTADO PROFISSIONAL	η	,228	,176	,144	,211	,041	,037	,142	,238	<u>,514</u>	,460	,063	,164	,020	,168	,209	,123	,187	,166	,134	,184	,121
Reformados (N=107)	Medianas	105,000	98,000	42,000	25,000	14,000	9,000	8,000	9,000	2,000	2,000	4,000	8,000	3,000	9,000	10,000	4,000	8,000	2,000	30,000	5,000	38,000
Não reformados (N=122)		107,000	46,000	34,000	28,000	12,000	9,500	9,000	8,000	8,000	5,500	4,000	10,500	4,000	8,000	10,500	5,000	9,000	3,000	28,000	6,000	37,000
Total (N=229)		105,000	45,000	33,000	27,000	13,000	9,000	9,000	8,000	7,000	4,000	4,000	10,000	4,000	8,000	10,000	5,000	9,000	2,000	29,000	6,000	38,000

Participação comunitária e variáveis sociodemográficas

Com vista a explorar a relação entre as variáveis da participação comunitária e as variáveis sociodemográficas foram calculados os quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ), quando as últimas se tratavam de variáveis métricas ou ordinais, e os quocientes de associação η (η), quando estas se tratavam de variáveis nominais. Para perceber onde se verifica o efeito das variáveis sociodemográficas nominais nas variáveis da participação foram ainda calculadas as medianas das últimas, desdobradas em função das categorias das primeiras. Estes dados apresentam-se no Quadro XXX.

No que respeita à idade, verificamos que apenas existe uma correlação positiva (significativa no nível 0,05) com o contacto com amigos (CA), o que significa que este tipo de participação vê a sua frequência aumentar com o avançar da idade.

Relativamente ao sexo, verifica-se um efeito *Médio* desta variável na prática religiosa (PR, que explica 21,90% da variância desta, com as mulheres reformadas a obter valores medianos mais elevados), nas atividades organizadas da comunidade (AOC, que explica 8,18% da variância deste tipo de participação, com os homens a obter valores medianos mais elevados) e na expressão pública de opiniões (EPO, que explica 6,50% da variância desta, também com os homens a obter valores médios mais elevados).

No que respeita ao estado civil, observamos um efeito *Médio* desta variável no contacto com as pessoas do agregado familiar (CPAF, que explica 19,80% da sua variância, com os viúvos a obter valores mediano mais baixos), no contacto com a família alargada (CFA, que explica 10,50% da sua variância, com os unidos de facto a obter valores medianos mais baixos e os viúvos a obter valores mais elevados), no contacto com os amigos (CA, que explica 6,40% da sua variância, com os solteiros e os divorciados a obter valores medianos mais elevados), na prática religiosa (PR, que explica 10,56% da sua variância, com os reformados solteiros a obter valores medianos mais elevados), nas atividades organizadas da comunidade (AOC, que explica 6,70% da variância desta variável, com os divorciados a obter valores medianos mais elevados) e no interesse ativo nos assuntos da atualidade (IAAA, que explica 7,02% da sua variância, com os viúvos a obter valores medianos mais baixos).

Relativamente à situação profissional, observamos que existe um efeito *Médio* desta variável na participação comunitária global (PCG, que explica 5,95% da variância desta), nas dimensões do envolvimento cívico (EC, que explica 9,00% da variância deste) e da participação política (PaP, que explica 5,06% da variância desta), no contacto social com colegas de trabalho (CSCT,

que explica 6,05% da variância deste), na participação em atividades organizadas da comunidade (AOC, que explica 8,29% da variância desta), na participação em atividades do setor do voluntariado (ASV, que explica 6,92% da variância desta), no interesse ativo nos assuntos da atualidade (IAAA, que explica 5,62% da variância deste), na expressão pública de opiniões (EPO, que explica 9,24% da variância desta) e na amplitude da participação (APC, que explica 5,11% da variância desta). Em todas as variáveis da participação comunitária anteriormente identificadas são os reformados com atividade profissional a tempo integral que obtêm valores medianos mais elevados.

Já o tempo de reforma apenas obtém uma correlação negativa (significativa no nível 0,05) com o interesse ativo nos assuntos da atualidade (IAAA), que significa que à medida que aumenta o tempo de reforma diminui este tipo de participação comunitária.

Em relação ao nível profissional, observamos uma correlação positiva com a participação comunitária global (PCG, significativa no nível 0,01), com as dimensões do envolvimento cívico e da participação política (EC e PaP, significativas no nível 0,01), com as atividades do setor do voluntariado (ASV, significativa no nível 0,01), com a doação de dinheiro para caridade (DDC, significativa no nível 0,05), com o interesse ativo nos assuntos da atualidade (IAAA, significativa no nível 0,01), com a expressão pública de opiniões (EPO, significativa no nível 0,05), com o ativismo comunitário (AC, significativa no nível 0,01), com o protesto político (PoP, significativa no nível 0,01) e com a amplitude da participação (APC, significativa no nível 0,05). Verifica-se ainda uma correlação negativa com o contacto com os vizinhos (CV, significativa no nível 0,05). Estes resultados indicam que quanto maior o nível de responsabilidade / especialização profissional mais elevados os níveis de participação nas formas anteriormente enumeradas, à exceção do contacto com os vizinhos, o qual é mais elevado nos níveis profissionais mais baixos.

No que respeita às habilitações escolares, verificam-se correlações positivas com a participação comunitária global (PCG, significativa no nível 0,01), com as dimensões do envolvimento cívico e da participação política (EC e PaP, significativas no nível 0,01), com as atividades do setor do voluntariado (ASV, significativa no nível 0,01), com a doação de dinheiro para caridade (DDC, significativa no nível 0,05), com o interesse ativo nos assuntos da atualidade (IAAA, significativa no nível 0,01), com a expressão pública de opiniões (EPO, significativa no nível 0,01), com o ativismo comunitário (AC, significativa no nível 0,01), com o protesto político (PoP, significativa no nível 0,01) e com a amplitude da participação (APC, significativa no nível 0,01). Verifica-se também uma correlação negativa com o contacto com

os amigos (CA, significativa no nível 0,05). Isto sugere que quanto mais elevado o nível de habilitações escolares mais elevados estes níveis de participação, à exceção do contacto com os amigos, que, nesta amostra, parece diminuir.

Relativamente ao rendimento (especificamente ao rendimento do agregado familiar), observam-se correlações positivas com a participação comunitária global (PCG, significativa no nível 0,01), com as dimensões envolvimento cívico e participação política (EC e PaP, significativas no nível 0,01), com a educação de adultos (EA, significativa no nível 0,05), com as atividades organizadas da comunidade (AOC, significativa no nível 0,01), com as atividades do setor do voluntariado (ASV, significativa no nível 0,01), com a doação de dinheiro para caridade (DDC, significativa no nível 0,05), com o interesse ativo nos assuntos da atualidade (IAAA, significativa no nível 0,01), com o ativismo comunitário (AC, significativa no nível 0,01), com o protesto político (PoP, significativa no nível 0,01) e com a amplitude da participação (APC, significativa no nível 0,05). Verifica-se ainda uma correlação negativa com a perceção de gostar do tempo que se passa nos tipos de participação chamados de *Big 7* (GPT, significativa no nível 0,01). Estes resultados apontam maiores níveis de participação, especificamente nas dimensões e tipos identificados, à medida que o rendimento do agregado aumenta. Surpreendentemente, quanto mais elevado o rendimento do agregado familiar menos os participantes gostam do tempo que passam a participar na comunidade (especificamente nos *Big 7*: agregado familiar, família alargada, amigos, vizinhos, serviços religiosos, atividades organizadas da comunidade e interesse nos assuntos da atualidade).

Em relação à zona de residência, assinala-se um efeito *Médio* na dimensão da participação política (PaP, que explica 7,62% da sua variância, com os residentes da zona periférica a obter valores medianos mais elevados), no contacto com os amigos (CA, que explica 7,45% da variância deste, com quem vive na zonas histórica e envolvente a obter valores medianos mais elevados), na prática religiosa (PR, que explica 10,82% da variância desta, com os residentes nas zonas intramuros e periférica a obter valores medianos mais elevados), nas atividades do setor do voluntariado (ASV, que explica 8,88% da variância destas, com os residentes da zona envolvente a obter resultados medianos mais baixos), na expressão pública de opiniões (EPO, que explica 9,80% da sua variância, com os residentes da zona periférica a obter valores medianos mais elevados), no protesto político (PoP, que explica 8,30% da sua variância, com quem reside na zona periférica a obter valores medianos mais elevados), na perceção de passar muito pouco tempo envolvido na participação (PMPT, que explica 6,15% da variância desta, com quem vive nas zonas histórica e envolvente a obter resultados medianos mais

baixos) e na amplitude da participação (APC, que explica 5,20% desta, com os residentes na zona periférica a obter valores medianos mais elevados). Apesar disto, pelo facto do grupo de residentes na zona intramuros contar apenas com 2 reformados e o grupo de residentes da zona periférica contar apenas com 1, estes resultados não podem ser encarados como representativos.

No que respeita ao tempo de residência na zona, verifica-se uma correlação positiva com a participação comunitária global (PCG, significativa no nível 0,05), com o envolvimento cívico (EC, significativa no nível 0,05), com o contacto com os amigos (CA, significativa no nível 0,01), com o contacto com os vizinhos (CV, significativa no nível 0,05), com a prática religiosa (PR, significativa no nível 0,01), com a doação de dinheiro para a comunidade (DDC, significativa no nível 0,01) e com a perceção de gostar do tempo que passa a participar (GPT, significativa no nível 0,05). Estes dados indicam que a tempos de residência mais elevados correspondem frequências mais elevadas de participação quer para estas dimensões quer para estes tipos de participação.

Por fim, relativamente ao agregado familiar, verifica-se um efeito *Muito elevado* desta variável no contacto com as pessoas do agregado familiar (CPAF, que explica 63,36% da variância deste, com os reformados que vivem sozinhos a obter, como esperado, valores medianos muito baixos) e *Médio* nas dimensões da conetividade social informal (CSI, que explica 9,73% da variância desta, com os reformados que vivem sozinhos a obter valores medianos mais baixos) e da participação política (PaP, que explica 5,34% da variância desta, com os reformados que vivem com cônjuge a obter valores mais elevados), no contacto com amigos (CA, que explica 6,55% da variância deste, com quem vive sozinho ou noutro tipo de agregado familiar a obter valores medianos mais elevados), no contacto com os vizinhos (CV, que explica 5,57% da variância deste, com quem vive noutro tipo de agregado familiar, nomeadamente com ama de companhia, a obter valores medianos mais baixos), na prática religiosa (PR, que explica 8,35% da variância desta, com quem vive apenas com os filhos a obter resultados medianos mais baixos), no interesse ativo nos assuntos da atualidade (IAAA, que explica 7,02% da variância desta variável, com quem vive com cônjuge a obter valores medianos mais elevados e quem vive apenas com os filhos a obter valores mais baixos), no protesto político (PoP, que explica 6,20% da sua variância, com quem vive com cônjuge a obter valores médios⁵ mais elevados) e na perceção de passar muito pouco tempo a participar (PMPT, que explica

⁵ No caso do PoP, uma vez que os valores medianos não eram discriminativos das diferenças entre os grupos, utilizaram-se os valores das médias, não apresentados.

8,82% da sua variância, com quem vive noutro tipo de agregado familiar a consideram que passa menos tempo a participar).

Quadro XXX – Quocientes de associação eta (η) e de correlação ró de Spearman (ρ) entre as variáveis da participação comunitária e as variáveis sociodemográficas dos reformados, apresentando-se as medianas desdobradas quando estas últimas se tratam de variáveis nominais. Assinalam-se a negrito as relações significativas e a sublinhado as mais elevadas (> 0,40)

			PCG	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	PoP	PMPT	GPT	APC
IDADE	ρ		-,068	,071	-,082	-,162	-,125	,135	,204*	,170	-,024	-,106	,019	-,189	-,160	,110	-,130	-,088	-,134	-,086	-,002	,089	,016
SEXO	η		,058	,026	,045	,206	,108	,165	,091	,057	,063	,074	<u>,468</u>	,286	,088	,123	,216	,255	,057	,208	,115	,047	,017
Homem (N=44)	Me		99,500	40,000	30,000	26,500	14,000	8,000	7,500	9,000	2,000	2,000	2,000	10,000	4,000	8,500	10,000	5,500	9,000	2,000	28,000	38,000	5,500
Mulher (N=63)	Me		97,000	43,000	30,000	23,000	13,000	9,000	9,000	9,000	2,000	2,000	6,000	7,000	2,000	10,000	9,000	4,000	8,000	2,000	31,000	38,000	5,000
ESTADO CIVIL	η		,152	,183	,170	,198	<u>,445</u>	,324	,253	,199	,188	,148	,325	,259	,164	,155	,265	,200	,176	,211	,202	,160	,112
Solteiro/a (N=5)	Me		94,000	37,000	38,000	22,000	14,000	8,000	10,000	9,000	2,000	2,000	11,000	7,000	9,000	10,000	10,000	4,000	6,000	2,000	30,000	38,000	6,000
Unido/a de facto (N=6)	Me		95,500	36,500	30,500	27,500	12,500	7,000	7,000	10,000	4,000	2,000	3,000	10,500	4,000	7,500	10,000	6,500	8,000	2,000	34,000	36,500	5,000
Casado/a (N=73)	Me		100,000	45,000	30,000	26,000	14,000	9,000	8,000	9,000	2,000	2,000	4,000	8,000	2,000	9,000	10,000	4,000	8,000	2,000	29,000	38,000	5,000
Separado/a ou divorciado/a (N=5)	Me		116,000	43,000	37,000	33,000	13,000	8,000	10,000	12,000	5,000	2,000	4,000	19,000	6,000	9,000	10,000	6,000	11,000	4,000	30,500	41,000	6,000
Viúvo/a (N=18)	Me		88,500	41,000	29,000	21,500	10,000	9,500	8,500	10,000	3,000	2,000	6,000	6,500	2,000	10,500	7,000	4,000	7,500	2,000	39,500	5,000	

Quadro XXX (continuação)

							PCG	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	Pop	PMPT	GPT	APC
TEMPO DE RESIDÊNCIA	ρ	ZONA DE RESIDÊNCIA					η	RENDIMENTO	ρ	HABILIT. ESCOLARES	ρ	NÍVEL PROFISSIONAL	ρ	TEMPO DE REFORMA	SIT. PROFISSIONAL			η									
Zona intramuros (N=2)		Me	Me	Me	Me	Me																					
Zona histórica (N=27)		Me	Me	Me	Me	Me																					
Zona envolvente (N=34)		Me	Me	Me	Me	Me																					
Novas áreas de expansão (N=42)		Me	Me	Me	Me	Me																					
Zona periférica (N=1)		Me	Me	Me	Me	Me																					
																			</								

Quadro XXX (continuação)

			PCG	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	Pop	PMPT	GPT	APC
AGREGADO FAMILIAR	η		,140	,312	,084	,231	,796	,158	,256	,236	,172	,163	,289	,153	,083	,198	,265	,120	,193	,249	,297	,119	,085
Vive sozinho/a (N=12)	Me	Me	89,000	35,500	36,500	22,500	2,000	8,500	10,000	10,500	2,000	2,000	6,000	8,000	2,000	11,000	9,500	4,000	7,500	2,000	33,000	38,000	5,000
Vive com cônjuge ou companheiro/a (N=66)	Me	Me	100,500	42,500	30,500	27,500	14,000	9,000	7,500	9,000	2,000	2,000	4,000	9,000	4,000	8,500	10,000	4,000	9,000	2,000	31,500	38,000	5,000
Vive apenas com filhos/as (N=4)	Me	Me	91,500	46,000	23,000	20,000	13,500	12,000	7,000	9,500	5,500	2,000	2,000	5,000	3,000	11,000	7,000	4,000	9,000	2,000	28,000	41,000	5,500
Vive com a família (inclui pais, filhos e netos) (N=22)	Me	Me	97,000	45,000	29,500	21,000	14,000	8,500	8,500	10,000	2,000	2,000	6,000	8,000	2,000	8,000	9,000	4,500	6,000	2,000	26,000	38,000	6,000
Outro (N=2)	Me	Me	94,500	38,500	33,000	23,000	11,000	9,000	10,000	6,500	2,000	4,000	8,000	7,500	5,500	8,000	8,000	5,000	8,000	2,000	39,000	37,000	5,500
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).																							
* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).																							

Participação comunitária e percepções acerca da participação

De forma a explorar a relação entre as percepções sobre a participação nos *Big 7* e os respetivos níveis de participação dos reformados foram calculadas as correlações do tipo Spearman que se apresentam no Quadro XXXI.

Verifica-se uma correlação negativa entre as percepções “*Passo muito pouco tempo ...*” e os correspondentes níveis de participação para os tipos de participação CPAF (significativa no nível 0,05), CA (significativa no nível 0,05) e AOC (significativa no nível 0,01), que indicam que quanto maiores os níveis de participação menos os reformados consideram que passam muito pouco tempo envolvidos nessas atividades. Nos restantes tipos de participação, os níveis de correlação são menos significativos.

Já no que respeita às percepções “*Gosto do tempo que passo ...*” verifica-se uma correlação positiva entre todas elas e os respetivos tipos de participação (significativas no nível 0,01), as quais indicam que quanto maiores os níveis de participação mais os reformados consideram gostar do tempo que passam envolvidos nessas atividades.

Apesar das relações descritas, podemos verificar diferenças nas correlações entre os níveis de participação e a percepção “*Passo muito pouco tempo ...*”, que assume valores significativamente mais baixos que na percepção “*Gosto do tempo que passo ...*”. Esta discrepância indica que os reformados podem apresentar níveis elevados de participação de determinado tipo e considerarem ainda assim que passam muito pouco tempo nele envolvidos (o que estará associado com situações em que essa participação é sentida como prazerosa) ou, pelo contrário, apresentar níveis baixos de participação de determinado tipo e não considerarem que passam muito pouco tempo envolvidos (que estará associado com situações em que a participação não é sentida como gratificante), dando consistência à ideia de Berry e Shipley (2007) de que as percepções são independentes dos respetivos níveis de participação, conceção que justificou a criação desta secção do ACPQ.

Quadro XXXI – Correlações do tipo Spearman (ρ) entre as percepções sobre a participação comunitária e os correspondentes níveis de participação dos reformados. Assinalam-se a negrito as correlações entre a percepção e o tipo de participação correspondente

Percepção acerca da participação	CPAF	CFA	CA	CV	PR	AOC	IAAA
Passo muito pouco tempo ...							
... com os membros do meu agregado familiar	-,211*	-,100	-,005	-,085	,131	-,056	-,064
... com a minha família alargada	-,103	-,179	-,021	,022	,079	,013	,068
... com os meus amigos	-,214*	-,133	-,235*	-,026	,004	-,086	,222*
... com os meus vizinhos	-,064	-,060	-,151	-,172	,076	-,007	,061
... em serviços religiosos	,031	-,017	-,258**	-,226*	-,044	-,077	-,181
... em atividades organizadas da comunidade	-,058	-,142	-,238*	-,066	-,165	-,291**	-,168
... a ter interesse em assuntos da atualidade	-,143	-,045	-,122	-,100	,003	-,206*	-,172
Gosto de passar o tempo ...							
... com os membros do meu agregado familiar	,385**	,205*	,040	,184	,114	-,009	,088
... com a minha família alargada	,150	,276**	,223*	,287**	,118	,115	,258**
... com os meus amigos	,092	,112	,503**	,349**	,263**	,302**	,102
... com os meus vizinhos	-,009	,140	,348**	,554**	,175	-,008	,006
... em serviços religiosos	,054	,279**	,160	,186	,688**	-,105	-,082
... em atividades organizadas da comunidade	,164	,130	,394**	,349**	,172	,340**	,144
... a ter interesse em assuntos da atualidade	,267**	,016	,180	,317**	,013	,224*	,438**
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).							
* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).							

4.3.2. Sentimento de comunidade

Nesta seção apresentam-se os resultados dos procedimentos estatísticos que pretenderam esclarecer a relação entre as variáveis socioeconómicas dos participantes e as variáveis do sentimento de comunidade, assim como a relação entre estas e percepção da importância pessoal do sentimento de comunidade.

Reformados e não reformados

Começamos por apresentar os resultados obtidos pelos participantes reformados (N=107) no que respeita aos resultados medianos do sentimento de comunidade (SC), da percepção da importância pessoal do sentimento de comunidade (PIPSC) e das dimensões do sentimento de comunidade (SN, A, I e CEC) por comparação com os participantes não reformados e com o total dos participantes. Apresentam-se também os valores do quociente de associação eta (η) entre as variáveis do sentimento de comunidade e o estado profissional (Quadro XXXII).

Em termos globais, verifica-se que nos reformados a percepção da importância pessoal do sentimento de comunidade (PIPSC) assume o valor mediano de 5,00 (correspondente a “*É importante*”), o resultado global do SCI-2 (SC) o valor mediano de 34,00 e os das dimensões entre 7,00 (I) e 9,00 (A e CEC).

Analisando os resultados verificamos que, de acordo com o quociente de associação eta, o efeito do estado profissional (variável independente) nas variáveis do sentimento de comunidade (variáveis dependentes) é *Pequeno* (de acordo com Maroco, 2007, pp. 184). Também as medianas desagrupadas evidenciam esse efeito, uma vez que não existe diferenciação significativa.

Quadro XXXII – Quocientes de associação eta (η) entre as variáveis do sentimento de comunidade e o estado profissional, com medianas desdobradas em função deste

		SC	PIPSC	SN	A	I	CEC
ESTADO PROFISSIONAL	η	,026	,081	,005	,009	,077	,022
Reformados (N=107)	Σ	34,000	5,000	8,000	9,000	7,000	9,000
Não reformados (N=122)		32,000	5,000	8,000	9,000	7,000	9,000
Total (N=229)		33,000	5,000	8,000	9,000	7,000	9,000

Sentimento de comunidade e variáveis sociodemográficas

Com vista a explorar a relação entre as variáveis do sentimento de comunidade e as variáveis sociodemográficas foram calculados os quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ), quando as últimas se tratavam de variáveis métricas ou ordinais, e os quocientes de associação eta (η), quando estas se tratavam de variáveis nominais. Para perceber onde se verifica o efeito das variáveis sociodemográficas nominais nas variáveis do sentimento de comunidade foram ainda calculadas as medianas das últimas, desdobradas em função das categorias das primeiras. Estes dados apresentam-se no Quadro XXXIII.

No que se refere ao impacto das variáveis sociodemográficas, verificamos que apenas a zona de residência tem um efeito *Médio* no sentimento de comunidade (SC, que explica 6,35% da sua variância deste) e na dimensão da satisfação de necessidades (SN, que explica 8,07% da variância desta), com os residentes da zona intramuros a obter valores medianos mais baixos e os residentes na zona periférica a obter valores medianos mais elevados. Apesar de ser um resultado surpreendente, quando nos detemos mais atentamente na análise destes dados verificamos que apenas dois dos participantes residem na zona intramuros e um na zona periférica, o que faz com que estes resultados não possam ser encarados como representativos.

Quadro XXXIII – Quocientes de associação eta (η) e de correlação ró de Spearman (ρ) entre o sentimento de comunidade e as suas dimensões e as variáveis sociodemográficas, com medianas desdobradas nas variáveis nominais

		SC	PIPSC	SN	A	I	CEC
IDADE	ρ	-,052	-,129	-,027	,005	-,112	-,040
SEXO	η	,062	,156	,059	,077	,029	,059
Homem (N=44)	Me	33,500	5,000	8,000	9,000	7,000	9,000
Mulher (N=63)	Me	34,000	5,000	8,000	9,000	7,000	9,000
ESTADO CIVIL	η	,171	,177	,181	,160	,145	,180
Solteiro/a (N=5)	Me	35,000	5,000	8,000	9,000	6,000	10,000
Unido/a de facto (N=6)	Me	32,500	5,000	8,500	9,500	7,000	9,000
Casado/a (N=73)	Me	34,000	5,000	8,000	9,000	7,000	9,000
Separado/a ou divorciado/a (N=5)	Me	42,000	5,000	10,000	10,000	9,000	12,000
Viúvo/a (N=18)	Me	34,000	5,000	8,500	10,000	7,500	10,000
SIT. PROFISSIONAL	η	,107	,170	,139	,089	,056	,125
Reformado/a com atividade profissional a tempo integral (N=10)	Me	37,500	5,000	9,000	10,000	8,000	11,000
Reformado/a com atividade profissional a tempo parcial / sazonal (N=7)	Me	35,000	5,000	8,000	9,000	7,000	9,000
Reformado/a sem atividade profissional (N=90)	Me	34,000	5,000	8,000	9,000	7,000	9,000
TEMPO DE REFORMA	ρ	-,072	-,186	-,134	,089	-,098	-,084
NÍVEL PROFISSIONAL	ρ	,130	,013	,108	,181	,137	,025
HABILIT. ESCOLARES	ρ	,074	,060	,069	,078	,126	-,009
RENDIMENTO	ρ	,117	,113	,098	,157	,118	,095
ZONA DE RESIDÊNCIA	η	,252	,222	,284	,205	,218	,250
Zona intramuros (N=2)	Me	17,500	3,500	3,000	5,500	4,000	5,000
Zona histórica (N=27)	Me	33,000	5,000	8,000	9,000	6,000	9,000
Zona envolvente (N=34)	Me	34,500	5,000	8,000	10,000	7,000	10,000
Novas áreas de expansão (N=42)	Me	34,000	5,000	8,500	9,000	8,000	9,000
Zona periférica (N=1)	Me	38,000	5,000	11,000	8,000	8,000	11,000
TEMPO DE RESIDÊNCIA	ρ	-,035	-,054	-,084	,051	-,080	-,018
AGREGADO FAMILIAR	η	,168	,188	,188	,128	,185	,197
Vive sozinho/a (N=12)	Me	36,000	5,000	8,500	10,000	7,500	11,000
Vive com cônjuge ou companheiro/a (N=66)	Me	34,000	5,000	8,000	9,000	7,000	9,000
Vive apenas com filhos/as (N=4)	Me	31,000	5,000	6,000	10,000	6,500	8,500
Vive com a família (inclui pais, filhos e netos) (N=22)	Me	34,500	5,000	8,500	9,500	7,000	9,500
Outro (N=2)	Me	29,000	3,500	8,000	8,000	4,500	8,500

Percepção da importância pessoal do sentimento de comunidade

De forma a explorar o impacto da percepção da importância pessoal do sentimento de comunidade (PIPSC) no próprio sentimento de comunidade foram calculados os quocientes de associação eta (η) entre esta percepção e as variáveis do sentimento de comunidade. Para confirmar esse efeito foram calculadas as medianas das variáveis do sentimento de comunidade quer para os reformados do grupo “*Não é importante ...*” quer para os do grupo “*É importante ...*”. Estes resultados apresentam-se no Quadro XXXIV.

Os resultados apresentados indicam um efeito *Elevado* da percepção da importância pessoal de partilhar um sentimento de comunidade no próprio sentimento de comunidade (SC, que explica 34,46% da variância deste, com os reformados que consideram importante partilhar um sentimento de comunidade com os outros membros a obter valores medianos de sentimento de comunidade mais elevados) bem como nas suas quatro dimensões.

Quadro XXXIV – Quocientes de associação eta (η) entre o sentimento de comunidade e a percepção da importância de partilhar um sentimento de comunidade, com desdobramento de medianas em duas categorias. Assinalam-se a negrito os efeitos médios e a sublinhado os efeitos elevados

		SC	SN	A	I	CEC
PERCEÇÃO DA IMPORTÂNCIA PESSOAL DO SENTIMENTO DE COMUNIDADE (PIPSC)	η	<u>,587</u>	<u>,520</u>	,493	<u>,507</u>	<u>,570</u>
Para mim não é importante partilhar sentimento de comunidade (N=15)	Me	20,000	5,000	5,000	4,000	5,000
Para mim é importante partilhar sentimento de comunidade (N=91)	Me	35,000	8,000	9,000	7,500	9,000
Total (N=107)	Me	34,000	8,000	9,000	7,000	9,000

4.3.3. Participação comunitária e sentimento de comunidade

Nesta seção apresentam-se os resultados dos procedimentos estatísticos que pretenderam esclarecer a relação entre as variáveis da participação comunitária e as variáveis do sentimento de comunidade.

Amplitude da participação, níveis de participação e sentimento de comunidade

De forma a explorarmos a relação entre a participação comunitária e o sentimento de comunidade calculámos os quocientes de correlação do tipo Spearman entre as variáveis do sentimento de comunidade e os níveis de participação comunitária (globais, por dimensão e por tipo) e a amplitude da participação dos reformados (Quadro XXXV).

Centrando-nos nas correlações entre o sentimento de comunidade global (SC) e as variáveis da participação comunitária, verificamos a existência de correlações positivas entre este e o nível global de participação (PCG, significativa no nível 0,01), as três dimensões da participação (CSI, EC e PaP, significativas no nível 0,01), a maioria dos tipos de participação (CA, CV, EA, AOC, ASV, DDC, IAAA, EPO e AC, significativa no nível 0,01; PR, significativa no nível 0,05) e a amplitude da participação (ACP, significativa no nível 0,01). Estes resultados indicam que quanto maiores os níveis de participação referidos e a amplitude da participação comunitária maior o sentimento de comunidade dos reformados.

Não se verificam correlações significativas entre o sentimento de comunidade e o contacto com as pessoas do agregado familiar (CPAF), o contacto com a família alargada (CFA), o contacto social com os colegas de trabalho (CSCT) e o protesto político (PoP).

Comparando estes resultados com as correlações entre as quatro dimensões do sentimento de comunidade e as variáveis da participação, apenas se verifica um reduzido número de diferenças. Na dimensão satisfação de necessidades (SN) não se verificam diferenças, na dimensão associação (A) verifica-se uma correlação menos significativa com a prática religiosa (PR), na dimensão influência (I) verifica-se uma correlação superior (significativa no nível 0,05) com o contacto social com os colegas de trabalho (CSCT) e com o protesto político (PoP) e na dimensão conexão emocional compartilhada (CEC) verifica-se uma correlação menos significativa com a prática religiosa (PR) e as atividades do setor do voluntariado (ASV).

Já no que respeita à perceção da importância de partilhar um sentimento de comunidade com os outros membros da mesma, questão de validação incluída no SCI-2, as diferenças correlacionais encontram-se na prática religiosa (PR) e nas atividades do setor do voluntariado (com correlações significativamente inferiores às encontradas no SC).

Quadro XXXV – Quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ) entre as variáveis do sentimento de comunidade e os níveis e a amplitude da participação dos reformados. Assinalam-se a negrito as correlações elevadas ($> 0,40$)

	PCG	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	PoP	APC
SC	,590**	,394**	,531**	,484**	,149	,178	,444**	,465**	,120	,345**	,214*	,471**	,296**	,350**	,421**	,432**	,418**	,179	,567**
PIPSC	,567**	,363**	,443**	,544**	,263**	,088	,308**	,439**	,108	,296**	,073	,488**	,232*	,251**	,493**	,494**	,408**	,280**	,477**
SN	,491**	,548**	,518**	,548**	,088	,097	,403**	,494**	,150	,334**	,212*	,405**	,269**	,327**	,405**	,403**	,419**	,144	,538**
A	,548**	,518**	,319**	,491**	,096	,109	,427**	,421**	,078	,308**	,082	,439**	,308**	,347**	,450**	,397**	,357**	,064	,501**
I	,548**	,381**	,513**	,427**	,146	,160	,332**	,363**	,206*	,304**	,235*	,421**	,328**	,300**	,332**	,384**	,360**	,240*	,520**
CEC	,491**	,338**	,439**	,396**	,139	,180	,439**	,434**	,034	,314**	,148	,440**	,170	,315**	,327**	,387**	,347**	,119	,464**

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Percepções sobre a participação e sentimento de comunidade

Para explorarmos a relação entre as percepções acerca da participação e o sentimento de comunidade nos reformados calculámos as correlações do tipo Spearman entre elas (Quadro XXXVI).

Os resultados demonstram a inexistência de correlações significativas entre as percepção “*Passo muito pouco tempo ...*” (quer desagrupadas quer no seu valor global, PMPT) e as variáveis do sentimento de comunidade, à exceção da percepção de passar muito pouco tempo em serviços religiosos que tem uma correlação negativa (significativa no nível 0,05) com a dimensão associação (A), a qual sugere que os reformados que não consideram passar pouco tempo em serviços religiosos obtêm valores mais elevados na dimensão associação.

Já nas percepções “*Gosto de passar tempo ...*” as correlações com as variáveis do sentimento de comunidade são mais significativas (quer no seu valor global, quer quando desagrupadas). De qualquer das formas, estas correlações são inferiores às descritas no ponto anterior entre as variáveis do sentimento de comunidade e os níveis de participação correspondentes.

Este resultado sugere que, mesmo quando não é sentida como prazerosa, a participação comunitária pode contribuir para o sentimento de comunidade.

Quadro XXXVI – Quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ) entre as percepções sobre a participação comunitária e as variáveis do sentimento de comunidade dos reformados. Assinalam-se a negrito as correlações elevadas ($> 0,40$)

	SC	PIPSC	SN	A	I	CEC
Passo muito pouco tempo ... (PMPT soma)	-,084	-,132	-,036	-,052	-,054	-,133
... com os membros do meu agregado familiar	,008	-,177	,065	,033	-,004	-,064
... com a minha família alargada	,160	,077	,161	,114	,182	,137
... com os meus amigos	,021	,006	,081	,071	,036	-,051
... com os meus vizinhos	-,026	,032	-,065	,069	-,014	-,054
... em serviços religiosos	-,130	-,160	-,129	-,232*	-,066	-,056
... em atividades organizadas da comunidade	-,144	-,082	-,114	-,156	-,114	-,089
... a ter interesse em assuntos da atualidade	-,112	-,121	-,087	-,013	-,146	-,151
Gosto de passar o tempo ... (GPT soma)	,408**	,423**	,402**	,279**	,399**	,326**
... com os membros do meu agregado familiar	,189	,187	,258**	,096	,181	,149
... com a minha família alargada	,375**	,300**	,371**	,329**	,301**	,346**
... com os meus amigos	,249*	,186	,271**	,213*	,152	,284**
... com os meus vizinhos	,232*	,201*	,296**	,206*	,128	,227*
... em serviços religiosos	,206*	,073	,179	,039	,271**	,110
... em atividades organizadas da comunidade	,456**	,469**	,382**	,362**	,420**	,413**
... a ter interesse em assuntos da atualidade	,318**	,416**	,285**	,298**	,248*	,278**
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).						
* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).						

Participantes e não participantes

Para explorarmos o impacto do estado de participação no sentimento de comunidade, calculámos os quocientes de associação η (η) entre as variáveis do sentimento de comunidade e a condição de participação dos reformados. Para percebermos qual dos grupos obtinha valores mais elevados e mais baixos nessas variáveis, calculámos ainda as medianas das mesmas desdobradas em função do estado de participação. Os resultados apresentam-se no Quadro XXXVII.

Com base na análise dos dados apresentados, verificamos que existe um efeito *Médio* da condição de participação em todas as variáveis do sentimento de comunidade, que explicam entre 13,91% (I) e 19,90% (SC) da sua variância.

Estes dados indicam que o facto de participar ou não na comunidade é determinante para o sentimento de comunidade dos reformados, sendo que quem participa obtém níveis mais elevados de sentimento de comunidade.

Quadro XXXVII – Quocientes de associação eta (η) entre as variáveis do sentimento de comunidade e a condição de participação dos reformados, com base na qual se apresentam as medianas desdobradas

		SC	PIPSC	SN	A	I	CEC
CONDIÇÃO PARTICIPAÇÃO	η	,390	,446	,439	,410	,373	,377
Não participante (N=52)	Me	5,00	27,000	7,000	8,000	6,000	8,000
Participante (N=55)	Me	5,00	37,000	9,000	10,000	8,000	10,000
Total (N=107)	Me	5,00	34,000	8,000	9,000	7,000	9,000

Reformados e não reformados

Por fim, para perceber se o estado profissional tem um papel mediador na relação entre a participação comunitária e o sentimento de comunidade foram calculados os quocientes de correlação rho de Spearman (ρ) entre o sentimento de comunidade (SC) e os níveis de participação (globais, por dimensão e por tipo de participação) e a amplitude da participação, desdobrados em função do estado profissional, os quais se apresentam no Quadro XXXVIII.

Centrando-nos apenas nas correlações significativas pelo menos para o nível 0,05, os resultados indicam diferenças na relação existente entre o sentimento de comunidade e as variáveis da participação comunitária nos dois grupos. Os reformados obtêm correlações relativamente mais elevadas (diferenças superiores a 0,1) aos não reformados entre o sentimento de comunidade e a participação comunitária global (PCG), as dimensões da participação (CSI, EC e PaP), a maioria dos tipos de participação (CA, CV, EA, ASV, DDC, IAAA e

EPO) e a amplitude da participação (ACP), enquanto os não reformados apenas obtêm correlações significativamente mais elevadas (diferença superior a 0,1) na percepção “*Passo muito pouco tempo ...*”.

Estes resultados indicam que, no geral, a participação comunitária tem uma relação mais significativa com o sentimento de comunidade nos reformados que no caso dos não reformados. Partindo do pressuposto de que a o desempenho de uma atividade profissional pode contribuir para o sentimento de comunidade, na ausência desta, a participação comunitária assumir-se-á como uma forma de o manter.

Quadro XXXVIII – Quocientes de correlação ró de Spearman (ρ) entre o sentimento de comunidade e os níveis e a amplitude da participação, desdobrados em função do estado profissional. Assinalam-se a negrito as correlações mais elevadas ($> 0,40$)

	PCG	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	PoP	PMPT	GPT	APC
SC Reformados (N=107)	.590**	.394**	.531**	.484**	.149	.178	.444**	.465**	.120	.345**	.214*	.471**	.296**	.350**	.421**	.432**	.418**	.179	-.084	.408**	.567**
SC Não reformados (N=122)	.443**	.196*	.328**	.320**	.103	.145	.292**	.225*	-.020	.090	.223*	.423**	.112	.234**	.303**	.261**	.295**	.221*	-.236*	.345**	.384**
SC Total (N=229)	.497**	.287**	.429**	.392**	.127	.160*	.365**	.342**	.052	.169*	.209**	.440**	.208**	.297**	.354**	.335**	.341**	.195**	-.164*	.366**	.459**
**A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).																					
*A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).																					

4.3.4. Determinantes da participação comunitária

Nesta seção apresentam-se os resultados dos procedimentos estatísticos que pretenderam esclarecer a relação entre os determinantes da participação comunitária e as variáveis da participação comunitária. Começamos, no entanto, por esclarecer a relação entre as variáveis sociodemográficas e os determinantes da participação.

Reformados e não reformados

Começamos por apresentar os resultados obtidos pelos participantes reformados (N=107) no que respeita aos valores medianos dos determinantes da participação comunitária (IDPC), às suas dimensões (Fla, Fle e FE) e subescalas (SCSC, AFPC, RSAF, AAP, AA, ESHP e OIC) por comparação com os participantes não reformados e com o total dos participantes. Apresentam-se também os valores do quociente de associação eta (η) entre os determinantes da participação comunitária e o estado profissional (Quadro XXXIX).

Analisando os resultados obtidos, verificamos que o estado profissional (variável independente) tem apenas um efeito *Pequeno* (de acordo com Maroco, 2007, pp. 184) nos determinantes da participação comunitária, suas dimensões e subescalas (variáveis dependentes). Também as medianas desagrupadas evidenciam esse efeito, uma vez que não existe diferenciação significativa.

Em termos globais, verifica-se que nos reformados o resultado do IDPC assume o valor mediano de 161,00, as suas dimensões entre 49,50 (FE) e 60,00 (Fle) e as suas subescalas entre 14,00 (AAMC) e 35,50 (SOHP).

Quadro XXXIX – Quociente de associação eta (η) entre os determinantes da participação comunitária e o estado profissional, com medianas desdobradas em função deste

		IDPC	Fla	Fle	FE	SCSC	AFPC	RSAF	AAP	AAMC	SOHP
ESTADO PROFISSIONAL	H	,001	,138	,099	,092	,174	,042	,068	,112	,043	,119
Reformados (N=107)	Me	161,000	51,000	60,000	49,500	32,500	17,000	25,000	35,000	14,000	35,500
Não reformados (N=122)	Me	156,000	51,000	59,000	46,000	34,000	17,000	25,000	34,000	14,000	33,000
Total (N=229)	Me	158,000	51,000	60,000	47,000	33,000	17,000	25,000	35,000	14,000	34,000

Determinantes da participação comunitária e variáveis sociodemográficas

Para explorar a relação entre os determinantes da participação comunitária, suas dimensões e subescalas e as características socioeconómicas dos participantes reformados calculámos os quocientes de associação (η) e correlação (ρ) entre elas. Calculámos ainda as medianas das variáveis a participação desdobradas em função das variáveis sociodemográficas nominais, de forma a perceber quais os grupos que apresentavam resultados mais elevados ou mais baixos. Os resultados apresentam-se no quadro Quadro XL.

No que respeita à idade, verificamos que existe uma correlação negativa (significativa no nível 0,05) com os fatores intrapessoais (Fla) e com a satisfação consigo e com as suas competências (SCSC), subescala que integra essa dimensão, a qual aponta para um decréscimo da satisfação consigo e com as suas competências à medida que a idade aumenta.

Relativamente ao sexo, verifica-se um efeito *Médio* desta variável nos fatores intrapessoais (Fla, que explica 5,29% da variância destes) e na satisfação consigo e com as suas competências (SCSC, que explica 7,67% da sua variância, com os homens a apresentar valores medianos de satisfação mais elevados).

No que respeita ao estado civil, observamos um efeito *Médio* desta variável nos fatores intrapessoais (Fla, que explica 5,66% da variância destes, com os solteiros a apresentar valores medianos mais elevados), na satisfação consigo e com as suas competências (SCSC, que explica 7,84% da sua variância, com os viúvos a obter valores medianos mais baixos⁶), na rede social e o apoio familiar (RSAF, que explica 5,02% da sua variância, com os casados a obter valores medianos mais elevados) e nos serviços, ofertas e hábitos de participação (SOHP, que explica 5,15% da variância desta, com os separados a obter valores medianos mais elevados).

Relativamente à situação profissional, observamos que existe um efeito *Médio* desta variável na satisfação consigo e com as suas competências (SCSC, que explica 5,95% da sua variância, com os reformados sem atividade profissional a obterem valores medianos mais baixos).

No que respeita ao tempo de reforma, verifica-se uma correlação negativa com a satisfação consigo e com as suas competências (SCSC, significativa no nível 0,05), o que indica um decréscimo desta à medida que os anos de reforma se somam.

⁶ No caso da SCSC e da RSAF, uma vez que os valores medianos não eram em nosso entender suficientemente discriminativos das diferenças entre os grupos, recorremos também os valores das médias, não apresentados, para estabelecer essas diferenças.

Em relação ao nível profissional, observamos uma correlação positiva (significativa no nível 0,05) com a globalidade dos determinantes da participação comunitária (IDPC), com os fatores intrapessoais (Fla) e com a satisfação consigo e com as suas competências (SCSC). Esta relação indica um aumento da satisfação consigo nos níveis profissionais mais elevados.

No que respeita às habilitações escolares, verificam-se também correlações positivas (significativas no nível 0,01) com os fatores intrapessoais (Fla) e com a satisfação consigo e com as suas competências (SCSC), com os reformados com mais escolaridade a obter valores medianos tendencialmente mais elevados.

Relativamente ao rendimento (especificamente ao rendimento do agregado familiar), observam-se correlações positivas com a globalidade dos determinantes da participação comunitária (IDPC, significativa no nível 0,01), com os fatores intrapessoais (Fla, significativa no nível 0,01), com os fatores interpessoais (Fle, significativa no nível 0,05), com a satisfação consigo e com as suas necessidades (SCSC, significativa no nível 0,01), com a atitude face à participação comunitária (AFPC, significativa no nível 0,01) e com a rede social e o apoio familiar (RSAF, significativa no nível 0,01). Estes resultados indicam que os reformados com mais rendimento obtêm valores medianos tendencialmente mais elevados nestas variáveis.

Em relação à zona de residência, assinala-se um efeito *Médio* com a globalidade dos determinantes da participação (IDPC, que explica 5,29% da sua variância), com os fatores estruturais (FE, que explica 5,24% da sua variância), com a satisfação consigo e com as suas competências (SCSC, que explica 5,15% da sua variância) e com a atitude e o apoio das pessoas (AAP, que explica 6,92% da sua variância). Nas variáveis IDPC, FE e SCSC são os residentes da zona intramuros quem obtêm os valores medianos mais baixos enquanto na variável AAP são estes e os residentes da zona periférica. No entanto, como anteriormente já referimos, uma vez que estes grupos têm dimensões muito reduzidas, estes resultados não são considerados representativos.

No que respeita ao tempo de residência na zona, verifica-se uma correlação positiva com o ambiente, os acessos e os meios de comunicação (AAMC, significativa no nível 0,05), com os reformados residentes na zona há mais tempo a considerarem-nos mais adequados.

Por fim, relativamente ao agregado familiar, verifica-se um efeito *Elevado* desta variável nos fatores interpessoais (Fle, que explica 12,89% desta variável, com quem vive apenas com os filhos a obter valores medianos mais baixos) e na satisfação com a rede social e apoio familiar (RSAF, que explica 12,53% desta variável, com quem vive sozinho com os filhos, mais uma vez

a obter valores medianos mais baixos). Verifica-se ainda um efeito *Médio* nos fatores intrapessoais (Fla, que explica 5,43% da variância destes, com quem vivem com ama de companhia – com outro tipo de agregado – a obter valores medianos mais baixos), na satisfação consigo e com as suas competências (SCSC, que explica 8,58% da sua variância, também com quem vive com ama de companhia a obter valores medianos mais baixos), na rede social e apoio da família (RSAF, que explica 94,25% da variância desta, com quem vive com ama de companhia – noutra situação – a obter valores medianos mais elevados) e na atitude e apoio das pessoas (AAP, que explica 12,81% da variância desta, com quem vive com apenas com os filhos a obter valores medianos mais baixos).

Quadro XL – Quocientes de associação eta (η) e de correlação ró de Spearman (ρ) entre os determinantes da participação comunitária e as variáveis sociodemográficas, apresentando-se as medianas desdobradas quando estas se tratam de variáveis nominais. Assinalam-se a negrito as associações médias e as correlações significativas no nível 0,01

		IDPC	Fla	Fle	FE	SCSC	AFPC	RSAF	AAP	AAMC	SOHP
IDADE	ρ	-,162	-,218*	-,135	,011	-,199*	-,158	-,119	-,122	,037	,028
SEXO	η	,196	,230	,075	,171	,277	,142	,137	,014	,116	,144
Homem (N=44)	Me	156,000 163,000	53,000	60,000	51,000	35,000	17,000	27,000	35,000	15,000	36,000
Mulher (N=63)	Me	156,000	49,000	60,000	49,000	32,000	16,500	25,000	35,000	14,000	35,000
ESTADO CIVIL	η	,169	,238	,177	,212	,280	,177	,224	,121	,126	,227
Solteiro/a (N=5)	Me	155,000 163,000	53,500	59,000	50,000	32,000	20,000	25,000	35,000	14,000	35,000
Unido/a de facto (N=6)	Me	151,500	45,000	60,500	47,500	31,500	14,000	25,000	35,000	14,500	34,000
Casado/a (N=73)	Me	161,000	51,000	60,000	49,000	33,000	17,000	26,000	35,000	14,000	35,000
Separado/a ou divorciado/a (N=5)	Me	163,000	49,000	59,000	53,000	33,000	20,000	24,000	35,000	15,000	39,000
Viúvo/a (N=18)	Me	155,000	50,000	60,000	50,000	31,000	19,000	25,000	35,000	14,000	37,000

Quadro XL (continuação)

		IDPC	Fla	Flc	FE	SCSC	AFPC	RSAF	AAP	AAMC	SOHP
SIT. PROFISSIONAL	η	,181	,216	,121	,157	,244	,139	,137	,144	,204	,142
Reformado/a com atividade profissional a tempo integral (N=10)	Me	164,000	56,000	57,500	49,500	35,500	19,500	26,500	31,500	14,000	35,500
Reformado/a com atividade profissional a tempo parcial / sazonal (N=7)	Me	164,000	53,000	61,000	50,500	36,000	17,000	29,000	34,000	15,000	35,500
Reformado/a sem atividade profissional (N=90)	Me	158,000	49,000	60,000	49,000	32,000	17,000	25,000	35,000	14,000	35,500
TEMPO DE REFORMA	ρ	-,044	-,160	-,031	,118	-,231*	-,018	-,092	,011	-,002	,159
NÍVEL PROFISSIONAL	ρ	,226*	,239*	,060	,154	,226*	,174	,146	-,020	-,049	,160
HABILIT. ESCOLARES	ρ	,152	,264**	,077	-,030	,324**	,095	,166	-,009	-,118	-,022
RENDIMENTO	ρ	,288**	,378**	,207*	,083	,317**	,311**	,274**	,128	,026	,050
ZONA DE RESIDÊNCIA	η	,230	,189	,195	,229	,227	,219	,092	,243	,218	,202
Zona intramuros (N=2)	Me	132,000	38,000	56,000	38,000	25,000	13,000	24,500	31,500	11,000	27,000
Zona histórica (N=27)	Me	162,000	50,000	60,000	51,000	33,000	16,000	25,000	35,000	14,000	36,500
Zona envolvente (N=34)	Me	161,000	51,000	60,000	49,000	31,000	19,000	25,000	35,000	14,000	35,000
Novas áreas de expansão (N=42)	Me	163,000	52,000	60,000	49,000	35,000	17,000	26,000	34,000	14,000	36,000
Zona periférica (N=1)	Me	153,000	53,000	57,000	43,000	34,000	19,000	25,000	32,000	11,000	32,000
TEMPO DE RESIDÊNCIA	ρ	,093	,040	,103	,136	,000	,081	,132	,134	,197*	,128

Quadro XL (continuação)

		IDPC	Fla	Fle	FE	SCSC	AFPC	RSAP	AAP	AAMC	SOHP
AGREGADO FAMILIAR	η	,200	,233	,359	,134	,293	,130	,307	,358	,136	,170
Vive sozinho/a (N=12)	Me	158,500	50,000	59,000	51,000	32,500	17,500	25,000	35,000	14,000	37,500
Vive com cônjuge ou companheiro/a (N=66)	Me	161,000	51,000	60,000	49,000	33,000	17,000	25,000	35,000	14,000	35,000
Vive apenas com filhos/as (N=4)	Me	166,000	52,000	52,000	54,000	32,000	20,000	24,000	28,000	15,000	39,000
Vive com a família (inclui pais, filhos e netos) (N=22)	Me	158,500	50,000	60,000	48,500	32,000	17,000	26,000	35,000	14,000	35,000
Outro (N=2)	Me	151,500	37,000	64,500	50,000	24,500	12,500	27,000	37,500	15,000	35,000
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades). * A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).											

Participação comunitária e seus determinantes

Para explorar a relação entre as variáveis da participação e os seus determinantes calculámos o quociente de correlação ρ de Spearman (p) entre eles, os quais se apresentam no Quadro XLI. Uma vez que existe correlação entre muitas destas variáveis, optámos por nos deter apenas na análise das que consideramos mais significativas ($> 0,40$).

Verificam-se correlações elevadas entre o resultado global do IDPC e o nível global de participação comunitária (PCG), a dimensão do envolvimento cívico (EC), as subescalas AOC, DDC e IAAA, a percepção GTP e a amplitude da participação (APC). Esta relação significa que quanto mais positivos os indicadores dos diversos determinantes da participação comunitária maior a amplitude da participação dos reformados, maiores os seus níveis de participação globais e específicos (AOC, DDC e IAAA, por exemplo) e maior a percepção de gostar do tempo que passa envolvido nos tipos e participação do *Big 7*.

No que respeita às dimensões do IDPC, verifica-se que apenas os fatores intrapessoais (Fla) obtêm correlações elevadas com as variáveis da participação, nomeadamente com a

amplitude da participação, com o nível global de participação, com o envolvimento cívico (EC), com a participação política (PaP) e com alguns tipos específicos de participação comunitária (EC, PaP, AOC, ASV, DDC, IAAA, EPO e AC).

Da análise das subescalas verificamos que são as da dimensão intrapessoal (SCSC e AFPC) que obtêm correlações mais significativas com as variáveis da participação (SCSC com PCG, Fle, FE, AOC, DDC e IAAA; AFPC com PCG, Fle, FE, AFPC, AOC e ASV).

Centrando-nos apenas no nível global de participação, verificamos que este tem uma correlação mais elevada com a atitude face à participação comunitária (AFPC), depois com a satisfação consigo e com as suas competências (SCSC), com a atitude e apoio das pessoas (AAP) e, por fim, com a rede social e o apoio da família (RSAF). Os fatores estruturais não apresentam uma correlação significativa com o nível global de participação, sendo a correlação com o ambiente, acessos e meios de comunicação (AAMC) a menos significativa.

O contacto com as pessoas do agregado familiar, com a família alargada, com os colegas de trabalho, a educação de adultos, prática religiosa e a participação política não obtêm correlações significativas com o valor total do IDPC. Quando nos detemos na análise das correlações com os determinantes específicos, verificamos que CPAF, CFA, CSCT e PR continuam a não obter valores elevadas ou, pelo menos, significativos. Isto significa que são de outro tipo os determinantes destas formas de participação (como por exemplo as variáveis sociodemográficas estado profissional e sexo, cujas relações foram anteriormente analisadas).

Quadro XLI – Quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ) entre os determinantes da participação e as variáveis da participação comunitária dos reformados. A negrito assinalam-se as correlações com valor superior a 0,40

	PCG	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	PoP	PMPT	GPT	APC
IDPC	,444**	,255*	,427**	,365**	,228*	,089	,274**	,292*	,068	,183	-,031	,441**	,313*	,451**	,416**	,323**	,290**	,068	,060	,414**	,404**
Fla	,582**	,232*	,579**	,546**	,189	,116	,253*	,246*	,098	,375**	,011	,604**	,451**	,466**	,529**	,450**	,448**	,286**	-,061	-,342**	,526**
Fle	,249*	,201*	,200*	,172	,158	,109	,183	,210*	,008	,015	-,009	,182	,150	,283**	,244*	,139	,144	-,031	,011	,249*	,227*
FE	,184	,096	,207*	,147	,092	,037	,213*	,198*	-,026	-,004	-,131	,239*	,145	,295**	,239*	,198*	,081	-,071	,290**	,255*	,174
SCSC	,191	,056	,237*	,201*	,173	,183	,112	,113	,117	,025	,039	,023	,035	,121	,182	,142**	,319**	,319**	,370**	,407**	,406**
AFPC	,572**	,297**	,600**	,439**	,149	,112	,362**	,315**	,117	,415**	-,026	,665**	,412**	,370**	,393**	,381**	,394**	,218*	-,134	,363**	,539**
RSAP	,201*	,151	,172	,150	,173	,116	,093	,069	,025	-,056	-,026	,121	,182	,294**	,225*	,095	,112	,009	-,056	,157	,169
AAP	,237*	,214*	,195*	,154	,103	,092	,273**	,294**	-,043	,052	,058	,185	,076	,246*	,196*	,164	,156	-,088	,106	,284**	,231*
AAMC	,056	,181	-,036	,082	,270**	,112	,035	,113	,050	-,160	-,192*	,066	,035	,065	,144	,079	-,013	-,001	,247*	,071	,026
SOHP	,191	,067	,240*	,145	,032	,016	,234*	,188	-,013	,030	-,102	,270**	,133	,326**	,232*	,216*	,084	-,093	,239*	,288**	,172
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).																					
* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).																					

Determinantes específicos da participação comunitária

De forma a percebermos o impacto dos determinantes específicos na participação comunitária calculámos a correlação do tipo Spearman entre cada um dos itens do IDPC (incluindo os eliminados tendo em conta a consistência interna da escala e suas subescalas) e as variáveis da participação. Essas correlações apresentam-se no Quadro XLII.

Uma vez que existe correlação entre a maioria dos itens e as variáveis, embora nem sempre elevada, optámos por apresentar apenas os itens que obtêm correlações que consideramos mais significativas ($> 0,40$).

Estes resultados confirmam os agrupados por fator anteriormente apresentados. Continuam a ser os itens da subescala AFPC que obtêm as correlações mais elevadas com o nível global de participação (PCG), com a sua amplitude (APC), com algumas das suas dimensões (nomeadamente EC) e com alguns dos seus tipos (nomeadamente AOC). Estes itens incluem a percepção do benefício da participação comunitária (item 17), os hábitos de participação (item 18), o interesse (item 19) e a motivação para participar na comunidade (item 20).

Também alguns itens da subescala SCSC obtêm correlações significativas com algumas das variáveis da participação. Estes itens incluem a satisfação consigo próprio (item 10), as competências intelectuais (item 13) e as competências sociais (item 14).

Verifica-se, no entanto, que alguns dos itens cuja eliminação foi ditada pela análise de consistência interna da escala e suas subescalas obtêm correlações elevadas com algumas das variáveis da participação, como sejam os itens 6 e 7, relacionados com saúde e sintomas depressivos, o item 21, relacionado com a disponibilidade de tempo para participar na comunidade, e o item 22, relacionado com a satisfação com a sua situação familiar.

Quadro XLII – Quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ) entre os itens do IDPC e as variáveis da participação comunitária dos reformados. Apresentam-se apenas os itens que obtêm correlações superiores a 0,40, as quais se assinalam a negrito

	PCG	CSI	EC	PaP	CPAF	CFA	CA	CV	CSCT	EA	PR	AOC	ASV	DDC	IAAA	EPO	AC	PoP	PMPT	GPT	APC
6 – No geral, considero que a minha saúde é boa (<i>eliminado</i>)	,225*	,229*	,164	,217*	,416**	,096	-,046	-,070	,114	-,028	-,105	,194*	,194*	,259*	,321*	,075	,121	,103	-,115	,104	,178
7 – Sinto-me triste e em baixo na maior parte do tempo, de tal modo que nada me consegue animar (<i>eliminado</i>)																					
10 – No geral, sinto-me satisfeito/a comigo próprio/a																					
13 – Considero boas as minhas competências intelectuais (escrever, fazer contas, ...)																					
14 – Considero boas as minhas competências sociais (de comunicação, de me relacionar com os outros, de gerir conflitos, de ajudar os outros, ...)																					
17 – Considero que participar na comunidade é benéfico para mim																					
18 – Há já algum tempo que tenho o hábito de participar na minha comunidade																					
19 – Considero-me uma pessoa com interesse em participar na minha comunidade																					
20 – Considero-me uma pessoa motivada para participar na minha comunidade																					
21 – Tenho tempo disponível para participar na minha comunidade (<i>eliminado</i>)																					
22 – Estou satisfeito/a com a minha situação familiar (viver sozinho, com cônjuge, com filhos, ...) (<i>eliminado</i>)																					
	,341**	-,034	,425**	,405**	,117	-,025	,029	-,063	,058	,255**	,029	,342**	,433**	,341**	,364**	,293**	,281**	,311**	,056	,161	,266**
	-,420**	-,287**	-,332**	-,403**	-,157	-,052	-,341**	-,125	-,198*	-,286**	,121	-,416**	-,369**	-,217*	-,404**	-,375**	-,323**	-,189	,327**	-,083	-,407**
	,349*	,213*	,298**	,326**	,128	,240*	,243*	,143	,000	,193*	-,063	,392**	,184	,403**	,401**	,270**	,202*	,166	-,053	,237*	,333*
	,339*	,059	,333*	,434**	,000	,055	,065	,133	,016	,208*	,087	,282**	,215	,258**	,463**	,419**	,251**	,261**	-,061	,154	,319**
	,425**	,255**	,354**	,405**	,170	,119	,289**	,281**	,031	,259**	,132	,314*	,269**	,249*	,344*	,366**	,315*	,261**	-,006	,251*	,367**
	,453**	,215*	,527**	,340*	,225*	,066	,287**	,256**	-,036	,362**	,115	,521**	,287**	,371**	,284*	,337**	,286**	,113	-,131	,383**	,425**
	,504**	,271**	,561**	,334*	,079	,160	,374*	,218*	,199*	,408**	,070	,602**	,457**	,248*	,266**	,245*	,340**	,263**	-,084	,360**	,517**
	,532**	,273**	,544**	,422**	,154	,104	,355**	,330**	,106	,381**	,008	,623**	,327**	,381**	,402**	,368**	,372**	,166	-,136	,314**	,503**
	,535**	,306**	,493**	,452**	,247*	,076	,309**	,345**	,090	,308**	-,021	,587**	,324**	,353**	,470**	,429**	,352**	,174	-,142	,285**	,475**
	,307**	,214*	,204*	,312**	,214*	,119	,174	,341**	-,067	,121	-,106	,406**	,041	,118	,388**	,307**	,200*	,165	-,128	,151	,289**

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

4.3.5. Determinantes da participação comunitária e sentimento de comunidade

Pelo facto de os determinantes da participação terem sido avaliados de uma forma geral (ou seja, pedindo-se aos participantes que se posicionassem em relação a cada um deles e não que estimassem a sua influência na sua participação comunitária), foi-nos possível também explorar a sua relação com o sentimento de comunidade. Para tal calculámos as correlações do tipo Spearman entre os determinantes da participação comunitária e as variáveis do sentimento de comunidade, as quais se apresentam no Quadro XLIII. Uma vez que existe correlação entre muitas destas variáveis, optámos por nos deter apenas na análise das que consideramos mais significativas ($> 0,40$).

Os resultados indicam um padrão de relações semelhante ao obtido para a participação comunitária, verificando-se uma relação significativa entre o sentimento de comunidade e o valor total do IDPC. Numa análise mais detalhada, percebemos que são os fatores intrapessoais, através da atitude face à participação, que obtêm uma correlação mais elevada com o SC. Esta relação indica-nos que, quanto melhor é a atitude face à participação, maior o sentimento de comunidade dos reformados.

Ao contrário do que acontece com as variáveis da participação, as variáveis do sentimento de comunidade obtêm correlações significativas com os fatores interpessoais e os fatores estruturais, embora mais baixas que com os fatores intrapessoais. Isto indica que, enquanto os fatores intrapessoais estão relacionados quer para a participação comunitária quer para o sentimento de comunidade, os fatores interpessoais e estruturais parecem estar mais relacionados com o sentimento de comunidade que com a participação comunitária.

Quadro XLIII – Quocientes de correlação ρ de Spearman (ρ) entre os determinantes da participação e as variáveis do sentimento de comunidade dos reformados. Assinalam-se a negrito as correlações com valor superior a 0,40

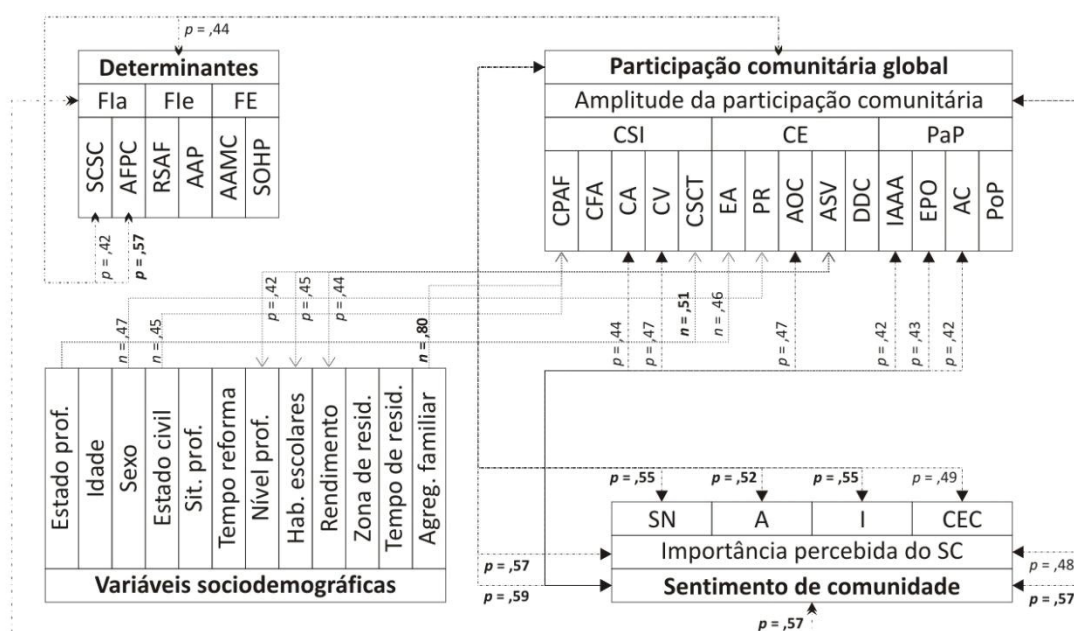
	SC	PIPSC	SN	A	I	CEC
IDPC	,534**	,476**	,468**	,603**	,451**	,426**
Fia	,565**	,578**	,473**	,552**	,498**	,466**
Fle	,311**	,301**	,336**	,377**	,267**	,186
FE	,378**	,233*	,295**	,463**	,280**	,359**
SCSC	,396**	,417**	,368**	,406**	,356**	,277**
AFPC	,586**	,525**	,437**	,565**	,516**	,556**
RSAP	,243*	,225*	,259**	,280**	,209*	,142
AAP	,270**	,271**	,301**	,342**	,226*	,183
AAMC	,156	,180	,078	,182	,125	,158
SOHP	,355**	,208*	,286**	,450**	,248*	,342**
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades). * A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).						

5. Análise e discussão dos resultados

Nesta seção centrar-nos-emos na análise dos resultados mais significativos obtidos neste estudo tentando-se, sempre que possível, estabelecer comparações com a literatura sobre a participação comunitária e o sentimento de comunidade. São analisados os *níveis de participação comunitária* obtidos pelos reformados, a relação entre a *participação*, as *variáveis sociodemográficas* e as *variáveis determinantes* e, por fim, a relação entre a *participação comunitária* e o *sentimento de comunidade*. No final desta seção, serão ainda tecidas algumas considerações finais relativamente às limitações deste estudo.

Os resultados que suportam esta análise são apresentados no esquema que se segue (Figura VI), que resume as relações mais significativas encontradas entre as variáveis (n correspondem aos quocientes de associação η^2 ; p correspondem aos quocientes de correlação ρ de Spearman). No esquema é dado maior destaque às relações que melhor dão resposta às questões orientadoras deste estudo.

Figura VI – Resumo das relações mais significativas entre as variáveis sociodemográficas, da participação comunitária, do sentimento de comunidade e dos determinantes da participação



Níveis de participação comunitária dos reformados

Neste estudo verifica-se que os participantes reformados obtêm baixos níveis de participação ao nível do contacto social com colegas de trabalho, da educação de adultos, da prática religiosa, das atividades organizadas da comunidade, das atividades do setor do voluntariado, da expressão pública de opiniões, do ativismo comunitário e do protesto político.

Apesar destes resultados, os participantes reformados apenas obtiveram resultados significativamente mais baixos em relação aos não reformados no que respeita ao contacto social com os colegas de trabalho e à educação de adultos e mais elevados no contacto com os vizinhos. Estes resultados são no entanto expectáveis, uma vez que a maioria dos reformados não se encontra envolvida em nenhuma atividade profissional. Por outro lado, no ACPQ, a educação de adultos é avaliada pela frequência de aulas noturnas ou pela realização de avaliações com vista à obtenção de uma qualificação. Acontece que em Portugal a maioria das ofertas de qualificação disponíveis são financiadas pelo Fundo Social Europeu e destinadas à melhoria dos indicadores da empregabilidade pelo que os reformados são legalmente excluídos destas. Por outro lado, apesar do grande valor do trabalho feito pelas universidades séniores, as suas aulas decorrem geralmente em horário laboral e não conferem uma

qualificação. Nesse sentido, embora tenhamos envolvido no estudo alguns dos alunos da Academia Sénior de Serpa, os níveis de participação em educação de adultos dos reformados da cidade são, pelo exposto, baixos.

Os baixos níveis de participação encontrados são de alguma forma consistentes com os obtidos por Berry (2008), num estudo australiano sobre o capital social e a saúde mental, que obteve níveis mais baixos de participação nos indivíduos com mais idade e em situação de reforma ou pré-reforma (no que respeita ao contacto com as pessoas do agregado familiar, com os colegas de trabalho, à educação de adultos e às atividades organizadas da comunidade), por comparação com todos os outros grupos envolvidos no estudo, à exceção das pessoas em situação de exclusão (maioritariamente mulheres de meia idade com situações de trabalho a tempo parcial e níveis elevados de pobreza).

Também os resultados obtidos por Olesen e Berry (2011), num estudo sobre a participação comunitária e a saúde mental que envolveu uma amostra de reformados australianos, se aproximam dos nossos. No seu estudo, as autoras não obtiveram diferenças significativas entre a frequência de envolvimento nos diferentes tipos de participação comunitária dos reformados e dos não reformados, à exceção do contacto com os vizinhos. Neste sentido, podemos assumir que o facto de nos vermos envolvidos numa atividade profissional nos afasta durante grande parte do tempo do local onde vivemos, pelo que as possibilidades de contacto com os vizinhos se vêm reduzidas.

Como descrito na literatura, os níveis de participação comunitária parecem diminuir com a idade, nomeadamente na altura do abandono do mercado de trabalho. Apesar da passagem à reforma ser vista como a altura em que o indivíduo faz esse abandono, percebemos pelos resultados que manter uma atividade profissional, quer a tempo integral quer parcial ou sazonal) ajuda os reformados a manterem-se envolvidos na comunidade, não só no que respeita à atividade profissional (da qual decorre o contacto social com os colegas de trabalho) mas também a outras formas de participação comunitária (atividades organizadas da comunidade, atividades do setor do voluntariado, interesse ativo nos assuntos da atualidade e expressão pública de opiniões).

Participação comunitária, variáveis sociodemográficas e outros determinantes

Enquanto as variáveis sociodemográficas apenas têm uma relação de destaque com alguns tipos de participação (CPAF, CSCT, EA, PR e ASV), as variáveis determinantes têm uma relação também com o nível global de participação, nomeadamente através da satisfação consigo e com as suas competências e da atitude face à participação comunitária.

No que respeita às primeiras, especificamente me relação à variável sexo, tal como no estudo preliminar de validação do ACPQ (Berry *et al.*, 2007), verificámos que as mulheres se encontram significativamente mais envolvidas na prática religiosa e os homens mais envolvidos na expressão pública de opiniões. Verificou-se ainda que os homens se encontram significativamente mais envolvidos em atividades organizadas da comunidade.

Relativamente à variável estado civil, verificámos que os reformados viúvos apresentam níveis mais baixos de contacto com as pessoas do agregado familiar e mais elevados no que respeita ao contacto com a família alargada. Isto indica que, se por um lado se verifica uma redução óbvia do contacto com as pessoas do agregado familiar, decorrente da perda do cônjuge, mesmo quando outras pessoas fazem parte do agregado familiar⁷, parece, por outro lado, haver um esforço por compensar essa perda através do apoio da família alargada.

Apesar de poder nem ser sempre encarado como algo penoso e negativo, especialmente nas situações em que o cônjuge era visto como um fardo ou era agressivo (como refere Fontaine, 2000), a viuvez desperta sentimentos de rancor, tristeza, depressão, solidão e risco de outras atitudes negativas (Fontaine, 2000; Barros de Oliveira, 2012). Para lidar com o drama da solidão é necessário, como refere Barros de Oliveira (2012), que o idoso recorra a estratégias de *coping* ou recursos pessoais, familiares e comunitários que lhe permitam mitigar o isolamento.

Neste contexto, os viúvos deste estudo parecem encontrar na família uma estratégia para lidar com a situação da viuvez, mas não nos restantes tipos de participação comunitária, uma vez que, como podemos constatar pelo Quadro XXX, apresentam níveis globais mais baixos de participação comunitária, bem como na maioria dos diferentes tipos de participação (em

⁷ Sendo a relação conjugal considerada a principal fonte de suporte emocional para a generalidade dos adultos, a morte do cônjuge proporciona não só momentos de solidão, como também o isolamento social consequente da alteração de rotinas visto que o viúvo passa a funcionar como um elemento singular (Weiss, 1973, cit. por Teodósio, 2013).

especial nas atividades organizadas da comunidade e no interesse ativo nos assuntos da atualidade). Estes resultados encontram-se em linha com a visão de Satarino, Haight e Tager (2002, cit. por Minhat e Admin, 2012), para quem a presença de cônjuge pode funcionar como um fator motivacional ou catalisador em relação à participação em atividades de lazer.

Ainda no que respeita ao estado civil, verifica-se que os reformados unidos de facto têm níveis mais baixos de contacto com a família alargada que os outros grupos.

Podendo a cerimónia do casamento funcionar como um momento de conhecimento mútuo e de aproximação entre famílias, parece-nos compreensível que a possibilidade de não haver uma cerimónia de formalização de uma relação conjugal, seja ela religiosa ou civil, potencie o afastamento do novo agregado familiar em relação às suas famílias de origem. Por outro lado, parece-nos também comum que, após uma situação de viuvez, o envolvimento numa nova relação conjugal não seja bem aceite pelas famílias, nomeadamente pelos descendentes, situação que pode precipitar o afastamento entre o novo casal e as suas “famílias alargadas”.

Ainda em relação às variáveis sociodemográficas, o nosso estudo demonstra que a participação em atividades do setor do voluntariado é influenciada pelo nível profissional, pelas habilitações escolares e pelo rendimento dos reformados. Neste contexto, quem tem uma profissão mais especializada / qualificada, mais habilitações escolares e rendimentos mais elevados tem mais probabilidade de se envolver neste tipo de participação comunitária. Esta relação entre as variáveis do estatuto social e a participação, apesar de não especificamente com a participação em atividades do setor do voluntariado, é comum na literatura (Baum *et al.*, 2000, cit. por Ziersch *et al.*, 2011; Li *et al.*, 2010, cit. por Manhat e Amin, 2012; Săveanu, 2011; Hassan, 2012; Manhat e Amin, 2012).

Especificamente neste caso, os resultados podem sugerir que as atividades do setor do voluntariado podem ser encaradas como atividades tipificadoras do papel de reformado, no sentido descrito por Olesen e Berry (2011). Uma vez que, tendo em conta as suas características, estes reformados assumiram papéis de maior especialização e responsabilidade durante a sua carreira profissional, o seu envolvimento em atividades produtivas, muitas vezes associadas a situações de poder e influência (como sejam as entidades promotoras de atividades de voluntariado, os clubes, as associações, entre outras), pode ser encarado como uma forma de manter um estatuto social em muito semelhante ao que tinham enquanto trabalhadores. Assim, o voluntariado pode assumir-se como uma atividade de destaque no bem-estar destes reformados, não apenas pela sua componente de

promoção da saúde, mas também devido ao facto de ser congruente com as expectativas sociais acerca do comportamento destes (Olesen e Berry, 2011).

Por fim, de referir que, apesar do tipo de agregado familiar dos reformados explicar em 64% a variância do contacto com as pessoas do agregado familiar, esta diferença verifica-se nos reformados que vivem sozinhos, grupo em que os níveis deste tipo de participação são, como era de esperar, muito baixos (ME = 2,00, o valor possível mais baixo).

Já no que respeita aos determinantes da participação, verificam-se relações significativas entre o seu valor global e o nível global de participação, nomeadamente através da dimensão do envolvimento cívico, e as atividades organizadas da comunidade, a doação de dinheiro para caridade, o interesse ativo nos assuntos da atualidade, a perceção de gostar de passar tempo envolvido na comunidade e a amplitude da participação. Quando nos detemos mais atentamente nas relações encontradas (ver Quadro XLI), verificamos que as relações mais significativas da participação comunitária são com os fatores intrapessoais, nomeadamente no que respeita à satisfação consigo e com as suas competências e à atitude face à participação.

Estes resultados estão de acordo com a literatura, por exemplo, no que diz respeito à associação encontrada entre a participação e fatores intrapessoais como a autoestima e a confiança nas suas capacidades (Anderson, 2010), a depressão e as capacidades cognitivas (Li *et al.*, 2010, cit. por Minhat e Amin, 2012), a inteligência de liderança, as competências de comunicação e a capacidade de planeamento (Hassan, 2012).

No nosso estudo verifica-se que a satisfação consigo e com as suas competências apresenta relações significativas com as atividades organizadas da comunidade, com a doação de dinheiro para caridade e com o interesse ativo nos assuntos da atualidade enquanto a atitude face à participação apresenta relações significativas com a educação de adultos, com as atividades organizadas da comunidade e com as atividades do setor do voluntariado. A atitude face à participação comunitária apresenta também uma relação significativa com a amplitude da participação.

Enquanto estar mais satisfeito consigo e com as suas competências se associa a níveis mais elevados de doação de dinheiro para caridade e de interesse ativo nos assuntos da atualidade, uma melhor atitude face à participação associa-se a níveis mais elevados de participação em educação de adultos e em atividades do setor do voluntariado.

Verificamos ainda que embora a satisfação consigo e as suas competências tenha uma relação com a maioria das formas de participação associadas às dimensões do envolvimento cívico e da participação política, a atitude face à participação comunitária encontra-se também relacionada (correlações significativas no nível 0,01) com algumas das formas de participação da dimensão da conectividade social informal, nomeadamente o contacto com os amigos e com os vizinhos. Nesta perspetiva, podemos assumir que estas formas mais básicas de participação social (ligadas à conectividade social informal) são influenciadas significativamente pela atitude face à participação comunitária mas não pela satisfação consigo e com as suas competências.

Nesta perspetiva, podemos citar Ornelas (2008), que assume que a rede de amigos funciona como uma fonte principal de companhia e uma importante fonte de ajuda emocional e material mas, pela sua natureza voluntária, é mais problemática que a rede familiar, uma vez que implicam manutenção permanente e reciprocidade. Já as relações de vizinhança, que para este autor são menos construídas numa base voluntária que as de amizade, são compostas por laços mais fracos, com menor grau de intimidade e menos ativas. Apesar disso, os vizinhos revelam ser uma das principais fontes de companhia diária e uma ajuda na resolução de problemas.

Por serem formas de conectividade social informal mais voluntárias que o contacto com as pessoas do agregado familiar e com a família alargada⁸, parece fazer sentido que o contacto com amigos e vizinhos dependa mais da atitude individual face à participação comunitária que o contacto com a família.

Tal como descrito por Crawford *et al.* (1991, cit. por Diniz e Motta, 2006) em relação à participação em atividades de lazer, também o nível global de participação dos reformados parece ser mais influenciado pelos fatores intrapessoais, seguido dos interpessoais e, por fim, pelos fatores estruturais (ver Quadro XLI). Nesta perspetiva, os fatores intrapessoais, por condicionarem a motivação para participar, assumem-se como os mais fortes determinantes, enquanto os estruturais, por serem mais distantes, se assumem como os mais fracos.

Apesar disto, quando analisamos a sua relação com os diferentes tipos de participação comunitária, verificamos que para alguns deles os determinantes estruturais (nomeadamente os relacionados com os serviços, ofertas e hábitos de participação) se assumem como mais

⁸ Segundo Wellman (1992, cit. por Ornelas, 2008), existe uma maior percentagem de familiares disponíveis e ativamente envolvidos do que pessoas não familiares. Para Ornelas (2008) os familiares constituem o grupo mais denso das redes ativas e íntimas de um indivíduo.

preponderantes que os fatores interpessoais (nomeadamente no que respeita à participação em atividades organizadas da comunidade, à doação de dinheiro para caridade e à expressão pública de opiniões, por exemplo).

Estes resultados estão em linha com a literatura, que estabelece relações entre a participação e a falta de recursos da comunidade (Dukeshire e Thurlow, 2002) e a estrutura de oportunidades (Baum e Palmer, 2002, cit. por Ziersch *et al.*, 2011; Anderson, 2010), nomeadamente equipamentos recreativos, espaços abertos e espaços de reunião (Baum e Palmer, 2002, cit. por Ziersch *et al.*, 2011).

Neste contexto, a promoção da satisfação consigo e com as suas competências, de uma atitude mais adequada face à participação, de redes sociais e de serviços e ofertas adequados poderão ser entendidas como estratégias de promoção da participação comunitária.

Participação comunitária e sentimento de comunidade

No que respeita à participação comunitária e ao sentimento de comunidade, os resultados mostram uma relação significativa entre elas (quer entre o nível global da participação e o sentimento de comunidade, quer entre este e a amplitude da participação), resultado que esperávamos e que se encontra em acordo com a literatura (Sarason, 1974, cit. por Ornelas, 2008; Prezza, Amici e Tedeschi, 2001, cit. por Marante, 2010; Ornelas, 2008; Marante, 2010).

No que respeita aos tipos de participação, apenas se verifica uma relação elevada entre o sentimento de comunidade e o contacto com os amigos, com os vizinhos, as atividades organizadas da comunidade, o interesse ativo nos assuntos da atualidade, a expressão pública de opiniões e o ativismo comunitário. O contacto com as pessoas do agregado familiar, o contacto com a família alargada, o contacto social com os colegas de trabalho e o protesto político não apresentam relações significativas com o sentimento de comunidade. Já a educação de adultos, a prática religiosa, as atividades do setor do voluntariado e a doação de dinheiro para caridade apresentam correlações pouco significativas com esta variável ($< 0,40$).

Alguns estudos anteriores encontram-se em linha com estes resultados. Exemplo disso são os estudos italianos de Prezza, Amici e Tedeschi (2001, cit. por Marante, 2010), que concluem que as relações de vizinhança são um dos principais preditores do sentimento de comunidade, e o estudo de Mendes de Moraes (2010), acerca do sentimento de comunidade, das relações de

vizinhança e do bem-estar, que concluiu que as relações de vizinhança contribuem para o sentimento de comunidade e, desta forma, para o bem-estar de uma amostra de residentes na alta de Lisboa. Já o estudo de Prezza e Constantini (1998, cit. por Marante, 2010) encontrou uma associação significativa entre o sentimento de comunidade e a participação em grupos ou associações.

Também Ornelas (2008), na revisão da literatura que efetuou, relata relações entre o sentimento de comunidade e o contacto com agentes políticos (neste estudo associado à expressão pública de opiniões), a colaboração na resolução de problemas comunitários (associado, por exemplo ao ativismo comunitário) e a participação em organizações locais, entre outras formas de participação comunitária.

Apesar de na generalidade estes resultados serem expectáveis e estarem de acordo com a literatura, surpreendeu-nos o facto de a prática religiosa, as atividades do setor do voluntariado e o protesto político (essencialmente associar-se a sindicatos ou partidos políticos) não apresentarem correlações muito significativas com os níveis de sentimento de comunidade, como demonstrado em alguns estudos prévios.

Por exemplo, Elvas e Vargas Moniz (2010), na revisão bibliográfica que enquadra o seu estudo sobre sentimento de comunidade e qualidade e satisfação de vida, identificam diversos autores que relatam uma relação entre o voluntariado e o sentimento de comunidade.

Já Marante (2010), no seu estudo sobre o sentimento de comunidade, encontra uma relação significativa entre o ser-se praticante de uma religião e o sentimento de comunidade, o envolvimento na comunidade, a perceção de satisfação de necessidades na comunidade e a importância atribuída à comunidade.

Como vimos anteriormente, apesar de alguns dos tipos de participação associados à dimensão da participação política se encontrarem relacionadas de forma significativa com o sentimento de comunidade (como a expressão pública de opiniões e o ativismo comunitário), o protesto político, relacionado com o envolvimento em sindicatos e partidos políticos, não tem o mesmo comportamento.

Esta diferença pode ser justificada pela tese defendida por Mannarini e Fedi (2009, cit. por Severino de Jesus, 2013), como forma de explicar os casos em que a participação não se encontra associada ao sentimento de comunidade. Segundo as autoras, quando as pessoas têm um baixo sentimento de comunidade mas têm um sentido crítico em relação ao ambiente

que as rodeia, este último pode ser suficiente enquanto ponto de partida para a participação. Neste sentido podemos assumir que, no caso dos reformados envolvidos no protesto político, a falta de sentimento de comunidade é compensado pelo sentido crítico em relação ao seu contexto.

Por outro lado o protesto político, associado na literatura a níveis mais elevados de distress psicológico nos reformados (Olesen e Berry, 2011), pode ele próprio potenciar em alguns casos a diminuição do sentimento de comunidade. Na nossa opinião, integrar um sindicato ou um partido político pode decorrer, em termos individuais, da identificação com valores e princípios de um grupo mais restrito de pessoas, por comparação à maioria. Em termos comunitários, assumir um papel de destaque em termos políticos pode contribuir para o aumento da percepção de diferenças em relação aos demais membros. Assim, hipoteticamente, pertencer a um sindicato ou partido político pode contribuir para aumentar o sentimento de comunidade em relação a essa comunidade de interesses e, ao mesmo tempo, diminuir o sentimento de comunidade em relação à comunidade geográfica (por exemplo, cidade ou concelho).

Sentimento de comunidade e determinantes da participação

Em relação aos determinantes da participação comunitária, os resultados apontam ainda para uma relação entre estes e o sentimento de comunidade, nomeadamente os fatores intrapessoais. Tendo em conta os postulados teóricos descritos ao longo deste documento, parece-nos facilmente entendível que os reformados com níveis mais elevados de sentimento de comunidade estejam também mais satisfeitos consigo e com as suas competências (subescala que inclui percepções sobre felicidade e competências sociais, por exemplo) e tenham uma melhor atitude face à participação comunitária.

Adicionalmente, verifica-se uma relação mais estreita (embora não muito mais significativa) entre os fatores interpessoais e estruturais e o sentimento de comunidade que entre estes e a participação comunitária.

Uma vez que os fatores interpessoais incluem as percepções individuais sobre a rede social e o apoio e a atitude da família, dos amigos e dos vizinhos, as inferências teóricas anteriores sobre o sentimento de comunidade e a conetividade social informal são também elas válidas para justificar esta relação.

Já no que respeita aos fatores estruturais, mais que as percepções individuais sobre o ambiente, os acessos e os meios de comunicação, são as percepções acerca dos serviços, ofertas e hábitos de participação que apresentam relações mais significativas com o sentimento de comunidade. Este resultado encontra-se de acordo com as várias investigações que demonstraram a existência de uma relação entre a satisfação com os serviços públicos disponíveis no local de residência e o sentimento de comunidade (p.e., Fried, 1982, cit. por Marante, 2010).

Tendo em conta estes resultados, a promoção da satisfação consigo e com as suas competências, de uma atitude mais adequada face à participação, de redes sociais e de serviços e ofertas adequados poderão ser entendidas também como estratégias de promoção do sentimento de comunidade.

Apesar das preocupações metodológicas presentes na conceção e desenvolvimento desta investigação, os constrangimentos impostos pelo seu contexto de realização acabaram por resultar em algumas limitações práticas, as quais descrevemos sucintamente:

- (1) Devido à sua natureza transversal, o nosso estudo não nos permite estabelecer relações de causalidade entre as variáveis. Tendo em conta que a inferência causal não era um objetivo deste estudo, consideramos que, tendo em mente o intuito de explorar a relação entre as variáveis, esta natureza transversal é apropriada.
- (2) Apesar da metodologia qualitativa ter permitido envolver neste estudo um superior número de participantes, o que torna os resultados potencialmente mais representativos, consideramos que ela é de certa forma mais limitada na compreensão do fenómeno da participação comunitária, nomeadamente no que respeita à identificação dos seus determinantes e da sua prevalência na população em estudo, por utilizar estratégias de recolha de dados mais estanques e, por isso, menos sensíveis a outros aspetos do fenómeno.
- (3) Foram utilizados neste estudo dados autorreportados, os quais não se encontram validados com base em medidas objetivas, nomeadamente o IDPC. Apesar disso, existe evidência suficiente na literatura de que as percepções são altamente consistentes com as medidas objetivas (p.e., Idler e Benyamini, 1997, cit. por Berry e Welsh, 2010).
- (4) Devido à falta de representatividade de determinados grupos da nossa amostra (nomeadamente no que respeita às suas características sociodemográficas, como o

estado civil, a situação profissional, a zona de residência e o agregado familiar) alguns dos resultados deste estudo dever ser encarados com cautela.

- (5) Tendo em conta as características dos dados e a amostra relativamente reduzida, vimo-nos de alguma forma impossibilitados de utilizar procedimentos estatísticos mais potentes, os quais poderiam reforçar os resultados do estudo.
- (6) Tendo em conta o facto de termos avaliado a relação entre a participação comunitária e o sentimento de comunidade a uma cidade (com características diferenciativas em relação a outras cidades), os resultados obtidos não podem ser generalizados ao sentimento de comunidade em relação a outro tipo de comunidades (p.e., de interesses ou outro tipo de comunidade geográfica).

Apesar destas limitações, os resultados que obtivemos podem ter uma aplicação prática. Com base nos resultados descritos apresentam-se na próxima parte do trabalho algumas implicações para a prática, as quais moldam a proposta de intervenção que posteriormente se descreve.

Parte III – Projeto de intervenção

6. Proposta do projeto de intervenção *refromATIVA*

Com base nos resultados do estudo empírico desenvolvido, onde destacamos em particular os baixos níveis de envolvimento em algumas das formas de participação comunitária mais associadas ao sentimento de comunidade (como as atividades organizadas da comunidade, a expressão pública de opiniões e o ativismo comunitário), a importância da situação profissional e da atitude face à participação comunitária enquanto determinantes dos níveis de participação comunitária dos reformados, é apresentado um projeto de intervenção designado de “*refromATIVA*”. Para além de uma campanha de sensibilização que pretende melhorar a atitude face à participação comunitária, quer dos reformados quer da comunidade em geral, este projeto propõe a criação de um gabinete de apoio ao empreendedorismo sénior e um gabinete de apoio à reforma ativa. Com estas ações pretende-se melhorar os níveis de participação comunitária e de sentimento de comunidade da população reformada da cidade de Serpa.

6.1. Fundamentação do projeto de intervenção

Como refere Berry (2008), as intervenções com vista à melhoria dos níveis de participação social são mais exequíveis que as intervenções cujo objetivo é a melhoria da coesão social. Comparativamente, por exemplo, à provisão de serviços psiquiátricos com vista à melhoria dos indicadores da confiança social, é relativamente mais eficiente, barato e administrativamente mais simples promover o envolvimento dos cidadãos nos tipos apropriados de participação comunitária. Paralelamente, para além dos potenciais benefícios na saúde mental, a melhoria dos níveis de participação pode também produzir melhorias ao nível do capital social e consequentemente contribuir para o decréscimo de outros problemas sociais e de saúde.

Tendo em conta os baixos níveis de envolvimento encontrados no que respeita a alguns dos tipos de participação mais significativamente associados ao sentimento de comunidade (nomeadamente a participação em atividades organizadas da comunidade, a expressão pública de opiniões e o ativismo comunitário) ou, de acordo com Berry, Rodgers e Dear (2007), à

saúde mental (prática religiosa e atividades organizadas da comunidade), consideramos que devem ser estas as formas de participação cuja promoção deve ser encarada como prioritária nesta comunidade.

Algumas das recomendações que decorrem destes resultados são de natureza política, dependendo em mais larga escala de opções governamentais do que de ações locais, como sejam a melhoria dos níveis de escolaridade e dos níveis remuneratórios dos reformados (indicadores que, como anteriormente vimos, têm um papel determinante em alguns tipos específicos de participação assim como no seu nível global) e a disponibilização de serviços educativos, de saúde e sociais mais adequados (na medida em que potenciariam a satisfação dos reformados consigo e com as suas competências e, assim, a participação comunitária). Ainda assim, consideramos que também a nível local estas estratégias não podem ser esquecidas.

Outras implicações são, no entanto, mais fáceis de colocar em prática localmente, como sejam a promoção de uma atitude mais positiva em relação à participação comunitária, a promoção do empreendedorismo sénior ou a promoção do envolvimento dos reformados em diversas atividades (sejam atividades organizadas da comunidade, atividades do setor do voluntariado ou atividades ligadas ao ativismo comunitário).

Em primeiro lugar, consideramos pertinente a implementação de campanhas de sensibilização para a importância da participação comunitária e do sentimento de comunidade para a promoção da saúde mental, do bem-estar e da qualidade de vida, dirigidas especialmente aos reformados e às instituições mas também à população em geral.

Em segundo lugar, julgamos que permitir a manutenção de uma atividade profissional durante a reforma, mesmo que a tempo parcial ou sazonal, pode constituir-se como uma estratégia de promoção da participação comunitária. Pensamos que, por exemplo, a disponibilização de serviços de apoio ao empreendedorismo sénior é uma ação que concorre para este objetivo.

Em terceiro lugar, consideramos pertinente a promoção de serviços e ofertas mais adequados às necessidades dos cidadãos, nomeadamente dos reformados, uma vez que nem sempre são tidos em conta os seus interesses e necessidades. Nesta perspetiva, para além de um maior esforço de adequação por parte das entidades, propomos o envolvimento efetivo dos beneficiários no planeamento das ofertas e serviços.

Este ponto de vista é defendido por Wates (2000), no seu *The Community Planning Handbook*, e por Doherty (2008), no seu *Good Practice Guide to Community Participation*, cujas publicações consideramos referências importantes no planeamento de ações que se pretendem participadas.

Tendo em conta que nem sempre as pessoas que mais necessitam das respostas são as que são as que nelas as entidades conseguem envolver, consideramos necessário um esforço para envolver os públicos prioritários nas ações a desenvolver. Para tal, é necessário que estas sejam diferenciadas e adaptadas em função das suas características, princípio que exige disponibilidade de informação correta e pertinente sobre estes, e que as diversas entidades intervenientes no seu contexto se envolvam de forma efetiva.

Como sugerem Kaskie, Imhof, Cavanaugh e Culp (2008, cit. por Olesen e Berry, 2011), tendo em conta que muitos reformados podem não estar a par das oportunidades de voluntariado (ou outras formas de participação) disponíveis nas suas comunidades, o seu envolvimento pode ser feito através de campanhas de divulgação. Na perspetiva de Olesen e Berry (2011), essa informação pode ser também veiculada através de programas de planeamento da reforma, para que estas atividades estejam disponíveis para os indivíduos no momento em que fazem a sua transição do mercado de trabalho para a reforma.

Também nesta linha, Fontaine (2000) assume que a educação para a reforma deve ser feita tendo em conta as características do indivíduo e do meio, e que deve providenciar informação sobre a reforma e ajudar a superar as dificuldades a ela inerentes. Refere ainda a importância de envolver outros reformados neste processo, os quais estão em condições de ajudar melhor que ninguém os seus colegas, dada a sua experiência prévia.

Já Herr e Cramer (1996), numa perspetiva mais individualizada de aconselhamento psicológico na pré-reforma e reforma, recomendam que se trabalhem as seguintes dimensões:

- (1) Assistência e planeamento – Providenciar informação sobre saúde, finanças, habitação e agências dedicadas aos idosos, para além de um conjunto de questões relacionados com a vida diária;
- (2) Clarificação de reações afetivas à reforma – Tendo em conta que as reações à reforma são variadas, o conselheiro não deve assumir qualquer reação universal (trauma, alegria, antecipação, desinvestimento, reinvestimento são reações possíveis). O fato

de a reforma ser voluntária ou involuntária provavelmente irá despertar no conselho dois tipos completamente diferentes de questões;

- (3) Encaminhamento adequado para as entidades locais designadas para lidar com questões particulares dos idosos.

Tendo em conta o exposto, consideramos pertinente a implementação de um projeto de intervenção que inclua, para além da perspetiva da sensibilização, a constituição de um serviço de aconselhamento e apoio à reforma ativa o qual, trabalhando nas dimensões anteriormente elencadas, potencie o empreendedorismo sénior e a participação nas atividades da comunidade (atividades organizadas da comunidade, voluntariado, grupos e associações, entre outras).

Com o objetivo de abranger todos os reformados residentes na cidade, para além de uma sinalização baseada na proximidade dos cidadãos já reformados (em paralelo com o trabalho com as associações de reformados e outras estruturas em que os seniores da cidade já se encontram envolvidos, consideramos a sinalização de reformados que não têm o hábito de participar nessas estruturas uma prioridade), consideramos necessário também o envolvimento das entidades empregadoras, especialmente as com colaboradores próximos da idade da reforma, assim como o Instituto da Segurança Social.

6.2. Designação do Projeto

Este projeto foi designado de refromATIVA, numa tentativa de através de nome simples identificar quer o seu público-alvo (reformados) quer os seus objetivos (em linha com os do envelhecimento ativo). Optou-se pela utilização do termo *reforma* ao invés de velhice (ou outros relacionados, como terceira idade) por nos parecer ser um conceito que, caracterizando a velhice, remete para uma perspetiva menos pejorativa desta fase da vida. Já o termo ativa remete para a perspetiva do envelhecimento ativo, do qual a participação se constitui como um dos pilares principais.

6.3. Objetivos

Objetivo geral

- Aumentar os níveis de participação e de sentimento de comunidade dos reformados residentes na cidade de Serpa.

Objetivos específicos

- Melhorar a atitude dos residentes face à participação comunitária, com maior ênfase nos residentes reformados;
- Tornar as entidades que operam na área do apoio à população sénior mais abertas à participação dos seus públicos na definição das suas estratégias e intervenções;
- Promover o empreendedorismo da população sénior da cidade;
- Aumentar os níveis de participação comunitária dos reformados (nomeadamente em atividades organizadas da comunidade);

6.4. Profissionais envolvidos na dinamização e liderança do projeto

Tendo em conta a abrangência comunitária deste projeto e a pertinência de envolver todas as instituições potencialmente envolvidas no trabalho com a população sénior, propõe-se a constituição de um conselho municipal para o envelhecimento ativo (ou para a reforma ativa, termo conotado menos negativamente).

Considerando a pertinência do seu trabalho ao nível da comunidade, nomeadamente no que respeita à população sénior, propõe-se que sejam as autarquias, nomeadamente a Câmara Municipal de Serpa e a União de Freguesias de Salvador e Santa Maria, a liderar este projeto. Tendo isto em conta, estas entidades designariam um coordenador do projeto, preferencialmente alguém com experiência ao nível da população sénior e na coordenação de projetos.

Em nossa opinião os técnicos executores das ações, nomeadamente as do aconselhamento para a reforma, deveriam ter formação na área da psicogerontologia comunitária e experiência com metodologias de aconselhamento e orientação de adultos, nomeadamente séniores. Para dar apoio aos séniores na área do empreendedorismo, seria envolvido um técnico de gestão de empresas ou de economia.

6.5. Público-alvo

Apesar de se pretender envolver a comunidade em geral em algumas das suas ações, este projeto é dirigido aos reformados residentes na cidade de Serpa, em especial àqueles cujos níveis de participação são menores. Tendo em conta a natureza das ações propostas, serão priorizados neste projeto os reformados nos primeiros anos de reforma assim como os trabalhadores próximos da idade de se reformarem.

6.6. Planificação da intervenção

Para atingir os objetivos anteriormente identificados, serão levadas a cabo um conjunto de atividades, as quais são descritas de seguida.

Quadro XLIV – Plano de ação do projeto *reformATIVA*

Objetivo geral	Objetivo específico	Atividade	Recursos Humanos
Aumentar os níveis de participação comunitária e de sentimento de comunidade dos reformados residentes na cidade de Serpa.	A. Melhorar a atitude dos residentes face à participação comunitária, com maior ênfase nos residentes reformados;	A1. Criação de suportes de divulgação (cartazes, <i>flyers</i> , ...) com conteúdos que sensibilizem os cidadãos, nomeadamente os reformados, para a importância da participação na sua comunidade;	Coordenação do projeto; Especialista em psicogerontologia; Designer da autarquia;
		A2. Realização de sessões presenciais de sensibilização com os reformados da cidade (as quais incluem a apresentação das restantes ações do projeto);	Coordenação do projeto; Especialista em psicogerontologia;

Quadro XLIV (continuação)

Objetivo geral	Objetivo específico	Atividade	Recursos Humanos
	B. Tornar as entidades que operam na área do apoio à população sénior mais abertas à participação dos seus públicos na definição das suas intervenções;	B1. Realização de sessões de sensibilização, sobre a importância da abertura das entidades à participação dos seus destinatários na definição das ações, dirigidas aos responsáveis e técnicos das entidades;	Coordenação do projeto; Especialista em psicogerontologia;
		B2. Constituição do conselho municipal para a reforma ativa, como espaço de monitorização de atividades e de envolvimento da população sénior (a qual será convidada a participar nas reuniões);	Coordenação do projeto; Especialista em psicogerontologia; Representantes das entidades;
	C. Promover o empreendedorismo da população sénior da cidade;	C1. Recolha e sistematização de informação sobre respostas dirigidas ao empreendedorismo, nomeadamente ao empreendedorismo sénior;	Coordenação do projeto; Especialista em psicogerontologia; Técnico de gestão de empresas;
		C2. Definição do modelo de funcionamento do Gabinete de Apoio ao Empreendedorismo Sénior (GAES);	Coordenação do projeto; Especialista em psicogerontologia; Técnico de gestão de empresas;
		C3. Implementação do GAES;	Especialista em psicogerontologia; Técnico de gestão de empresas;
	D. Aumentar os níveis de participação comunitária dos reformados (nomeadamente em atividades organizadas da comunidade);	D1. Recolha e sistematização de informação sobre as possibilidades de participação disponíveis (nomeadamente atividades organizadas na comunidade, voluntariado, clubes, associações, entre outras);	Coordenação do projeto; Especialistas em psicogerontologia; Responsáveis das várias entidades promotoras;

Quadro XLIV (continuação)

Objetivo geral	Objetivo específico	Atividade	Recursos Humanos
		D2. Criação de suportes de partilha / divulgação da informação recolhida;	Coordenação do projeto; Especialistas em psicogerontologia; Responsáveis das várias entidades promotoras; Técnico de informática da autarquia;
		D3. Definição do modelo de funcionamento do Gabinete de Apoio à Reforma Ativa (GARA);	Coordenação do projeto; Especialistas em psicogerontologia;
		D4. Implementação do GARA;	Especialistas em psicogerontologia;

6.7. Desenvolvimento sucinto das atividades a propor

Com o objetivo de melhorar a atitude dos residentes face à participação comunitária, com maior ênfase nos residentes reformados, serão levadas a cabo duas atividades. A primeira será a criação de suportes de divulgação (cartazes, flyers, ...) com conteúdos que sensibilizem os cidadãos, nomeadamente os reformados, para a importância da participação na sua comunidade. Neste trabalho serão utilizadas imagens apelativas e mensagens adequadas aos reformados. Serão utilizados os espaços informativos existentes, sejam os *mupis* fixos existentes por toda a cidade, sejam as publicações periódicas das autarquias.

Depois desta primeira ação, serão desenvolvidas sessões presenciais de sensibilização com os reformados da cidade, as quais incluirão a apresentação das restantes ações do projeto. Nestas sessões, os reformados participantes nas atividades disponíveis (academia sénior, centros de convívio, associações de reformados, entre outras) serão incentivados a mobilizar os reformados não participantes. Serão ainda utilizadas outras estratégias a delinear em função da receptividade e das perspetivas de concretização da atividade nos moldes propostos.

No que respeita ao objetivo de tornar as entidades que operam na área do apoio à população sénior mais abertas à participação dos seus públicos na definição das suas intervenções serão

levadas a cabo também duas atividades. A primeira será a realização de sessões de sensibilização, sobre a importância da abertura das entidades à participação dos seus destinatários na definição das ações, dirigidas aos responsáveis e técnicos das entidades. Nestas sessões, o envolvimento das instituições será feito através de contacto pessoal ou, não sendo este possível, através de contacto telefónico, estratégia complementar ao envio de convocações por escrito e que nos parece mais eficaz. A segunda atividade será a constituição do Concelho Municipal para a Reforma Ativa (CMRA), como espaço de monitorização de atividades e de envolvimento da população sénior (a qual será convidada a participar nas reuniões). No decurso das sessões de sensibilização, as entidades serão convidadas a fazer parte deste conselho, designando para tal um representante.

No que respeita ao objetivo de promover o empreendedorismo da população sénior da cidade, serão desenvolvidas três atividades. A primeira será a recolha e sistematização de informação sobre respostas dirigidas ao empreendedorismo, nomeadamente ao empreendedorismo sénior, na qual, para além das respostas locais, serão procuradas respostas de cariz nacional e internacional. A segunda atividade será a definição do modelo de funcionamento do Gabinete de Apoio ao Empreendedorismo Sénior (GAES). Para além da definição da forma de funcionamento serão também traçadas as metas a atingir, os parâmetros de qualidade que regularão a sua atividade e as estratégias de avaliação do trabalho a desenvolver. A última atividade será a implementação do GAES. A sinalização dos reformados será feita na comunidade e através das entidades que desenvolvem atividades para este público. No caso dos trabalhadores próximos da idade da reforma, serão envolvidas as entidades patronais e o Instituto da Segurança Social. Preferencialmente os utentes serão encaminhados para o Gabinete de Apoio à Reforma Ativa e, depois do trabalho de aconselhamento / orientação, posteriormente para o GAES, quando tal se revele uma resposta adequada. No GAES poderão ocorrer sessões individuais ou de grupo, em função daquilo que se revele mais pertinente em função das necessidades dos públicos a envolver.

Com vista ao aumento dos níveis de participação comunitária dos reformados (nomeadamente em atividades organizadas da comunidade) serão levadas a cabo quatro atividades. A primeira será a recolha e sistematização de informação sobre as possibilidades de participação disponíveis (nomeadamente atividades organizadas na comunidade, voluntariado, clubes, associações, entre outras). Nesta sistematização serão envolvidas as entidades promotoras, aproveitando-se este momento para fazer o acompanhamento das estratégias de envolvimento dos destinatários no planeamento das atividades das entidades. A segunda ação

será a criação de suportes de partilha / divulgação da informação recolhida. A informação sistematizada em será adequada em termos formais à população sénior e incluída num portal a desenvolver para o efeito (Portal de Apoio à Reforma Ativa) e difundida através dos vários suportes informativos já existentes (como a agenda cultural, o Serpa Informação, entre outros). A terceira ação a desenvolver será a definição do modelo de funcionamento do Gabinete de Apoio à Reforma Ativa (GARA). Para além da definição da forma de funcionamento serão também traçadas as metas a atingir, os parâmetros de qualidade que regularão a sua atividade e as estratégias de avaliação do trabalho a desenvolver. Por fim, a última atividade será a implementação do GARA. A sinalização dos reformados será feita na comunidade e através das entidades que desenvolvem atividades para este público. No caso dos trabalhadores próximos da idade da reforma, serão envolvidas as entidades patronais e o Instituto da Segurança Social. Também no GARA poderão ocorrer sessões individuais ou de grupo, em função daquilo que se revele mais pertinente em função das necessidades dos públicos a envolver.

Enquanto as ações de sensibilização dirigidas às entidades e aos reformados terão um carácter pontual, pretende-se que o CMRA, o GAES e o GARA se mantenham em funcionamento após o seu termo.

6.8. Avaliação do projeto

A avaliação do projeto integrará avaliação *ex-ante*, *on-going* e *ex-post*.

Numa fase inicial (*ex-ante*), e antes da intervenção propriamente dita, serão avaliadas as atitudes dos reformados e das instituições relativamente à participação na comunidade. Serão também recolhidos indicadores sobre as ofertas disponíveis para a população sénior e a sua participação efetiva nas mesmas. Será ainda utilizada, no contexto dos primeiros contactos com a população reformada no âmbito do projeto, a versão portuguesa do ACPQ para avaliar de uma forma abrangente a sua participação na comunidade. Estes dados servirão quer para orientar a intervenção quer para estabelecer comparações com os dados recolhidos durante e após o termo do projeto.

Durante a execução do projeto (*on-going*) serão avaliadas as diversas atividades através dos indicadores de execução (comparando atividades previstas e realizadas) bem como de questionários dirigidos a avaliar a satisfação de todos os participantes.

No final do projeto (*ex-post*) será avaliada a sua eficácia e eficiência, sendo efetuado um balanço da execução final das atividades bem como dos recursos utilizados para as concretizar.

Serão também avaliados os impactos que o projeto teve no que respeita aos quatro objetivos específicos, sendo avaliados novamente os indicadores antes identificados.

As diversas estratégias de avaliação a levar a cabo ao longo do projeto tentarão integrar não só a autoavaliação, a avaliação interna mas também a avaliação externa, a qual se prevê que possa ser executada pelo Observatório das Dinâmicas do Envelhecimento do Alentejo, do Instituto Politécnico de Beja.

6.9. Cronograma

Atividade	2015												2016											
	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
A1.																								
A2.																								
B1.																								
B2.																								
C1.																								
C2.																								
C3.																								
D1.																								
D2.																								
D3.																								
D4.																								

Conclusões

O presente estudo pretendeu investigar o papel dos diferentes tipos de participação comunitária no sentimento de comunidade, assim como explorar o papel das variáveis sociodemográficas e dos fatores intrapessoais, interpessoais e estruturais na participação (determinantes da participação).

Tendo em conta a indisponibilidade de instrumentos adaptados para a população portuguesa que avaliem a participação comunitária, numa perspetiva compreensiva, o sentimento de comunidade e os determinantes da participação, optou-se pela tradução do Australian Community Participation Questionnaire e do Sense of Community Index 2 e pela construção do Inventário de Determinantes da Participação Comunitária, com vista à recolha de informação individual sobre os determinantes da participação comunitária descritos na literatura.

Foram envolvidos neste estudo 229 residentes da cidade de Serpa, 122 em situação de não reforma e 107 reformados. Enquanto nos procedimentos com vista a dar resposta às questões orientadoras do estudo foram apenas envolvidos os participantes reformados, a sua totalidade foi envolvida nos estudos psicométricos dos instrumentos.

Os três instrumentos demonstraram ser medidas válidas dos constructos que pretendem avaliar, quer em termos de fiabilidade (consistência interna avaliada com base no Alfa de Cronbach) quer em termos de validade (validade fatorial, convergente e discriminante).

Tendo-se obtido uma estrutura fatorial semelhante à da escala original, cuja validade é corroborada pela validade convergente e determinante, e tendo sido obtidos valores de α que apontam para uma Boa fiabilidade da escala e entre Fraca (apenas numa das subescalas) e Muito boa nas subescalas, podemos encarar a versão portuguesa do ACPQ como uma medida válida da participação comunitária, quer em termos globais quer no que respeita aos 14 tipos de participação. Já no que se refere às suas dimensões, apesar da fiabilidade decorrente dos valores de α encontrados, verifica-se alguma desadequação das mesmas, quer no que respeita à validade fatorial quer no que respeita à validade convergente e discriminante.

Também a versão portuguesa do SCI-2 se assumiu como uma medida fiável do sentimento de comunidade em termos globais. No entanto, e apesar da sua fiabilidade se ter demonstrado razoável, as suas subescalas não apresentam validade fatorial nem discriminante, pelo que não consideramos totalmente adequada a sua utilização nesta versão do SCI-2.

Tendo em conta a adequação da sua consistência interna (quer em termos globais, quer nas suas subescalas, quer na suas dimensões) e a sua estrutura fatorial, podemos considerar o IDPC como uma medida válida dos determinantes da participação comunitária, quer em termos globais quer no que respeita às suas seis subescalas. Relativamente às suas dimensões, apesar de se verificar uma consistência interna bastante adequada, estas não apresentam validade fatorial, uma vez que não foi possível derivá-las através da AFE.

No que respeita ao estudo da participação comunitária e do sentimento de comunidade nos reformados da cidade, em primeiro lugar, os resultados apontam para baixos níveis de contacto social com os colegas de trabalho, educação de adultos, prática religiosa, atividades organizadas da comunidade, expressão pública de opiniões e ativismo comunitário. Apesar disso, por comparação aos não reformados, os reformados apenas obtêm valores significativamente mais baixos no contacto social com colegas de trabalho e na educação de adultos e mais elevados no contacto com vizinhos, resultados que se aproximam dos obtidos por Berry (2008) e por Olesen e Berry (2011) que indicam uma tendência para a diminuição dos níveis de participação comunitária com a idade, nomeadamente na altura do abandono do mercado de trabalho. Neste contexto, os resultados sugerem que a manutenção de uma atividade profissional durante a reforma (mesmo que a tempo parcial ou sazonal) pode ter um efeito positivo nos níveis de participação comunitária.

Foram encontradas relações significativas entre algumas variáveis sociodemográficas e a participação comunitária, nomeadamente o sexo, o estado civil, o nível profissional, as habilitações escolares, o rendimento, o tempo de residência e o agregado familiar. Tal como no estudo de Berry *et al.* (2007) verificamos que as mulheres se encontram tendencialmente mais envolvidas na prática religiosa que os homens, os quais se encontram mais envolvidos nas atividades organizadas da comunidade e na expressão pública de opiniões. No que respeita ao estado civil, os viúvos obtêm níveis mais baixos no contacto com pessoas do agregado familiar e no interesse ativo nos assuntos da atualidade e mais elevados no contacto com a família alargada, enquanto os unidos de facto obtêm níveis mais baixos de contacto com a família alargada.

Também comum na literatura é a relação entre as habilitações escolares e o rendimento e a participação comunitária (Baum *et al.*, 2000, cit. por Ziersch *et al.*, 2011; Li *et al.*, 2010, cit. por Manhat e Amin, 2012; Săveanu, 2011; Hassan, 2012; Manhat e Amin, 2012), que no nosso estudo se revelou mais significativa no que respeita às atividades do setor do voluntariado. Estes resultados parecem indicar que as atividades do setor do voluntariado podem ser

encaradas como atividades tipificadoras do papel de reformado, no sentido descrito por Olesen e Berry (2011). Tendo estes reformados assumido papéis de maior especialização e responsabilidade durante a sua carreira profissional, o seu envolvimento em atividades produtivas, muitas vezes associadas a situações de poder e influência (como sejam as entidades promotoras de atividades de voluntariado, os clubes, as associações, entre outras), pode ser encarado como uma forma de manter um estatuto social semelhante ao que assumiram enquanto trabalhadores.

No que respeita à relação com o sentimento de comunidade, foram encontradas correlações significativas com o nível global de participação, com a amplitude da participação e com a maioria dos tipos de participação, à exceção do contacto com as pessoas do agregado familiar, do contacto com a família alargada, do contacto social com os colegas de trabalho e do protesto político. No entanto, algumas das correlações apresentam valores relativamente baixos ($< 0,40$), como acontece com a educação de adultos, a prática religiosa, as atividades do setor do voluntariado e a doação de dinheiro para a caridade.

Estes resultados encontram-se em linha com estudos anteriores, como os estudos italianos de Prezza, Amici e Tedeschi (2001, cit. por Marante, 2010), que concluem que as relações de vizinhança são um dos principais preditores do sentimento de comunidade, e o estudo de Mendes de Moraes (2010), acerca do sentimento de comunidade, das relações de vizinhança e do bem-estar, que concluiu que as relações de vizinhança contribuem para o sentimento de comunidade e, desta forma, para o bem-estar de uma amostra de residentes na alta de Lisboa. Já o estudo de Prezza e Constantini (1998, cit. por Marante, 2010) encontrou uma associação significativa entre o sentimento de comunidade e a participação em grupos ou associações.

Também Ornelas (2008), na revisão da literatura que efetuou, relata relações entre o sentimento de comunidade e o contacto com agentes políticos (neste estudo associado à expressão pública de opiniões), a colaboração na resolução de problemas comunitários (associado, por exemplo ao ativismo comunitário) e a participação em organizações locais, entre outras formas de participação comunitária.

Apesar de na generalidade estes resultados serem expectáveis e estarem de acordo com a literatura, surpreendeu-nos o facto de a prática religiosa, as atividades do setor do voluntariado e o protesto político (essencialmente associar-se a sindicatos ou partidos políticos) não apresentarem correlações muito significativas com os níveis de sentimento de comunidade, como demonstrado em alguns estudos prévios. Por exemplo, Elvas e Vargas

Moniz (2010), na revisão bibliográfica que enquadra o seu estudo sobre sentimento de comunidade e qualidade e satisfação de vida, identificam diversos autores que relatam uma relação entre o voluntariado e o sentimento de comunidade, enquanto Marante (2010), no seu estudo sobre o sentimento de comunidade, encontra uma relação significativa entre o ser-se praticante de uma religião e o sentimento de comunidade, o envolvimento na comunidade, a percepção de satisfação de necessidades na comunidade e a importância atribuída à comunidade.

Já a relação menos significativa encontrada entre o sentimento de comunidade e o protesto político ser justificada pela tese defendida por Mannarini e Fedi (2009, cit. por Severino de Jesus, 2013), como forma de explicar os casos em que a participação não se encontra associada ao sentimento de comunidade. Segundo as autoras, quando as pessoas têm um baixo sentimento de comunidade mas têm um sentido crítico em relação ao ambiente que as rodeia, este último pode ser suficiente enquanto ponto de partida para a participação.

Por outro lado, na nossa opinião, integrar um sindicato ou um partido político pode decorrer, em termos individuais, da identificação com valores e princípios de um grupo mais restrito de pessoas, por comparação à maioria. Em termos comunitários, assumir um papel de destaque em termos políticos pode contribuir para o aumento da percepção de diferenças em relação aos demais membros. Assim, hipoteticamente, pertencer a um sindicato ou partido político pode contribuir para aumentar o sentimento de comunidade em relação a essa comunidade de interesses e, ao mesmo tempo, diminuir o sentimento de comunidade em relação à comunidade geográfica (por exemplo, cidade ou concelho).

Apesar de encontradas relações com todos os determinantes da participação, as suas correlações com os níveis de participação são mais significativas nos fatores intrapessoais nomeadamente na atitude face à participação comunitária e na satisfação consigo e com as suas competências. Estes resultados estão de acordo com a literatura, nomeadamente, no que diz respeito à associação encontrada entre a participação e fatores intrapessoais como a autoestima e a confiança nas suas capacidades (Anderson, 2010), a depressão e as capacidades cognitivas (Li *et al.*, cit. por Minhat e Amin, 2012), a inteligência de liderança, as capacidades de comunicação e a capacidade de planeamento (Hassan, 2012).

No nosso estudo verifica-se que a satisfação consigo e com as suas competências apresenta relações significativas com as atividades organizadas da comunidade, com a doação de dinheiro para caridade e com o interesse ativo nos assuntos da atualidade enquanto a atitude

face à participação apresenta relações significativas com a educação de adultos, com as atividades organizadas da comunidade e com as atividades do setor do voluntariado. A atitude face à participação comunitária apresenta também uma relação significativa com a amplitude da participação.

Enquanto estar mais satisfeito consigo e com as suas competências se associa a níveis mais elevados de doação de dinheiro para caridade e de interesse ativo nos assuntos da atualidade, uma melhor atitude face à participação associa-se a níveis mais elevados de participação em educação de adultos e em atividades do setor do voluntariado.

Verificamos ainda que embora a satisfação consigo e as suas competências tenha uma relação com a maioria das formas de participação associadas às dimensões do envolvimento cívico e da participação política, a atitude face à participação comunitária encontra-se também relacionada (correlações significativas no nível 0,01) com algumas das formas de participação da dimensão da conectividade social informal, nomeadamente o contacto com os amigos e com os vizinhos. Nesta perspetiva, podemos assumir que estas formas mais básicas de participação social (ligadas à conectividade social informal) são influenciadas significativamente pela atitude face à participação comunitária mas não pela satisfação consigo e com as suas competências.

Tal como descrito por Crawford *et al.* (1991, cit. por Diniz e Motta, 2006) em relação à participação em atividades de lazer, também o nível global de participação dos reformados parece ser mais influenciado pelos fatores intrapessoais, seguido dos interpessoais e, por fim, pelos fatores estruturais. Nesta perspetiva, os fatores intrapessoais, por condicionarem a motivação para participar, assumem-se como os mais fortes determinantes, enquanto os estruturais, por serem mais distantes, se assumem como os mais fracos.

Apesar disto, quando analisamos a sua relação com os diferentes tipos de participação comunitária, verificamos que para alguns deles os determinantes estruturais (nomeadamente os relacionados com os serviços, ofertas e hábitos de participação) se assumem como mais preponderantes que os fatores interpessoais (nomeadamente no que respeita à participação em atividades organizadas da comunidade, à doação de dinheiro para caridade e à expressão pública de opiniões, por exemplo).

Estes resultados estão em linha com a literatura, que estabelece relações entre a participação e a falta de recursos da comunidade (Dukeshire e Thurlow, 2002) e a estrutura de oportunidades (Baum e Palmer, 2002, cit. por Ziersch *et al.*, 2011; Anderson, 2010),

nomeadamente equipamentos recreativos, espaços abertos e espaços de reunião (Baum e Palmer, 2002, cit. por Ziersch *et al.*, 2011).

Por fim, verifica-se ainda que a maioria dos determinantes da participação comunitária tem também uma relação significativa com o sentimento de comunidade. Apesar de, como acontece com a participação comunitária, a relação ser mais significativa com os fatores intrapessoais, verifica-se uma relação mais estreita (embora não muito mais significativa) entre os fatores interpessoais e estruturais e o sentimento de comunidade que entre estes e a participação comunitária. Uma vez que os fatores interpessoais incluem as perceções individuais sobre a rede social e o apoio e a atitude da família, dos amigos e dos vizinhos, parece-nos por demais justificável a sua relação com o sentimento de comunidade. Já no que respeita aos fatores estruturais, mais que as perceções individuais sobre o ambiente, os acessos e os meios de comunicação, são as perceções acerca dos serviços, ofertas e hábitos de participação que apresentam relações mais significativas com o sentimento de comunidade. Este resultado encontra-se de acordo com as várias investigações que demonstraram a existência de uma relação entre a satisfação com os serviços públicos disponíveis no local de residência e o sentimento de comunidade (p.e., Fried, 1982, cit. por Marante, 2010).

Com base nestes resultados propôs-se o projeto de intervenção *reformATIVA*, com vista à promoção do aumento dos níveis de participação e do sentimento de comunidade dos reformados da cidade de Serpa.

Tendo em conta os baixos níveis de participação encontrados na população reformada, este projeto propõe o seu aumento com base nas relações encontradas entre a participação comunitária, o sentimento de comunidade (mais elevada em determinadas formas de participação), os seus determinantes (nomeadamente a atitude face à participação) e as variáveis sociodemográficas (nomeadamente a situação profissional).

Apesar de ter um foco mais individual, no sentido em que se assumem como centrais as ações de aconselhamento e apoio à planeamento da reforma e ao empreendedorismo sénior propostas, este projeto inclui também uma visão mais comunitária e institucional uma vez que se pretende sensibilizar a comunidade geral e as instituições para a importância da participação cidadã nos processos de conceção e implementação de respostas. Através deste projeto, nomeadamente do Gabinete de Apoio à Reforma Ativa, pretendemos também promover uma maior articulação entre a procura e a oferta dessas respostas, a qual

esperamos que concorra para a maior adequação das ofertas às necessidades da população e, assim, para maiores níveis de participação.

A avaliação do projeto integrará avaliação *ex-ante*, *on-going* e *ex-post*. Numa fase inicial do projeto, e antes da intervenção propriamente dita, serão avaliadas as atitudes dos reformados e das instituições relativamente à participação na comunidade. Serão também recolhidos indicadores sobre as ofertas disponíveis para a população sénior, sobre a sua participação efetiva nas mesmas e sobre a sua participação comunitária global (com base na versão portuguesa do ACPQ). Estes dados servirão quer para orientar a intervenção quer para estabelecer comparações com os dados recolhidos durante o projeto e após o seu termo.

Apesar das preocupações metodológicas presentes na conceção e desenvolvimento desta investigação, os constrangimentos impostos pelo seu contexto de realização acabaram por resultar em algumas limitações práticas. O primeiro limite tem a ver com a sua natureza transversal, facto que não nos permite estabelecer relações de causalidade entre as variáveis deste estudo. O segundo limite tem a ver com a metodologia quantitativa adotada, a qual, apesar de ter permitido envolver neste estudo um superior número de participantes, o que torna os resultados potencialmente mais representativos, consideramos que é de certa forma mais limitada na compreensão do fenómeno da participação comunitária por utilizar estratégias de recolha de dados mais estanques e, por isso, menos sensíveis a outros aspetos do fenómeno. O terceiro limite relaciona-se com a natureza autorreportada dos dados recolhidos, os quais não se encontram validados com base em medidas objetivas, nomeadamente o IDPC. Apesar disso, existe na literatura evidência suficiente de que as perceções são altamente consistentes com as medidas objetivas (p.e., Idler e Benyamini, 1997, cit. por Berry e Welsh, 2010). O quarto limite tem a ver com a falta de representatividade de determinados grupos da nossa amostra (nomeadamente no que respeita às suas características sociodemográficas, como o estado civil, a situação profissional, a zona de residência e o agregado familiar), facto que faz com que alguns dos resultados deste estudo tenham de ser encarados com cautela. O quinto limite relaciona-se com as características dos dados e a amostra relativamente reduzida, que ditaram a impossibilidade de utilizar procedimentos estatísticos mais potentes, os quais poderiam reforçar os resultados do estudo. Por fim, o sexto limite tem a ver com a utilização de uma comunidade geográfica como referente para a avaliação do sentimento de comunidade, neste caso a cidade de Serpa. Neste contexto, a relação encontrada entre a participação comunitária e o sentimento de

comunidade não pode ser generalizada ao sentimento de comunidade em relação a outro tipo de comunidades (p.e., de interesses ou outro tipo de comunidade geográfica).

Apesar das limitações descritas, pelo facto de termos utilizado um conjunto compreensivo de formas de participação comunitária, consideramos que este estudo contribui para o conhecimento sobre as relações entre a participação comunitária e o sentimento de comunidade durante a reforma.

Referências bibliográficas

Agência Nacional para a Qualificação (2008) *QNQ – Quadro Nacional de Qualificações*, acessado a 19:09, junho 5, 2014 em: <http://www.catalogo.anqep.gov.pt/Home/QNQ>;

Anderson, P. (2010) What helps and hinders community participation, In Peter Anderson, Barriers to participation and inclusion, Available at: <http://www.psawa.com>

Arnstein, S. (1969) A ladder of citizen participation, *Journal of the American Institute of Planners*, 35, 216-224;

Barros de Oliveira, J. H. (2012) *Psicologia do idoso – temas complementares*, 2.ª Edição, Porto: Livpsic;

Berry, H. L. (2008) Social capital elite, excluded participators, busy working parents and aging, participating less: types of community participators and their mental health, *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*, 43 (7), 527-537;

Berry, H. L.; Rodgers, B. & Dear, K. B. (2007) Preliminary development and validation of an Australian community participation questionnaire: types of participation and associations with distress in a coastal community, *Social Science & Medicine*, 64, 1719-1737;

Berry, H. L. & Shipley, M. (2007) *Longing to belong: personal social capital and psychological distress in an Australian coastal region*, Canberra: Australian National University;

Berry, H. L. & Welsh, J. A. (2010) Social capital and health in Australia: an overview from the household income and labour dynamics in Australia survey, *Social Science & Medicine*, 70, 588-596;

Brown, K.; McGahan, L.; Alkhaledi, M.; Seah, D.; Howe, T. & Worrall, L. (2006) Environmental factors that influence the community participation of adults with aphasia: the perspective of service industry workers, *Aphasiology*, 20 (7), 595-615;

Chavis, D. M.; Lee, K. S. & Acosta, J. D. (2008) *The Sense of Community (SCI) Revised: The reliability and validity of the SCI-2*, Trabalho apresentado na 2.ª Conferência Internacional de Psicologia Comunitária, Lisboa, Portugal;

Crawford, D. W.; Jackson, E. L. & Godbey, G. (1991) A Hierarchical Model of Leisure Constraints, *Leisure Sciences*, 13, 309-320;

Diniz, F. & Motta, P. C. (2006) *Em busca de um modelo de restrição ao lazer para os consumidores de mais idade*, Comunicação apresentada no 30.º Encontro da ANPAD, 23 a 27 de Setembro, Salvador, Baía;

Direção Geral da Administração e do Emprego Público (2014) *Carreiras e remunerações*, acedido a 18:50, junho 5, 2014 em: <http://www.dgap.gov.pt/index.cfm?OBJID=bac1756c-b581-4fd5-8d21-853195c528b6>;

Doherty, G. (2008) *Good Practice Guide to Community Participation*, Dublin: City Organizations Network / North Wets Inner City Network;

Dukeshire, S. & Thurlow, J. (2002) *Challenges and barriers to community participation in policy development*, Rural Communities Impacting Policy Project, Atlantic Health Promotion Research Centre, Halifax, Nova Scotia;

Elvas, S. & Vargas Moniz, M. J. (2010) Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida, *Análise Psicológica*, 3 (XXVIII), 451-464;

Fernandes, H.; Vasconcelos-Raposo, J.; Pereira, E.; Ramalho, J. & Oliveira, S. (2009) A influência da atividade física na saúde mental positiva de idosos, *Motricidade – Revista da Fundação Técnica e Científica do Desporto*, 5 (1), 33-50;

Fontaine, R. (2000) *Psicologia do envelhecimento*, 1.ª Edição, Lisboa: Climepsi Editores;

Fortuna da Silva, A. M. (2012) Sentido de comunidade e bem-estar em idosos: contribuição para a construção de uma escala de sentido de comunidade em idosos, dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto: Universidade do Porto;

Hassan, I. B. (2012) *Determinants of community participation in government funded projects in Kenya: case of Mandera West constituency*, acedido a 18:15, outubro 5, 2013 em: <http://erepository.uonbi.ac.ke:8080/xmlui/handle/12356789/7179>;

Hill, M. M. & Hill, A. (2005) *Investigação por questionário*, 2.ª Edição, Lisboa: Edições Sílabo;

Instituto Nacional de Estatística (2012) *Censos 2011 – Resultados Definitivos – Portugal*, Lisboa: Instituto Nacional de Estatística;

Kenny, A.; Hyett, N.; Sawtell, J.; Dickson-Swift, V.; Farmer, J. & O'Meara, P. (2013) Community participation in rural health: a scoping review, *BMC Health Services Research*, 13:64;

- Marante, L. (2010) *A reconstrução do sentido de comunidade: implicações teórico-metodológicas no trabalho sobre a experiência de sentido de comunidade*, Tese de mestrado, Lisboa: Faculdade de Psicologia da Universidade Nova;
- Maroco, J. (2007) *Análise estatística – Com utilização do SPSS*, 3.ª Edição, Lisboa: Edições Sílabo;
- Mendes de Moraes, S. (2010) *Viver na Alta de Lisboa: o impacto do sentimento psicológico de comunidade e das relações de vizinhança no bem-estar*, dissertação de mestrado, Lisboa: ISCTE-UL;
- Minhat, H. S. & Amin, R. M. (2012) Sociodemographic determinants of leisure participation among elderly in Malaysia, *Journal of Community Health*, 37, 840-847;
- Olesen, S. C. & Berry, H. L. (2011) Community participation and mental health during retirement in community sample of Australians, *Aging & Mental Health*, Vol. 15, No. 2, 186-197;
- Organização Mundial de Saúde (2005), *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*, Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde;
- Ornelas, J. (2003) Participação, empowerment e liderança comunitária. In José Ornelas & Susana Maria (Eds.), *III Conferência de Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental: Participação, Empowerment e Liderança Comunitária* (pp. 5-13), Lisboa: ISPA;
- Ornelas, J. (2008) *Psicologia comunitária*, Lisboa: Fim de Século;
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2005) *Análise de dados para ciências sociais – a complementaridade do SPSS*, 4.ª Edição, Lisboa: Edições Sílabo;
- Ribeiro, O. & Paúl, C. (2011) *Manual de envelhecimento activo*, Lisboa: Lidel;
- Rose, A.; Hennis, A. & Hambleton, I. (2008) Sex and the city: differences in disease- and disability-free life years, and active community participation of elderly men and women in 7 cities in Latin America and the Caribbean, *BMC Public Health*, 8, 127;
- Săveanu, T. (2011) Determinants of community participation in Oradea, *The Annals of the University of Oradea*, N.º 1, 221-227;

Santos, C. B. (2012) Fatores motivacionais e barreiras para a prática de atividade física em pessoas idosas – Revisão da literatura, *EFDeportes.com – Revista Digital*, N.º 170;

Serrano, G. P. (2004) *Pedagogía social – Educación social – construcción científica y intervención práctica*, Madrid: Nancea;

Severino de Jesus, D. (2013) *Participação cívica e sentimento de comunidade de jovens imigrantes dos PALOP a residir em Portugal: um estudo descritivo*, Tese de mestrado, Lisboa: ISPA, Instituto Universitário;

Sotiriadou, P. & Wicker, P. (2013) Examining the participation patterns of an ageing population with disabilities in Australia, *Sport Management Review*, acessado a 17:50, outubro 5, 2013 em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.smr.2013.04.004>;

Talò, C., Mannarini, T., & Rochira, A. (2014) Sense of community and community participation: a meta-analytic review, *Social Indicators Research*, 117, 1-28;

Teodósio, A. I. (2013) *Luto na terceira idade após viuvez*, Tese de mestrado, Covilhã: Universidade da Beira Interior;

Toepoel, V. (2013) Ageing, leisure, and social connectedness: how could leisure help reduce social isolation in older people?, *Soc Indic Res*, 113, 355-372;

Thuy, N. & Berry, H. (2013) Social capital and mental health among mothers in Vietnam who have children with disabilities, *Glob Health Action*, 6: 18886;

União Europeia (2011) *2012 – Ano Europeu do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre Gerações*, acessado a 19:24, outubro 3, 2013 em: http://ec.europa.eu/portugal/comissao/destaques/20110711_2012_ano_europeu_envelhecimento_activo_solidariedade_geracoes_pt.htm;

Vaz, R. & Nodin, N. (2005) A importância do exercício físico nos anos maduros da sexualidade, *Análise Psicológica*, 3 (XXIII), 329-339;

Wates, N. (2000) *The Community Planning Handbook: How people can shape their cities, towns and villages in any part of the world*, London: Earthscan;

Ziersch, A., Osborne, K. & Baum, F. (2011), Local community group participation: who participates and what aspects of neighbourhood matter?, *Urban Policy and Research*, Vol. 29, N.º 4, 381-399.

Apêndices

Apêndice I – Guião de construção do IDPC

Dimensão	Subdimensão	Indicador	Questão
Restrições intrapessoais ¹	Caraterísticas sociodemográficas ⁸	Idade ^{2,4,15} / Sentir-se velho ¹⁷	1. Estou satisfeito/a com a minha idade
		Estado civil ⁵	2. Estou satisfeito/a com o meu estado civil
		Nível de educação ^{2,5,8,13,15}	3. Estou satisfeito/a com as minhas habilitações escolares
		Rendimento ^{3,8}	4. Estou satisfeito/a com o meu rendimento (ou o rendimento do meu agregado familiar)
	Fatores biológicos ¹⁹	Doença / Estado de saúde ^{4,14}	5. No geral, considero que a minha condição física é boa
			6. No geral, considero que a minha saúde é boa
	Fatores emocionais ¹⁹	Depressão (inclui humor e prazer) ^{6,14} / Mau humor ¹⁶	7. Sinto-me muito nervoso/a na maior parte do tempo
			8. Sinto-me triste e em baixo na maior parte do tempo, de tal modo que nada me consegue animar
			9. No geral, sinto-me uma pessoa feliz
			10. No geral, sinto-me satisfeito/a comigo próprio/a
	Fatores cognitivos ¹⁹	Perceção de benefícios / malefícios da atividade ^{14,16}	17. Considero que participar na minha comunidade é benéfico para mim
		Confiança nas capacidades pessoais / Confiança pessoal ³	11. Quando me dedico sou capaz de atingir os meus objetivos
		Capacidade de planeamento ¹³	12. Considero boa a minha capacidade de tomar decisões
		Capacidades cognitivas ⁶ / Inteligência ¹³	13. Considero boas as minhas competências intelectuais (escrever, fazer contas, ...)
		Competências de comunicação ¹³	14. Considero boas as minhas competências sociais (de comunicação, de me relacionar com os outros, de gerir conflitos, de ajudar os outros, ...)
	Fatores comportamentais ¹⁹	Outras competências	15. Considero boas as minhas competências manuais (bricolage, jardinagem, cozinhar, costurar, ...)
			16. Considero boas as minhas competências artísticas (artesanato, pintura, cerâmica, desenho, ...)
		Experiência prévia ¹⁷	18. Há já algum tempo que tenho o hábito de participar na minha comunidade
		Interesse na atividade ¹⁴	19. Considero-me uma pessoa interessada em participar na minha comunidade
		Motivação ^{14,16}	20. Considero-me uma pessoa motivada para participar na minha comunidade
		Compromissos familiares / Outros compromissos ¹⁴	21. Tenho tempo disponível para participar na minha comunidade

Restrições interpessoais ¹	Situação familiar	Viver com outras pessoas ⁵ / Ter filhos em casa ⁸ / Presença de cônjuge / relação ^{7, 15}	Informação recolhida nos dados sociodemográficos
		Protecionismo familiar ³	22. Estou satisfeito/a com a minha situação familiar (viver sozinho, com cônjuge, com filhos, ...)
	Rede social	Rede social ¹⁸ / Isolamento social ¹⁴ / Densidade / intensidade das redes sociais ²	23. No geral, estou satisfeito/a com a minha rede de relações (família, amigos, vizinhos, ...)
		Falta de amigos ³	24. Estou satisfeito/a com a minha rede familiar (número de familiares, frequência de contactos, ...)
			25. Estou satisfeito/a com a minha rede de amigos (número de amigos, frequência de contactos, ...)
			26. Estou satisfeito/a com a minha rede de vizinhos (número de vizinhos, frequência de contactos, ...)
	Apoio social	Apoio social ^{14, 16}	27. No geral, considero que as pessoas me apoiam (família, amigos, vizinhos, ...)
			28. No geral, considero que a minha família me apoia
	29. No geral, considero que os meus amigos me apoiam		
	30. No geral, considero que os meus vizinhos me apoiam		
Atitude das pessoas	Atitude dos pares em relação à atividade ¹⁴ / Atitude das pessoas à sua volta (a forma de agir) ¹⁸	31. No geral, as pessoas que me rodeiam têm uma atitude positiva em relação a mim (família, amigos, vizinhos ...)	
	Observação de modelos ¹⁴	32. No geral, a minha família tem uma atitude positiva em relação a mim	
	Ir com outras pessoas ¹⁶	33. No geral, os meus amigos têm uma atitude positiva em relação a mim	
	Estímulo dos outros ¹⁴	34. No geral, os meus vizinhos têm uma atitude positiva em relação a mim	
	Hostilidade da comunidade ³	35. No geral, os funcionários dos serviços da minha comunidade têm uma atitude positiva em relação a mim	
	Acessibilidades físicas (...) / Terreno, estradas e distâncias (...) ¹⁸ / Orientação do bairro para os piões ¹⁰	36. Considero adequados os acessos da minha cidade (acesso aos edifícios, distâncias, trânsito, pavimentos, ...)	
Restrições estruturais ¹	Infraestruturas	Clima ¹⁶ / Espaços abertos ⁹	37. Considero adequado o ambiente da minha cidade (clima, ruído, espaços verdes, ...)
		Segurança ^{11, 14} / Grafitis ⁹ / Vandalismo ⁹ / Crime ^{9, 11}	38. Considero a minha cidade segura (iluminação, animais selvagens, trânsito, crime, ...)
		Infraestruturas públicas (...) ¹⁸	39. Considero adequados os serviços públicos disponíveis na minha cidade (transportes, serviços municipais, bombeiros, ...)
			40. Considero adequados os meios de comunicação disponíveis na minha cidade (telefone, televisão, internet, rádio, ...)

			Serviços de saúde e sociais (...) ¹⁸		41. Considero adequados os serviços de saúde disponíveis na minha cidade (médicos, exames, serviço de urgência, ...)
			Serviços de educação (...) ¹⁸		42. Considero adequados os serviços de apoio social disponíveis na minha cidade (serviços de orientação, centros de convívio, ...)
	Ofertas				43. Considero adequados os equipamentos e ofertas educativas disponíveis na minha cidade (escolas, formação profissional, ...)
					44. Considero adequadas as ofertas dos grupos organizados da minha cidade (grupos de autoajuda, associações de reformados, escuteiros, ...)
			Serviços das organizações da comunidade (...) ¹⁸		45. Considero adequadas as ofertas culturais disponíveis na minha cidade (cinema, teatro, música, ...)
					46. Considero adequadas as ofertas turísticas disponíveis na minha cidade (visitas guiadas, excursões, monumentos, ...)
			Falta de acesso à informação ¹²		47. Considero adequada a informação sobre as ofertas disponíveis na minha cidade (culturais, educativas, recreativas, ...)
			Custo da oferta / condições financeiras ^{14, 16}		48. Considero adequados os custos financeiros associados às ofertas disponíveis na minha cidade (culturais, educativas, recreativas, ...)
		Níveis de participação	Níveis de participação comunitária ⁸		49. No geral, as pessoas têm por hábito participar na minha comunidade

¹ Modelo de Restrição ao Lazer (Crawford, Jackson e Godby, 1991)

² Săveanu (2011)

³ Anderson (2010)

⁴ Rose, Hennis e Hambleton (2008)

⁵ Minhat e Amin (2012)

⁶ Li, Chang, Yeh e Lou (2010)

⁷ Satarino, Haight e Tager (2002)

⁸ Ziersch et al. (2011)

⁹ Baum e Palmer (2002)

¹⁰ Bowling e Stafford (2007)

¹¹ p.e. Crank, Giacomazzi e Heck (2003)

¹² Dukeshire e Thurlow (2002)

¹³ Hassan (2012)

¹⁴ Santos (2012)

¹⁵ Sotiriadou e Wicker (2013)

¹⁶ Rogerson et al. (2012)

¹⁷ Booth et al. (1997)

¹⁸ Fougeyrollas, Noreau, St Michel e Boschen (1999)

¹⁹ Bronfenbrenner e Morris (2006)

Apêndice II – Instrumento de recolha de dados

Termo de consentimento livre e esclarecido (versão reformados)

Objetivo da investigação: O objetivo desta investigação é perceber o impacto dos diferentes tipos de participação comunitária no sentimento de comunidade dos reformados da cidade de Serpa, assim como identificar os fatores que facilitam ou dificultam a sua participação na comunidade.

Procedimento: No âmbito da investigação ser-lhe-á realizada uma entrevista, na qual serão solicitadas algumas informações gerais. A entrevista, que poderá durar cerca de 30 minutos, consiste na aplicação de um questionário de avaliação, que será posteriormente analisado.

Nenhuma informação que o/a identifique será incluída na investigação e no trabalho final. O seu nome será substituído por um código.

Riscos: Poderá sentir alguma inconveniência relacionada com o tempo envolvido na entrevista.

Alternativas: Terá sempre a alternativa de parar a entrevista ou não ser entrevistado/a sempre que prefira não disponibilizar qualquer tipo de informação. Pode recusar-se a responder a qualquer questão.

Disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas: Tem o direito a colocar, em qualquer momento da investigação, qualquer questão acerca da mesma.

Coerção ou interrupção do depoimento: A investigação não afetará de nenhuma forma a sua participação na instituição que frequenta (Academia Sénior, Centro de Convívio, ...). Caso decida participar na investigação pode retirar o seu consentimento ou interromper a sua participação em qualquer altura.

Custos: A sua participação não terá qualquer custo para si.

Declaro que: ☐ Aceito participar ☐ Não aceito participar

Assinatura do/a participante: _____

Assinatura do mestrando: _____

Consentimento verbal ☐

Data: ____ / ____ / ____

Termo de consentimento livre e esclarecido (versão não reformados)

Objetivo da investigação: O objetivo desta investigação é validar o *Australian Community Participation Questionnaire* e o *Sense of Community Index II* numa amostra da população portuguesa, neste caso, uma amostra de residentes na cidade de Serpa.

O processo de validação destes instrumentos, apesar de independente, é complementar a um outro estudo que estamos a realizar, o qual pretende clarificar o impacto dos diferentes tipos de participação comunitária no sentimento de comunidade dos reformados da cidade de Serpa, assim como identificar os fatores que facilitam ou dificultam a sua participação na comunidade.

Procedimento: No âmbito desta investigação ser-lhe-á solicitado a resposta a cada um dos instrumentos anteriormente indicados. Ser-lhe-ão solicitadas também algumas opiniões pessoais e algumas informações gerais.

Nenhuma informação que o/a identifique será incluída na investigação e no trabalho final. O seu nome será substituído por um código.

Riscos: Poderá sentir alguma inconveniência relacionada com o tempo envolvido na resposta aos instrumentos, aproximadamente 30 minutos.

Alternativas: Terá sempre a alternativa de não responder sempre que prefira não disponibilizar qualquer tipo de informação. Pode recusar-se a responder a qualquer questão.

Disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas: Tem o direito a colocar, em qualquer momento da investigação, qualquer questão acerca da mesma.

Coerção ou interrupção do depoimento: A investigação não afetará de nenhuma forma a sua vida. Caso decida participar na investigação pode retirar o seu consentimento ou interromper a sua participação em qualquer altura.

Custos: A sua participação não terá qualquer custo para si.

Declaro que: ☐ Aceito participar ☐ Não aceito participar

Assinatura do/a participante: _____

Assinatura do mestrando: _____

Consentimento verbal ☐

Data: ____ / ____ / ____

PARTE I – QUESTIONÁRIO DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

(Adaptação do Australian Community Participation Questionnaire, Berry *et al.*, 2007)

PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA (Berry *et al.*, 2007)

Estas questões perguntam acerca da frequência com que vê outras pessoas ou se envolve em diferentes atividades no seu bairro ou comunidade. Por favor, assinale com uma cruz o número que, relativamente a cada afirmação, mais se aproxima da sua opinião.

		Nunca ou quase nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito frequentemente	Sempre ou quase sempre
Contacto com pessoas do agregado familiar								
1	Vejo as pessoas do meu agregado familiar no início do dia	1	2	3	4	5	6	7
2	Faço a minha refeição principal com as pessoas do meu agregado familiar	1	2	3	4	5	6	7
Contacto com a família alargada								
3	Vejo os membros da minha família alargada em pessoa	1	2	3	4	5	6	7
4	Passo tempo a fazer coisas com pessoas da minha família alargada	1	2	3	4	5	6	7
Contacto com amigos/as								
5	Reservo tempo para manter contacto com os meus amigos	1	2	3	4	5	6	7
6	Os meus amigos vêm a minha casa ou eu vou a casa deles	1	2	3	4	5	6	7
Contacto com vizinhos/as								
7	Os meus vizinhos contam-me as suas novidades ou eu conto-lhes as minhas	1	2	3	4	5	6	7
8	Converso com os meus vizinhos	1	2	3	4	5	6	7
Contacto social com colegas de trabalho								
9	Socializo com os meus colegas de trabalho antes do trabalho, depois do trabalho ou durante os intervalos	1	2	3	4	5	6	7
10	Passo as minhas pausas para almoço ou lanche com os meus colegas de trabalho	1	2	3	4	5	6	7

		Nunca ou quase nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito frequentemente	Sempre ou quase sempre
Educação de adultos								
11	Sempre que posso, vou a cursos ou aulas noturnas	1	2	3	4	5	6	7
12	Estudo, faço trabalhos ou exames para obter uma qualificação	1	2	3	4	5	6	7
Prática religiosa								
13	Reservo tempo para ir a serviços religiosos em locais de culto	1	2	3	4	5	6	7
14	Vou a encontros de oração com outras pessoas que partilham das minhas crenças	1	2	3	4	5	6	7
Atividades organizadas da comunidade								
15	Participo ativamente em atividades de grupo organizadas na minha comunidade	1	2	3	4	5	6	7
16	Sou um membro ativo de, pelo menos, uma associação, clube desportivo ou de tempos livres da minha comunidade	1	2	3	4	5	6	7
17	Participo em eventos onde as pessoas se juntam (como festas, espetáculos, festivais ou outros eventos comunitários)	1	2	3	4	5	6	7
Atividades do setor do voluntariado								
18	Faço parte de comissões organizadoras de grupos de voluntariado ou sem fins lucrativos	1	2	3	4	5	6	7
19	No meu tempo livre sou voluntário em comissões organizadoras de clubes, grupos comunitários ou outras organizações sem fins lucrativos	1	2	3	4	5	6	7
Doação de dinheiro para caridade								
20	Dou dinheiro para caridade, se me for pedido	1	2	3	4	5	6	7
21	Se me for pedido, compro produtos vendidos por instituições de caridade	1	2	3	4	5	6	7
22	Assino petições, se concordo com a causa	1	2	3	4	5	6	7

		Nunca ou quase nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito frequentemente	Sempre ou quase sempre
Interesse ativo nos assuntos da atualidade								
23	Falo sobre assuntos da atualidade com outras pessoas	1	2	3	4	5	6	7
24	Leio artigos no jornal sobre assuntos da atualidade nacional e internacional	1	2	3	4	5	6	7
Expressão pública de opiniões								
25	Se necessário, falo com um político local acerca de problemas da atualidade	1	2	3	4	5	6	7
26	Contacto com políticos ou representantes do poder local acerca de assuntos relacionados comigo	1	2	3	4	5	6	7
Ativismo comunitário								
27	Encorajo outros a juntarem-se a um grupo envolvido nos problemas da atualidade	1	2	3	4	5	6	7
28	Contacto outros membros do meu grupo de assuntos da atualidade para os relembrar de uma reunião, do pagamento das suas quotas, etc.	1	2	3	4	5	6	7
Protesto político								
29	Associo-me a sindicatos, partidos políticos ou grupos que estão a favor ou contra algo	1	2	3	4	5	6	7
30	Vou a reuniões de um sindicato, partido político ou grupo que está a favor ou contra algo	1	2	3	4	5	6	7

PERCEÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA (Berry & Shipley, 2007; Berry, 2009)

Estas questões perguntam se passa, ou não, pouco tempo a participar na sua comunidade e se gosta, ou não, do tempo que passa a participar na sua comunidade. Por favor, assinale com uma cruz o número que, relativamente a cada afirmação, mais se aproxima da sua opinião.

	Discordo muito	Discordo	Discordo um pouco	Não discordo nem concordo	Concordo um pouco	Concordo	Concordo muito
Passo muito pouco tempo ...							
1 ... com os membros do meu agregado familiar	1	2	3	4	5	6	7
2 ... com a minha família alargada	1	2	3	4	5	6	7
3 ... com os meus amigos	1	2	3	4	5	6	7
4 ... com os meus vizinhos	1	2	3	4	5	6	7
5 ... em serviços religiosos	1	2	3	4	5	6	7
6 ... em atividades organizadas da comunidade	1	2	3	4	5	6	7
7 ... a ter interesse em assuntos da atualidade	1	2	3	4	5	6	7
	Discordo muito	Discordo	Discordo um pouco	Não discordo nem concordo	Concordo um pouco	Concordo	Concordo muito
Gosto de passar o tempo ...							
1 ... com os membros do meu agregado familiar	1	2	3	4	5	6	7
2 ... com a minha família alargada	1	2	3	4	5	6	7
3 ... com os meus amigos	1	2	3	4	5	6	7
4 ... com os meus vizinhos	1	2	3	4	5	6	7
5 ... em serviços religiosos	1	2	3	4	5	6	7
6 ... em atividades organizadas da comunidade	1	2	3	4	5	6	7
7 ... a ter interesse em assuntos da atualidade	1	2	3	4	5	6	7

PARTE II – ÍNDICE DE SENTIMENTO DE COMUNIDADE II

Adaptação do Sense of Community Index – SCI-2 (Chavis, Lee & Acosta, 2008)

As seguintes questões sobre a comunidade referem-se à cidade onde vive.

A. Para si, qual a importância de partilhar um sentimento de comunidade com os demais membros deste local?

Assinale com um |X| a sua resposta.

1	2	3	4	5	6
Preferia não fazer parte desta comunidade	Não é nada importante	Não é muito importante	É um pouco importante	É importante	É muito importante
_	_	_	_	_	_

B. De que modo cada uma das seguintes afirmações representa a forma como se sente em relação a esta comunidade?

		0	1	2	3
	<i>Assinale com um X as suas respostas.</i>	Nada	De alguma forma	Em grande parte	Totalmente
1	Consigo que importantes necessidades minhas sejam satisfeitas por fazer parte desta comunidade.	_	_	_	_
2	Os membros da comunidade e eu valorizamos as mesmas coisas.	_	_	_	_
3	Esta comunidade tem sido bem-sucedida na satisfação das necessidades dos seus membros.	_	_	_	_
4	Ser membro desta comunidade faz com que eu me sinta bem.	_	_	_	_
5	Quando tenho um problema posso conversar sobre ele com os membros desta comunidade.	_	_	_	_
6	As pessoas nesta comunidade têm necessidades, prioridades e objetivos semelhantes.	_	_	_	_
7	Posso confiar nas pessoas desta comunidade.	_	_	_	_
8	Reconheço a maioria dos membros desta comunidade.	_	_	_	_

<i>Assinale com um [X] as suas respostas.</i>		Nada	De alguma forma	Em grande parte	Totalmente
9	A maioria dos membros desta comunidade conhece-me.	_	_	_	_
10	Esta comunidade tem símbolos e expressões característicos, tais como roupas, sinais, arte, arquitetura, logotipos, marcos e bandeiras que as pessoas conseguem reconhecer.	_	_	_	_
11	Dedico muito tempo e esforço para fazer parte desta comunidade.	_	_	_	_
12	Ser um membro desta comunidade faz parte da minha identidade.	_	_	_	_
13	Integrar-me / Estar integrado nesta comunidade é importante para mim.	_	_	_	_
14	Esta comunidade pode influenciar outras comunidades.	_	_	_	_
15	Importo-me com o que outros membros da comunidade pensam sobre mim.	_	_	_	_
16	Tenho influência sobre o que esta comunidade é.	_	_	_	_
17	Se há um problema nesta comunidade, os seus membros conseguem resolvê-lo.	_	_	_	_
18	Esta comunidade tem bons líderes.	_	_	_	_
19	Ser parte desta comunidade é muito importante para mim.	_	_	_	_
20	Passo bastante tempo com outros membros da comunidade e gosto de estar com eles.	_	_	_	_
21	Espero fazer parte desta comunidade por muito tempo.	_	_	_	_
22	Os membros desta comunidade têm partilhado importantes eventos juntos, tais como feriados, festas ou dificuldades.	_	_	_	_
23	Sinto-me otimista em relação ao futuro desta comunidade.	_	_	_	_
24	Os membros desta comunidade preocupam-se uns com os outros.	_	_	_	_

PARTE III – CARACTERÍSTICAS PESSOAIS, RELACIONAIS E COMUNITÁRIAS

Caraterísticas Pessoais		Discordo totalmente	Discordo	Discordo em parte	Concordo em parte	Concordo	Concordo totalmente
As afirmações que se seguem têm a ver com as suas características pessoais. Pedimos-lhe que nos indique o seu grau de concordância com cada uma delas, tendo em conta a sua experiência pessoal.							
Assinale com um X a opção que mais se aproxima da sua opinião (de 0 a 6).							
1	Estou satisfeito/a com a minha idade	1	2	3	4	5	6
2	Estou satisfeito/a com o meu estado civil	1	2	3	4	5	6
3	Estou satisfeito/a com as minhas habilitações escolares	1	2	3	4	5	6
4	Estou satisfeito/a com o meu rendimento (ou o rendimento do meu agregado familiar)	1	2	3	4	5	6
5	No geral, considero que a minha condição física é boa	1	2	3	4	5	6
6	No geral, considero que a minha saúde é boa	1	2	3	4	5	6
7	Sinto-me muito nervoso/a na maior parte do tempo	1	2	3	4	5	6
8	Sinto-me triste e em baixo na maior parte do tempo, de tal modo que nada me consegue animar	1	2	3	4	5	6
9	No geral, sinto-me uma pessoa feliz	1	2	3	4	5	6
10	No geral, sinto-me satisfeito/a comigo próprio/a	1	2	3	4	5	6
11	Quando me dedico sou capaz de atingir os meus objetivos	1	2	3	4	5	6
12	Considero boa a minha capacidade de tomar decisões	1	2	3	4	5	6
13	Considero boas as minhas competências intelectuais (escrever, fazer contas, ...)	1	2	3	4	5	6
14	Considero boas as minhas competências sociais (de comunicação, de me relacionar com os outros, de gerir conflitos, de ajudar os outros, ...)	1	2	3	4	5	6
15	Considero boas as minhas competências manuais (bricolage, jardinagem, cozinhar, costurar, ...)	1	2	3	4	5	6
16	Considero boas as minhas competências artísticas (artesanato, pintura, cerâmica, desenho, ...)	1	2	3	4	5	6
17	Considero que participar na minha comunidade é benéfico para mim	1	2	3	4	5	6
18	Há já algum tempo que tenho o hábito de participar na minha comunidade	1	2	3	4	5	6
19	Considero-me uma pessoa interessada em participar na minha comunidade	1	2	3	4	5	6
20	Considero-me uma pessoa motivada para participar na minha comunidade	1	2	3	4	5	6
21	Tenho tempo disponível para participar na minha comunidade	1	2	3	4	5	6

Relação com os outros		Discordo totalmente	Discordo	Discordo em parte	Concordo em parte	Concordo	Concordo totalmente
As afirmações que se seguem têm a ver com as suas relações com as outras pessoas. Pedimos-lhe que nos indique o seu grau de concordância com cada uma delas, tendo em conta a sua experiência pessoal.							
Assinale com um <u>X</u> a opção que mais se aproxima da sua opinião (de 0 a 6).							
22	Estou satisfeito/a com a minha situação familiar (viver sozinho, com cônjuge, com filhos, ...)	1	2	3	4	5	6
23	No geral, estou satisfeito/a com a minha rede de relações (família, amigos, vizinhos, ...)	1	2	3	4	5	6
24	Estou satisfeito/a com a minha rede familiar (número de familiares, frequência de contactos, ...)	1	2	3	4	5	6
25	Estou satisfeito/a com a minha rede de amigos (número de amigos, frequência de contactos, ...)	1	2	3	4	5	6
26	Estou satisfeito/a com a minha rede de vizinhos (número de vizinhos, frequência de contactos, ...)	1	2	3	4	5	6
27	No geral, considero que as pessoas me apoiam (família, amigos, vizinhos, ...)	1	2	3	4	5	6
28	No geral, considero que a minha família me apoia	1	2	3	4	5	6
29	No geral, considero que os meus amigos me apoiam	1	2	3	4	5	6
30	No geral, considero que os meus vizinhos me apoiam	1	2	3	4	5	6
31	No geral, as pessoas que me rodeiam têm uma atitude positiva em relação a mim (família, amigos, vizinhos ...)	1	2	3	4	5	6
32	No geral, a minha família tem uma atitude positiva em relação a mim	1	2	3	4	5	6
33	No geral, os meus amigos têm uma atitude positiva em relação a mim	1	2	3	4	5	6
34	No geral, os meus vizinhos têm uma atitude positiva em relação a mim	1	2	3	4	5	6
35	No geral, os funcionários dos serviços da minha comunidade têm uma atitude positiva em relação a mim	1	2	3	4	5	6

Caraterísticas da Comunidade		Discordo totalmente	Discordo	Discordo em parte	Concordo em parte	Concordo	Concordo totalmente
As afirmações que se seguem têm a ver com as características da sua comunidade. Pedimos-lhe que nos indique o seu grau de concordância com cada uma delas, tendo em conta a sua cidade.							
Assinale com um <u>X</u> a opção que mais se aproxima da sua opinião (de 0 a 6).							
36	Considero adequados os acessos da minha cidade (acesso aos edifícios, distâncias, trânsito, pavimentos, ...)	1	2	3	4	5	6
37	Considero adequado o ambiente da minha cidade (clima, ruído, espaços verdes, ...)	1	2	3	4	5	6
38	Considero a minha cidade segura (iluminação, animais perigosos, trânsito, crime, ...)	1	2	3	4	5	6
39	Considero adequados os serviços públicos disponíveis na minha cidade (transportes, serviços municipais, bombeiros, ...)	1	2	3	4	5	6
40	Considero adequados os meios de comunicação disponíveis na minha cidade (telefone, televisão, internet, rádio, ...)	1	2	3	4	5	6
41	Considero adequados os serviços de saúde disponíveis na minha cidade (médicos, exames, serviço de urgência, ...)	1	2	3	4	5	6
42	Considero adequados os serviços de apoio social disponíveis na minha cidade (serviços de orientação, centros de convívio, ...)	1	2	3	4	5	6
43	Considero adequados os equipamentos e ofertas educativas disponíveis na minha cidade (escolas, universidade sénior, formação profissional, ...)	1	2	3	4	5	6
44	Considero adequadas as ofertas dos grupos organizados da minha cidade (grupos de autoajuda, associações de reformados, escuteiros, ...)	1	2	3	4	5	6
45	Considero adequadas as ofertas culturais disponíveis na minha cidade (cinema, teatro, música, ...)	1	2	3	4	5	6
46	Considero adequadas as ofertas turísticas disponíveis na minha cidade (visitas guiadas, excursões, monumentos, ...)	1	2	3	4	5	6
47	Considero adequada a informação sobre as ofertas disponíveis na minha cidade (culturais, educativas, recreativas, ...)	1	2	3	4	5	6
48	Considero adequados os custos financeiros associados às ofertas disponíveis na minha cidade (culturais, educativas, recreativas, ...)	1	2	3	4	5	6
49	No geral, as pessoas têm por hábito participar na minha comunidade	1	2	3	4	5	6

PARTE IV – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

As questões que se seguem são acerca das suas características demográficas e socioeconómicas e serão usadas apenas para fins estatísticos.

1. Qual a sua idade (em anos)?

|_____| Por favor, escreva um número no espaço anterior

2. É ...

|_| 1. Homem |_| 2. Mulher

3. Qual o seu estado civil?

|_| 1. Solteiro/a |_| 2. Unido/a de fato |_| 3. Casado/a

|_| 4. Separado/a ou divorciado/a |_| 5. Viúvo/a

4. Qual a sua atual situação profissional?

|_| 1. Aposentado/a com atividade profissional a tempo integral

|_| 2. Aposentado/a com atividade profissional a tempo parcial / sazonal

|_| 3. Aposentado/a sem atividade profissional

|_| 4. Desempregado/a |_| 5. Empregado/a

|_| 6. Outro (descreva, por favor) _____

5. Caso esteja aposentado/a, há quantos anos se aposentou?

|_____| Por favor, escreva um número no espaço anterior

6. Qual a sua profissão atual? [ou] Qual a sua última profissão? [ou] Qual a sua profissão na altura em que se aposentou? _____

7. Quais as suas habilitações escolares?

☐ 1. Não sabe ler nem escrever ☐ 2. Sabe ler e escrever

☐ 3. 4.º ano (4.ª Classe) ☐ 4. 6.º ano (antigo 2.º ano)

☐ 5. 9.º ano (antigo 5.º ano) ☐ 6. 12.º ano

☐ 7. Superior

8. Em que categoria o total dos rendimentos do seu agregado se encaixa (depois de feitos descontos)?

☐ 1. Menos de 300€ ☐ 2. Entre 301€ e 500€ ☐ 3. Entre 501€ e 700€

☐ 4. Entre 701€ e 900€ ☐ 5. Entre 901€ e 1100€ ☐ 6. Entre 1101€ e 1300€

☐ 7. Entre 1301€ e 1500€ ☐ 8. Entre 1501€ e 2000€ ☐ 9. Mais de 2001€

9. Em que zona ou bairro da cidade de Serpa reside? _____

10. Há quantos anos vive neste sítio?

| Por favor, escreva um número no espaço anterior

11. Com quem vive?

☐ 1. Sozinho/a ☐ 2. Com cônjuge ou companheiro/a

☐ 3. Apenas com os filhos ☐ 4. Com a família (inclui pais, filhos, netos)

☐ 5. Outra (descreva, por favor) _____

Gratos pela colaboração!